



FACULDADE DE INHUMAS – FACMAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

AS POSSIBILIDADES DA ALIENAÇÃO E TOXICIDADES DAS MÍDIAS
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: desafios no processo de ensino-
aprendizagem nas escolas

INHUMAS – GO
2024

EDNA MARIA RIBEIRO

**AS POSSIBILIDADES DA ALIENAÇÃO E TOXICIDADES DAS MÍDIAS NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: desafios no processo de ensino-
aprendizagem nas escolas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Inhumas – FACMAIS, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte.

INHUMAS – GO

2024

Dados Internacionais de Catalogação e Publicação (CIP)

BIBLIOTECA CORA CORALINA - FacMais

R484p

RIBEIRO, Edna Maria.

AS POSSIBILIDADES DA ALIENAÇÃO E TOXICIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: Desafios no processo ensino-aprendizagem nas escolas. Edna Maria Ribeiro. – Inhumas: FacMais, 2024.

112 p.:il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Educação Superior de Inhumas - FacMais, Mestrado em Educação, 2024.

“Orientador: Prof. Dr. Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte.”

1. Mídias; 2. Alienação; 3. Toxicidade; 4. TDCI's; 5. Fake news. I. Título.

CDU: 37

**AS POSSIBILIDADES DA ALIENAÇÃO E TOXICIDADES DAS MÍDIAS NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: desafios no processo de ensino-
aprendizagem nas escolas.**

**Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da
Faculdade de Inhumas– PPGE/FACMAIS, aprovada em 11 de agosto de 2024.**

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champangnatte.
Presidente da Banca
Faculdade de Inhumas - FacMais

Prof.º Dr. Marcelo Máximo Purificação
Membro Convidado Interno
Faculdade de Inhumas- FacMais

Prof.^a Dra. Jacqueline de Cássia Pinheiro
Membro Convidado Externo
Universidade Estácio de Sá - UNESA

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

Nelson Mandela

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha mãe, Lázara, ao meu pai (*In Memoriam*) ao meu companheiro Richard, e especialmente minha filha, Maria Luísa, pela paciência, carinho e apoio incondicional nessa jornada.

Dedico, a todos os **educadores** que buscam constantemente inovar na Educação Pública, que acreditam no potencial de seus alunos, desafiam a meritocracia nas escolas e sonham com uma Educação baseada na liberdade e autonomia.

Dedico, aos **alunos** que tive o prazer de aprender, que me inspiraram a ser mais criativa, compreensiva e crítica, e que foram muito mais do que apenas números em um registro escolar.

Também dedico esta dissertação aos indivíduos que, de forma inexplicável, caminham conosco, compartilham suas experiências, sonham grandiosamente, inspiram-nos a ser melhores, ensinam-nos valiosas lições e amam a vida pela qual lutamos diariamente. Sua presença e influência têm sido essenciais em meu percurso acadêmico e pessoal, incentivando-me a buscar constantemente a melhoria e o aperfeiçoamento. A eles, minha gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou imensamente grata a Deus, o maior autor, por me sustentar em todos os momentos da minha vida. Agradeço também à minha mãe, Lázara, por seu amor incondicional e apoio inabalável. Ela sempre esteve ao meu lado, ajudando-me de todas as formas possíveis, aos cuidados com a minha filha Maria Luísa no período de ausência.

Em segundo lugar, gostaria de expressar minha gratidão ao meu companheiro, Richard, pela compreensão e paciência que teve nos momentos de dificuldades e ausência. Sua ajuda ao longo destes dois anos de Mestrado foi fundamental para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Também devo agradecer minha filha, Maria Luísa, que mesmo sem saber, me apoiou da melhor maneira possível com seus carinhos, beijos e declarações de amor, tanto nos momentos fáceis quanto nos difíceis. Ela é o meu maior amor e fonte de inspiração.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão ao meu orientador, professor Dr. Dostoiowski Mariatt de Oliveira Champagnatte, pela generosidade de seu tempo e valiosa contribuição para aprimorar esta pesquisa. Suas sugestões e críticas construtivas foram essenciais para elevar a qualidade deste estudo.

Também desejo agradecer aos professores e funcionários da FacMais pelo apoio incansável e dedicação que proporcionaram um ambiente acadêmico propício ao aprendizado. E aos meus colegas, agradeço por compartilhar suas experiências e inspirações, as quais foram fundamentais para a realização deste estudo.

Neste momento de agradecimentos, expresso minha profunda gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para o sucesso deste trabalho.

RESUMO

O estudo apresenta uma reflexão sobre os processos de alienação e toxicidades causados pelas mídias sociais na atualidade e os desafios no processo ensino-aprendizagem. A problemática envolve o uso excessivo das redes e plataformas digitais, as influências e implicações nas relações interpessoais. Questiona-se os problemas sociais e comportamentais resultantes do acesso às tecnologias digitais e as alterações na conduta individual, distorções de imagem, dependência, entre outros efeitos. **Objetivos:** analisar as possibilidades da alienação e toxicidades das mídias causados na sociedade contemporânea, e os desafios que surgem no processo de ensino-aprendizagem. De modo específico, conceituar e descrever o papel das redes sociais na propagação de informações falsas, o impacto e os desdobramentos da exposição virtual; compreender o papel da escola na educação para o uso das TDCI's, fundamentado em Marcuse, a propagação da alienação social e o caráter nocivo da disseminação de *fake news*. Ilustrar casos reais de indivíduos afetados negativamente por propagação de notícias falsas descritos na imprensa. Utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica documental com análise descritiva e recorte temporal de 2012 a 2022. **Resultados:** as mídias digitais direcionam os usuários por meio de filtros, apontando uma aparente gama de opções de conectividade; pode interferir na liberdade de escolha. O indivíduo experimenta a necessidade de postar sua rotina, pensando-se pertencente a um grupo ou comunidade, que, muitas vezes, o leva à solidão na vida real. Compartilham crenças, informações, desinformações, poder, conhecimento e recortes da realidade, criando uma identidade virtual diferente da vida real, conduzindo à perda da autonomia e senso crítico. O uso constante da tecnologia digital e a busca por aprovação virtual tem forte apelo entre os adolescentes. **Conclusão:** O ciberespaço e a funcionalidade das plataformas digitais apresentam novas linguagens, contudo, torna-se necessário uma postura crítica em relação aos discursos disseminados, opiniões conflituosas e à legitimidade do conteúdo. Nas escolas, a influência das redes sociais na subjetividade dos indivíduos pode afetar a visão de mundo. Sugere-se o desenvolvimento do letramento digital para lidar criticamente com os conteúdos virtuais. O docente pode aprender a manusear as TDCI's visando tornar o conteúdo interessante aos estudantes, incentivando-os à criticidade e reduzindo o poder de manipulação da opinião pública, disseminação e propagação de *fake news* em todos os ambientes de interação. A exposição constante a imagens virtuais sobrecarrega o sistema perceptivo, e a não verificação das informações resulta na replicação de discursos de ódio e preconceito, prejudicando o ambiente de convivência. Favorecer uma cultura de paz nas escolas por meio das plataformas digitais e combate das *fake news*, se configura um desafio de todos.

Palavras-chave: Mídias; Alienação; Toxicidade; TDCI's; Educação; *Fake news*.

ABSTRACT

The study presents a reflection on the processes of alienation and toxicities caused by social media today and the challenges in the teaching-learning process. The problem involves the excessive use of digital networks and platforms, the influences and implications on interpersonal relationships. It questions the social and behavioral problems resulting from access to digital technologies and changes in individual behavior, image distortions, dependence, among other effects. **Objectives:** to analyze the possibilities of alienation and media toxicities caused in contemporary society, and the challenges that arise in the teaching-learning process. Specifically, conceptualize and describe the role of social networks in the spread of false information, the impact and consequences of virtual exposure; understand the role of the school in education for the use of DICT's, based on Marcuse, the propagation of social alienation and the harmful character of the dissemination of fake news. Illustrate real-life cases of individuals negatively affected by the spread of fake news described in the press. The documentary bibliographic research method was used with descriptive analysis and time frame from 2012 to 2022. **Results:** digital media direct users through filters, pointing out an apparent range of connectivity options; it can interfere with freedom of choice. The individual experiences the need to post their routine, thinking of themselves as belonging to a group or community, which often leads to loneliness in real life. They share beliefs, information, misinformation, power, knowledge and slices of reality, creating a virtual identity that is different from real life, leading to the loss of autonomy and critical thinking. The constant use of digital technology and the search for virtual approval has strong appeal among teenagers. **Conclusion:** Cyberspace and the functionality of digital platforms present new languages, however, it is necessary to take a critical stance in relation to disseminated discourses, conflicting opinions and the legitimacy of content. In schools, the influence of social networks on the subjectivity of individuals can affect the worldview. The development of digital literacy to deal critically with virtual content is suggested. The teacher can learn how to handle the DICT's in order to make the content interesting to students, encouraging them to be critical and reducing the power of manipulation of public opinion, dissemination and propagation of fake news in all interaction environments. Constant exposure to virtual images overloads the perceptual system, and failure to verify information results in the replication of hate speech and prejudice, harming the living environment. Promoting a culture of peace in schools through digital platforms and combating fake news is a challenge for everyone.

Keywords: Media; Alienation; Toxicity; TDCI's; Education; *Fake news*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD- Biblioteca Digital de Teses e Dissertação

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

EPT - Educação Tecnológica Profissional

GEAT - Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas

OMS - Organização Mundial de Saúde

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

TIC – Tecnologia Informação e Comunicação

TDIC's –Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

WWW - Word Wide Web

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Perspectiva temporal das redes sociais.....	23
Figura 2 - Exemplos de perfis público e privado no <i>Instagram</i>	26
Figura 3 – Ranking das Redes Sociais acessadas em 2019.....	29
Figura 4 – Preferência dos usuários a nível mundial sobre as redes sociais.	30
Figura 5 – Frequência de interações nas listas "seguidores" e "seguindo". ...	40
Figura 6 - Dados do acesso às mídias digitais.....	47
Figura 7 - Exemplo de Fake News.....	87
Figura 8 - Fake News na Educação.....	88
Figura 9 - Fake News, política e educação.....	89
Figura 10 - Kit gay exibido por Bolsonaro no JN (2018).	91
Figura 11 - Exemplo de rotulação na educação.....	92
Figura 12 - Exemplo de Fake News na educação.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1- UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DE MÍDIAS E REDES SOCIAIS	20
1.1 Um panorama das mídias sociais: perspectiva temporal	20
1.2 - O impacto das redes sociais projetadas na sociedade	31
1.2.1 Toxicidades: reflexões conceituais	44
1.2.2 A exposição a conteúdos inadequados nas mídias digitais: repercussão na saúde mental e emocional	45
1.3 Fique em casa: o uso obrigatório das tecnologias e mídias digitais em um cenário pandêmico.	50
1.3.1 Os riscos das narrativas de manipulação da informação	52
1.4 A mídia e a influência na opinião pública: disseminação de <i>Fake News</i>	56
1.4.1 Era da pós-verdade: uma abordagem sobre desinformação e <i>fake news</i>	56
CAPÍTULO 2 – O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DO SABER E PARA O USO DAS MÍDIAS	63
2.1 Os novos desafios da educação	63
2.2 A alienação na sociedade de consumo: uma análise de Marcuse	67
2.2.1 A liberdade em regulação	69
2.2.2 As novas linguagens: a relação entre os meios de comunicação, o raciocínio tecnológico e a educação	71
2.3. A falsa liberdade da sociedade industrial: dominação na Era tecnológica e estratégias de controle	76
CAPÍTULO 3 – UM ESTUDO DAS <i>FAKE NEWS</i> NA ATUALIDADE	83
3.1 A força das <i>fake news</i> : o poder de repetição na construção da realidade ..	83
3.2- <i>Fake news</i> : implicações e prejuízos para o debate educacional	88
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
5. REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

O estudo apresenta as possibilidades da alienação e toxicidades das mídias na sociedade contemporânea: desafios no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. A problemática se insere no uso das redes sociais através de diferentes plataformas digitais, bem como, a natureza das influências e implicações dessas ferramentas virtuais nas relações interpessoais, sociais e no espaço escolar. As mídias digitais¹ são meios de veiculação/comunicação baseadas em tecnologias digitais, não necessitando produzir conteúdo, a exemplo dos softwares, internet, intranet e, se utiliza da tecnologia digital para garantir a interação dos usuários, a propagação de informação de forma ágil e simultânea. São exemplos de mídia digital: Facebook, Youtube, Instagram, dentre outras.

As redes sociais², são plataformas digitais formadas por comunidades virtuais contidas nas mídias sociais, cujo foco consiste em agrupar as pessoas, os chamados membros. Após se inscreverem, podem expor perfil com dados, fotos, textos, mensagens e vídeos, além de interagir com outros membros, criando lista de amigos e comunidades. As plataformas digitais³ são ferramentas inseridas no cotidiano das pessoas e empresas, oferecendo suporte e auxílio em diversas tarefas. São exemplos: aplicativos para chamadas de vídeo, e, aplicativos de transporte, como a Uber, 99, e outros utilizados por usuários na locomoção nas cidades.

A sociedade, em constante mudança e as redes sociais digitais fazem parte deste processo interacional mediado por dinâmicas existenciais, sociais e educacionais nesse período técnico-científico-informacional veloz advindos da internet. Na contemporaneidade, o acesso a informações acontece de maneira dinâmica, rápida no ambiente virtual, disseminando uma cultura digital que oportuniza conhecimentos variados num mesmo local, ou seja, em mídias sociais e plataformas digitais que ultrapassam os meios convencionais de comunicação em massa.

Entretanto, a celeridade resulta em superficialidade, informações dúbias, distorcidas por interesses dominantes ou ideológicos, gerando desinformação respaldada por notícias falsas comumente chamadas de *Fake News*. E nestas

¹ <https://www.logicadigital.com.br/midia-digital-definicao-e-importancia-para-o-mercado-atual/>

² <https://conceitos.com/rede-social/>

³ <https://www.tray.com.br/escola/plataformas-digitais/>

ambiguidades de informações, o público tende a internalizar as informações equivocadas quanto à veracidade, distanciando-se dos fatos retificados e veiculados com lisura e imparcialidade.

A problemática também alcança o cenário educacional, pois a virtualização das relações se estendeu para professores e alunos, abrangendo a equipe pedagógica e todos os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem mediado pela escola. Com o uso das plataformas digitais e a migração do ensino para o formato remoto em determinado momento histórico, a comunicação se alargou com a internet e a aquisição de dispositivos móveis. Contudo, não se configura um acesso igualitário a todos.

Dados preocupantes revelam que nas escolas públicas municipais e estaduais do estado de Goiás, a internet não atende à demanda em metade das instituições educacionais. Grande parte dessas escolas apresentam uma velocidade de conexão por aluno, segundo a pesquisa do jornal O Popular⁴ em outubro de 2023, como ruim ou péssima. “O cenário ideal seria ter uma velocidade de conexão acima de mbps (*megabits* por segundo). Dessa forma, embora as escolas em Goiás tenham acesso à internet, a velocidade de conexão por aluno menor que um *megabit* por segundo configura a realidade educacional.

Essa realidade desigual, expressa de um lado a disponibilização através da escola de material multimídia complementar às aulas, recursos tecnológicos, gravação de áudios e atividades pelos professores, dentre outros recursos interativos, mas, tem o outro lado exemplificado pelos alunos que não possuem computador, *notebook* ou mesmo internet de qualidade em casa, dificultando o acesso e a interação virtual atualmente tão presente na educação.

Não obstante a disparidade social e educacional, coexiste o risco da alienação e da toxicidade proveniente do uso inadequado das ferramentas e redes digitais, as quais podem promover a subordinação do homem em relação à máquina, conforme alertara Hebert Marcuse no contexto da sociedade industrial.

Diante do exposto, surge a pergunta norteadora desse estudo: Como o uso excessivo das plataformas digitais e propagação de fake news influenciam as relações interpessoais e interferindo no ambiente educacional?

⁴ <https://opopular.com.br/cidades/internet-e-inadequada-em-mais-da-metade-das-escolas-publicas-goianas-1.3074061>

A partir dessa indagação têm-se como objetivo geral analisar as possibilidades da alienação e toxicidades das mídias na sociedade contemporânea, com foco nos desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Objetivos específicos: analisar as possibilidades da alienação e toxicidades das mídias causados na sociedade contemporânea, e os desafios que surgem no processo de ensino-aprendizagem. De modo específico, conceituar e descrever o papel das redes sociais na propagação de informações falsas, o impacto e os desdobramentos da exposição virtual; compreender o papel da escola na educação para o uso das TDCI's, fundamentado em Marcuse, a propagação da alienação social e o caráter nocivo da disseminação de fake news. Ilustrar casos reais de indivíduos afetados negativamente por propagação de notícias falsas descritos na imprensa.

A justificativa para a realização deste estudo se baseia na necessidade de compreender e analisar as possibilidades da alienação e toxicidades das mídias na sociedade. A relevância do assunto se encontra na preocupação sobre a utilização da tecnologia digital para a disseminação de notícias falsas em um contexto em que as redes sociais têm se tornado uma ferramenta de comunicação e interação rápida, porém, repleta de desafios.

O estudo apresenta relevância, sobretudo, em razão do papel da escola na produção de conhecimento e na educação para o uso das mídias. A escola influencia e contribui na formação dos alunos. Torna-se importante, despertar nos alunos a consciência crítica e a capacidade de discernir informações verdadeiras de falsas, a fim de combater a disseminação de *fake news* e prevenir casos de alienação e toxicidade geradas pelas mídias.

Outro ponto importante e que deve ser analisado consiste no aumento significativo no número de casos reais de indivíduos expostos negativamente às consequências das *fake news*, presente nas mídias digitais. Através desse estudo, espera-se ampliar a compreensão das consequências desses fenômenos e, colaborar para que o espaço escola se fortaleça como um ambiente de aprendizagem saudável e seguro.

Enquanto importância para a sociedade, persistem lacunas no campo científico em relação aos estudos voltados como por exemplo, a polarização da opinião, comportamentos e falas agressivas, a origem do discurso tóxico, a alienação das mídias sociais, e, no que se refere ao impacto no processo

educacional. Embora existam pesquisas que apontam as consequências negativas dessa influência, falta uma compreensão detalhada de como afeta o desempenho acadêmico, a participação dos alunos e o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais. Os jovens são os principais usuários das mídias sociais e, portanto, suscetíveis aos impactos da alienação e toxicidades mencionadas. No Brasil, “cerca de 79% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos acessam a internet, o que corresponde a aproximadamente 23 milhões de indivíduos de diversas classes sociais e locais” (Kids online, 2021).

Portanto, a realização deste estudo pretende contribuir para o conhecimento acadêmico, lançando luzes sobre questões pertinentes e atuais, possibilitando a reflexão por soluções eficientes para enfrentar esses desafios no processo de ensino-aprendizagem em escolas.

A metodologia empregada no estudo refere-se a uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e análise descritiva. As etapas foram: escolha e delimitação do tema, seleção das fontes de dados, busca sistemática de obras, artigos científicos, teses e dissertações relevantes ao assunto através da Biblioteca Digital de Teses e Dissertação–BDTD, utilizando-se os descritores: *fake news*, toxicidades, educação e mídias digitais. Após a escolha temática buscou-se selecionar e realizar resumos e fichamentos dos termos primários, a saber: plataformas, redes e mídias digitais, fake news, toxicidade, alienação e educação. Buscou-se publicações de autores que versaram sobre esses assuntos para ampliar a compreensão.

O campo de estudo se vincula à educação e aos estudos culturais, aproximando-se dos pressupostos do materialismo histórico-dialético, com base em categorias metodológicas específicas. Para fundamentar o levantamento histórico das redes sociais e plataformas digitais proposto no capítulo um utilizou-se dos autores: Recuero (2012;2017), Bezerra e Araújo (2012), Franco (2012), Santos e Santos (2014), Rodrigues (2017), e os sites oficiais das plataformas digitais dos respectivos veículos virtuais.

O embasamento teórico para o segundo capítulo valeu-se dos autores: Mèlo (2023), Sodré (2012;2012a), Adams, e Souza (2016), Belloni (2018), Sibilia (2018), Santaella (2019), Almeida (2020) bem como os documentos e diretrizes oficiais da área educacional, dentre outros, interligando-os à visão da obra *O Homem Unidimensional* de Hebert Marcuse (2013;2015).

O referencial teórico elaborado no capítulo três se encontra interligado à descrição de casos reais de indivíduos prejudicados pelas consequências das *fake news* e toxicidades nas mídias digitais. O critério de seleção dos fatos pressupõe a verificação da veracidade das fontes, ou seja, oriundos de sites oficiais e possuidores de credibilidade passando pela checagem de ‘fato ou fake’, disponibilizado pelo Conselho Nacional de Justiça⁵, a relevância para a pesquisa e repercussão na mídia sendo priorizada a ética pautada na transparência, exatidão e finalidade legítima e responsável na divulgação de informações. Alguns autores como: Moran (2012), Hans (2018); Rais (2019), Costa (2021), Santos, Casa Grande e Velozo (2023), Eisenstein (2023), dentre outros foram utilizados para colaborar com o assunto abordado.

Para favorecer a compreensão, os assuntos obedeceram à seguinte disposição por capítulos:

O primeiro capítulo aborda um levantamento histórico das redes sociais e do uso das plataformas digitais. Serão consideradas as implicações dessas tecnologias como ferramentas de comunicação e interação social amplamente utilizadas na sociedade digitalizada. A partir disso, busca-se compreender como as redes sociais estabelecem relações sociais baseadas em interesses em comum, permitindo uma conexão rápida entre seus membros. Também serão analisadas as consequências dos excessos virtuais, levando em conta que a exposição constante a imagens através das telas conectadas à internet resulta em um bombardeio sensorial que sobrecarrega nosso sistema perceptivo. Além disso, será detalhado o papel das redes sociais na propagação de informações falsas e como isso afeta a sociedade atual. É evidente que a propagação dessas informações falsas pelas redes sociais desempenha um papel fundamental no contexto da sociedade do pós-verdade, onde a opinião pessoal é valorizada acima da verdade dos fatos.

No segundo capítulo, discute-se o papel da escola na produção de conhecimento e na educação para o uso adequado das mídias. Apresenta a relevância da disseminação do conhecimento e da constante inovação tecnológica no meio acadêmico, considerando a necessidade de compreender como a educação voltada para o uso adequado das mídias pode atenuar as consequências negativas provenientes da propagação de informações falsas e das toxicidades das mídias digitais. Será avaliada a influência das redes sociais na formação da subjetividade

⁵<https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco/es/painel-de-checagem-de-fake-news/onde-checar/>

dos indivíduos e como isso pode impactar a maneira como os usuários se veem, percebem o mundo, seus valores e crenças.

Destaca-se que a exposição a diferentes informações e opiniões nas redes sociais pode ter efeitos adversos no ambiente escolar. Nesse aspecto, colocar em evidência o saber científico como uma forma de investigação sistemática e disciplinada, em oposição à propagação atual de informações fragmentadas e passageiras pode auxiliar na veiculação de informações e conteúdos verídicos. Em outra vertente, a falta desse conhecimento sistematizado tem resultado na recusa da ciência e no aumento da disseminação de notícias falsas.

Com base na obra do teórico Hebert Marcuse pretende-se abordar a influência das novas linguagens e dos meios de comunicação na sociedade. O processo de alienação, massificação e reprodução de ideologias, tão criticado nas obras marcusiana, se constituem importantes elementos para a análise proposta nesse estudo. Na atualidade do cenário brasileiro, as mídias digitais, com destaque para o Facebook, Instagram e WhatsApp se constituem em canais de comunicação e interação por meio das redes sociais que as compõe, influenciando no cotidiano de crianças, adolescentes, e indivíduos em geral.

O terceiro capítulo apresenta um estudo das fake news na atualidade, a partir da exposição de notícias que veicularam nas mídias digitais como verdadeiras, contudo, foram manipuladas; portanto, se constituíram notícias falsas. A menção de algumas situações de impacto na sociedade procura chamar a atenção para a gravidade das ações e os prejuízos à integridade e à vida do indivíduo, alvo de *fake news*. A introdução das novas mídias não se restringiu às redes sociais e ao entretenimento. Enquanto meio de comunicação, assumiu papel de destaque na sociedade, na vida das pessoas, e, também, adentrou os muros das escolas.

O advento das novas tecnologias, mídias, multimídias e hipermídias por meio do processo de globalização permitiu acesso a um grande leque dessas ferramentas.

Entende-se que não há como indicar somente implicações prejudiciais a respeito das tecnologias. Antes, a mídia digital, em diferentes plataformas desempenha um papel importante, utilizando estratégias comunicacionais, alterando percepções e opiniões, influenciando o pensamento das pessoas. Portanto, se configuram mecanismos eficazes também nas discussões sobre a qualidade do ensino, por exemplo, tendo o despertar da consciência crítica dos professores e estudantes como um ganho significativo. Entretanto, analisar os impactos,

contribuições e desafios das tecnologias midiáticas no processo de aprendizagem se configura uma necessidade para todos os envolvidos na educação.

CAPÍTULO 1- UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DE MÍDIAS E REDES SOCIAIS

Este capítulo apresenta uma abordagem conceitual sobre mídias e redes sociais considerando a visão dos teóricos, tendo por autor-base Raquel Recuero, cujas obras dão enfoque à evolução tecnológica iniciada a partir da década de 1990, com o advento da *Word Wide Web (www)*, o primeiro *website*. Evidencia-se que, a *Web* criada na internet tornou-se a plataforma de comunicação significativa no compartilhamento de informações e interação social na era midiática. Nos subitens do capítulo, autores como Zacharias (2016), Zancan e Tono (2018), Costa (2021), Volpato (2022), Lopes N. (2023), dentre outros, abordam o impacto das mídias, os aspectos nocivos à saúde mental do ser humano, a exposição a conteúdos inadequados, bem como, as limitações condicionantes do período pandêmico. Serão alvo de reflexão também, os perigos da mídia como formadores de opinião e o impacto da desinformação e veiculação de notícias falsas na sociedade atual utilizando como fonte de dados o *site Canaltech*, eleito de 2018 a 2021, o melhor site na categoria conteúdo digital do país, e, premiado também na categoria jornalismo e segurança cibernética. Autores como Rodrigues (2017), Faleiros (2016), Delmazo e Valente (2018), Montardo (2019), e outros também foram úteis na elaboração do capítulo.

Diante desse contexto, entende-se que as relações sociais estabelecidas com outras pessoas, reproduzem ideias, valores e comportamentos. Nota-se que, geralmente, os grupos utilizam as redes sociais e compartilham gostos e interesses em comum, formando comunidades e redes que os conectam de maneira rápida e eficiente. Por essas variáveis, faz-se necessário conhecer a trajetória evolutiva das mídias na contemporaneidade.

1.1 Um panorama das mídias sociais: perspectiva temporal

Pode-se descrever as mídias sociais como espaço para a divulgação de conteúdos e as redes sociais como uma estrutura social composta por pessoas e ou organizações, conectados por diferentes tipos de relações. As mídias sociais englobam todos os canais e ferramentas nos quais uma pessoa que procura por conteúdo ou determinado assunto, realiza a 'busca'. São canais empenhados na disseminação de informações e mensagens de maneira descentralizada. Contudo,

as principais redes sociais inseridas na internet, como facebook, Instagram, Twitter, se enquadram dentro da categoria das mídias sociais, pois, toda rede social está inserida dentro do termo maior, mídias sociais “⁶. No caso do YouTube, que objetiva disseminar conteúdos em formato de vídeo, mas, permite a interação de seus usuários por meio de comentários nos conteúdos postados se encontra uma plataforma que é tanto mídia social quanto rede social, pois embora seu foco seja a distribuição de mídia, promove o relacionamento entre os usuários.

Com relação às redes sociais, estas promovem a interação entre determinado grupo de pessoas. Há uma identificação permeada por afinidade/amizade, interesses, valores ou objetivos em comum. Segundo Santos e Santos (2014, p. 310) “as redes sociais digitais como um meio de possibilidades, estabelecido a partir dos elementos virtuais e das relações entre os indivíduos usuários se concentra no ciberespaço”. O avanço mediado pela conexão entre computadores e celulares atribuem ao conceito de ‘rede’ derivações sociais: laços que as pessoas estabelecem entre si, buscando apoio, referências, informações e a aparente sensação de pertencimento.

Dessa forma, muitas comunidades virtuais se estabelecem baseadas em redes de contatos como *Facebook, WhatsApp, Youtube, LinkedIn, Instagram, Tik Tok*, e outras, pautadas por relações de amizade, comerciais, funcionais ou hierárquicas em uma instituição/organização. O conceito de “rede” advém das próprias redes sociais: são os vínculos que as pessoas estabelecem entre si, buscando suporte, referências, informações, dentre outras ‘buscas’. A comunicação boca a boca, considerada a forma mais ancestral e ágil de comunicação, se torna aliada das redes sociais, fazendo com que pessoas que não se conhecem pessoalmente, se sintam ‘próximas’ num ambiente virtual (Santos; Santos, 2014; Recuero, 2017).

Franco (2012, p.117) compartilha desse entendimento e acrescenta que as redes sociais se constituem “processos de socialização que envolvem interação coletiva e social, tanto no ambiente presencial como no virtual, baseados no compartilhamento de informações, conhecimentos, desejos e interesses”. Na mesma relação de convergência têm-se os relatos de Souza, R. (2017) e Volpato (2022).

As redes sociais abrangem duas vertentes: as redes inteiras (*Whole networks*) composta por relações estruturais através do mapeamento da identidade social

⁶ <https://powerweb.com.br/midias-sociais-x-redes-sociais-conceitos-diferencas-e-possibilidades/>

padrão do grupo social em termos de preferências e características. A outra vertente denominada redes personalizadas (*ego-centered networks*) aponta para o papel social do indivíduo, como por exemplo, suas opiniões manifestas nas redes.

No entanto, a rede social abarca as interações dos atores, seja pessoas, instituições ou grupos e suas conexões. Para Recuero (2017, p.9) “ao mesmo tempo, produto e produtora de interações, ou seja, a rede influencia e é influenciada pela posição de seus usuários”. Nesse sentido, as interações *online* podem acontecer em momentos diversos, inclusive quando os atores envolvidos não estão presentes ao mesmo tempo. Além disso, a posição desses atores gera impacto direto nas representações dos mesmos e em suas interações. Quanto às conexões estabelecidas e mantidas através das diferentes plataformas digitais, considera-se:

As redes sociais online, por exemplo, são apresentadas através de representações dos atores sociais. Ou seja, ao invés de acesso a um indivíduo, tem-se acesso à uma representação dele. Do mesmo modo, as conexões entre os indivíduos não são apenas laços sociais constituídos de relações sociais. No meio digital, as conexões entre os atores são marcadas pelas ferramentas que proporcionam a emergência dessas representações (Recuero, 2012, p. 2).

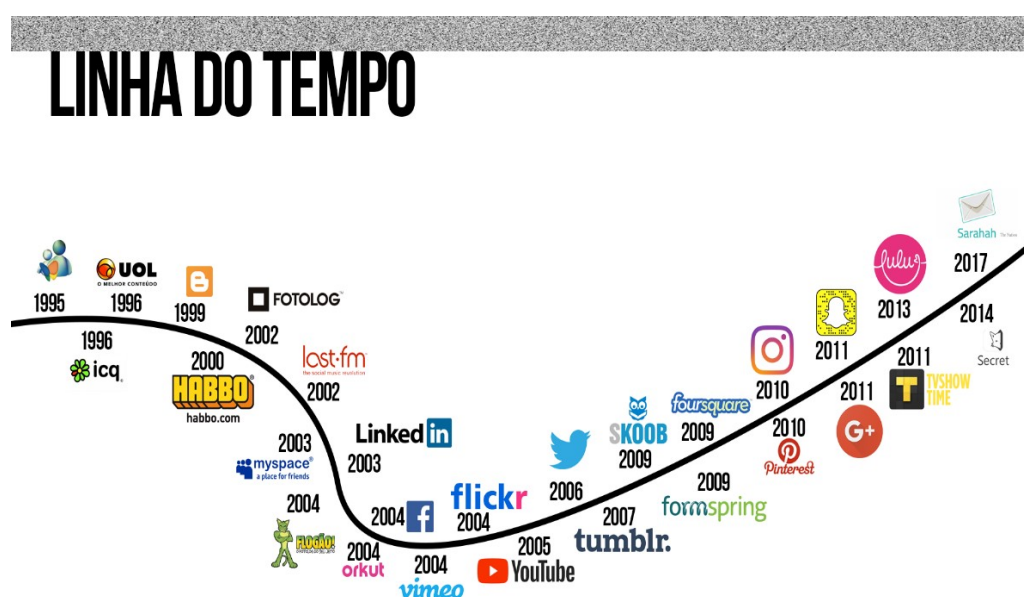
No início do século XXI, as redes sociais passaram a ser amplamente associadas a *sites* ou plataformas específicas, como *Orkut*, *Snapchat*, *Twitter*, *Signal*, e outras citadas anteriormente. A autora em questão alerta para uma distinção entre mídias sociais e *sites* contidos dentro das redes sociais. “Embora essas plataformas de mídia social sejam frequentemente referidas como ‘redes sociais’, o conceito de rede social não é sinônimo dessas plataformas”, (Recuero, 2017, p.12) conforme mencionado anteriormente na abordagem das diferenças entre mídias e redes sociais. As diferenciações propostas também se encontram elencadas nas publicações de Martino (2015), Frazão (2018) e Kaufman e Santaella (2020).

Entende-se referir a um grupo social específico, de natureza oculta, portanto, visível somente por meio da interação de indivíduos, e definido dentro de uma estrutura chamada ‘rede’. Para Recuero (2017), a possibilidade de tornar as estruturas sociais públicas e influenciá-las ocorre através das ferramentas sociais disponíveis na internet, nominadas anteriormente. Na mesma perspectiva conceitual, entende-se as redes sociais como sistemas que permitem a construção de uma persona por meio da criação de um perfil ou página pessoal. Nessa se estabelece a

interação através de comentários derivada da exposição pública da rede social de cada ator.

Para Recuero (2017) cabe uma distinção entre os *sites* das redes sociais ao mencionar que *Orkut e Facebook*, por exemplo, são sistemas direcionados a estabelecer conexões e relacionamentos entre os atores. E, *Youtube e Fotolog*, foram criados para a produção, publicação e publicidade de conteúdo, embora, também possa servir aos propósitos de representar pessoas ou grupos e suas redes.

Figura 1 – Perspectiva temporal das redes sociais.



Fonte: <https://marcativa.com/blog/post/944-tendencias-em-redes-sociais> (2022).

Desse modo, importa compreender essas aplicações digitais consciente de que cada plataforma se configura uma rede social particular, com características, peculiaridades e funcionalidades. Oferecem benefícios, como facilidade na interação social, disseminação de informações e espaço virtual para compartilhar interesses e opiniões (Zacharias, 2016; Zancan e Tono, 2018; Volpato, 2022).

Nesse contexto, entende-se que as redes sociais na internet abarcam centenas de conexões sociais ativas, permitindo receber constantemente informações através do *news feed do Facebook*, por exemplo. Entretanto, a construção das redes sociais *online* basta uma solicitação para estabelecer uma conexão, não sendo necessário a interação social que caracteriza a construção de

amizades no espaço *offline*. Portanto, as redes sociais na internet são fenômenos distintos das redes sociais *offline*, sendo características da apropriação dos sites de rede social.

Assim, por meio do conceito de 'site de rede social' cunhado por Boyd e Ellison (2007, *apud* RECUERO, 2012), é possível entender que essas ferramentas *online* permitem aos usuários construir perfis públicos ou semipúblicos, estabelecer conexões com outros usuários e visualizar ou navegar por essas conexões. Os *sites* de rede social representam as redes sociais existentes, mas também amplificam as conexões sociais e ajudam a mantê-las. Portanto, é preciso compreender que essas ferramentas não são apenas traduções das conexões sociais *offline*, mas, uma forma de expandi-las e auxiliar em seu gerenciamento.

De acordo com Recuero (2012, p.102), os *sites* de redes sociais são resultado da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador e atores sociais, sendo importante ressaltar que não se trata de algo novo. As redes sociais sempre fizeram parte da sociedade e estiveram intimamente ligadas à experiência humana, desempenhando papel essencial na comunicação e interação, mesmo antes da existência da internet.

Sobre essa questão Rodrigues (2017), acrescenta que as redes eram apresentadas em diversas formas, como nos relacionamentos pessoais, nos serviços de correio, nas linhas telefônicas e até mesmo nas estruturas físicas, tais como o sistema elétrico, as rotas aéreas e as autoestradas. No entanto, a emergência do ciberespaço impulsionada pelas recentes descobertas tecnológicas permitiu que as redes sociais se tornassem uma forma dominante de organização social. Autores como Recuero (2017), Hans (2018), Belloni (2018) e Mèlo (2023) apresentam relatos correlacionados aos de Rodrigues (2017).

Com o advento da internet, as redes sociais ganharam uma nova dimensão e intensidade no ambiente digital tornando-se uma ferramenta poderosa para conexão e compartilhamento de informações em escala global, possibilitando interações em tempo real, estabelecendo uma variedade de conexões, abrangendo amizades, relações familiares e comerciais. Nessas relações, os atores compartilham crenças, informações, poder, conhecimento, prestígio e *status*. Além disso, permitem uma visualização clara das ligações que, muitas vezes, estão ocultas no mundo *offline* (Recuero, 2017, Rodrigues, 2017; Belloni, 2018; Mèlo, 2023).

Alguns critérios característicos fornecidos aos usuários de um *site* ou aplicativo de rede social são inerentes, a saber: “(1) a capacidade de criar um perfil público ou semipúblico em uma plataforma restrita, (2) permitindo a conexão com outros usuários (3) e a visualização e navegação das conexões feitas por eles e por outros dentro do sistema” (Boyd; Ellison, 2007 *apud* RECUERO, 2012, p. 2).

Em 2010, a rede social *Instagram*, criada por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger tinha por função o compartilhamento de fotos e vídeos. Desde então, muito utilizada por usuários postarem suas atividades do cotidiano. De acordo com Santos; Santos (2014) se torna possível o contato com novas pessoas, através das ferramentas: Explorar e Seguir, curtir e Comentar *posts*, bem como, visualizar conteúdos populares por meio das *hashtags* (#).

A respeito da praticidade, funcionalidade e manuseio do *Instagram*, Santos e Santos (2014, p.313) afirma: “Suas funções são simples e rápidas. Basta um clique e a escolha de um filtro para que as fotos e/ou vídeos se tornem visualizadas pelos usuários do Instagram e de demais redes sociais (*Facebook, Twitter, Tumblr, Foursquare e Flickr*)”. Com efeito o *Instagram* cumpre a definição. A rede social permite a criação de contas ‘privadas’, nas quais, sem pedir autorização, existe a possibilidade de visualizar apenas a foto de perfil do usuário.

Em relação aos perfis completamente públicos, Santos e Santos (2014) esclarecem que têm-se acesso a todo o conteúdo da conta, independentemente de estar seguindo-a ou não, o que inclui as publicações do *feed* (mural fixo), os *stories* (efêmeros), a ‘bio’ (abreviação de biografia), com uma breve descrição do perfil, além de saber quem são os seguidores do usuário e quem ele segue (inclusive os seguidores em comum de cada usuário), podendo segui-lo sem pedir sua autorização, algo obrigatório para a interação com contas privadas.

Em relação à funcionalidade representada pela capacidade da função interatividade do *Instagram*, entendida como base de relacionamentos sociais se mantém em torno da ‘difusão do conteúdo que segue a lógica do ver e ser visto’. Comumente são indivíduos, vinculados às contas de usuários, os quais acompanham as atualizações na rede. De acordo com o report da *We Are Social* e da *Meltwater*⁷ (2023), o *Instagram* se consolidou como a 3ª rede social mais usada no Brasil em 2023, com 113,5 milhões de usuários.

⁷ Principal empresa independente na análise, registro, distribuição, relatórios e fonte de pesquisas e dados sobre internet e mídias digitais no mundo.

De igual modo, as conexões entre as pessoas não se limitam apenas a laços sociais constituídos de relações interpessoais, ocorrendo tanto no ambiente presencial quanto no virtual. Para Montardo (2019), no meio digital, as junções entre os atores são marcadas por ferramentas que proporcionam a emergência dessas representações, estabelecidas e mantidas com a mediação dessas ferramentas e a utilização das plataformas que fornecem visibilidade a algo que se deseja aparentar. Abaixo, ilustra-se esse aplicativo.

Figura 2- Exemplos de perfis público e privado no *Instagram*.



Fonte: Captura de tela do Instagram.

Nesse aspecto, o relato de Tomáel e Martelato (2006, p.75 *apud* RECUERO, 2012a, p.2) propõe a definição das redes sociais como “um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectados por relacionamentos sociais, [...] e, por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo a estrutura social”, apresentando similaridade com os relatos de Martino (2015, p. 44) ao destacar que “a internet e as mídias digitais abriram espaços de interação em comunidade até então desconhecidos, aumentando as possibilidades de estabelecimento de laços entre seres humanos”.

Admite-se que no processo evolutivo do surgimento de outras plataformas digitais como o *Facebook*, *Orkut*, *Tik Tok*, *WhatsApp*, *Telegram* e *Twitter* passa-se à compreensão de que não devem ser considerados apenas redes sociais, mas, ferramentas e suportes para as interações que constituem as verdadeiras redes sociais. Esses *sites* facilitam a conexão entre pessoas, possibilitam o compartilhamento de informações pessoais por meio de perfis detalhados, a criação de comunidades temáticas e a adição de aplicativos diversos. No entanto, convém reconhecer que são as próprias pessoas que moldam e constroem essas redes. Assim, *sites como o Social Média Schweiz* destacam que os mesmos expressam e influenciam as redes sociais (Statista, 2021; Recuero, 2017).

Atualmente, o *Facebook* possui versatilidade e abrangência, reunindo muitas funcionalidades no mesmo lugar e alcançando acima de 2,2 bilhões de contas ativas no mundo, sendo 109 milhões de usuários brasileiros, conforme dados do Relatório elaborado por *We Are Social Meltwater* divulgado em 2023. Contudo, outros institutos de pesquisas descrevem indicadores com determinada variação numérica.

Na figura 3 abaixo, conforme dados do *Social Media Schweiz*⁸ pode-se evidenciar a utilização de diferentes redes sociais mediadas pela globalização ao longo do tempo, as quais, em determinado momento histórico, alcançam maior popularidade entre os usuários em razão de aspectos relacionados à funcionabilidade, praticidade, e, principalmente, finalidade a que se destina (Statista, 2021; Recuero, 2017).

A popularidade das redes sociais no mundo vem crescendo sob a influência de diferentes variáveis ao longo do tempo. Segundo Recuero (2017), em meados de

⁸ A expressão também pode se referir a empresas, agências ou especialistas em marketing de mídia social na Suíça, mas, existe em diversos países. São criadores de conteúdo e analistas das redes sociais.

2016, a rede social *TikTok* criada pela empresa chinesa *Byte Dance* se tornou um dos *apps* com a maior quantidade de *downloads* no mundo, porém, essa rápida adesão facilitada pelo compartilhamento de vídeos e interação com pessoas próximas e desconhecidos, possui uma conotação comportamental e social implícita.

A busca pela aprovação se configura uma problemática associada, pois, muitos indivíduos esperam a validação dos outros por intermédio de suas postagens no ambiente virtual, podendo transformar essa ação em gatilhos desencadeadores de ansiedade e até fobias. O receio de sentir-se rejeitado ou as críticas postadas naquele ambiente podem desencadear uma queda na autoestima da pessoa, afetando seu comportamento no ambiente real. A busca pela aprovação nas redes sociais pode ser relacionada à popularidade das mesmas. No caso do *TikTok*, através do compartilhamento de vídeos e interação com pessoas próximas e desconhecidos, pode haver uma busca constante por aprovação e reconhecimento. Isso ocorre devido à natureza do conteúdo postado, que pode variar rapidamente e atrair diferentes públicos. Essa dinâmica pode levar a uma pressão para se encaixar em determinados padrões gerando implicações comportamentais e sociais. Os comentários negativos também podem ocasionar distúrbios na saúde mental. Decorre desses aspectos, entre outros, a problemática envolvendo as mídias. No *Instagram* os usuários postam sobre um conteúdo, já no *Tik Tok* o *post* pode mudar, desse modo, atrai públicos variados. Com base nos dados do *Social Media Schweiz*, importa destacar que a chamada a geração millennial e a geração Z, possuem uma relação forte com nível de adesão as redes sociais, tornando-as populares (Statista, 2021; Recuero, 2017).

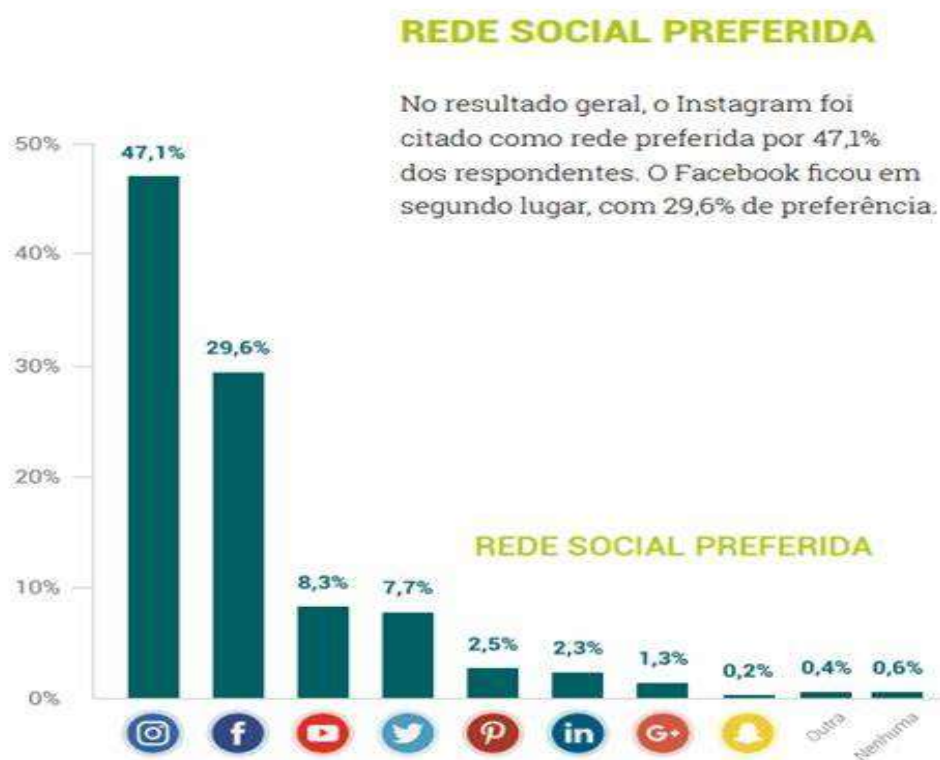
Figura 3 – Ranking das Redes Sociais acessadas em 2019.



Fonte: Instagram/ @estiloricooicial.

As estatísticas para a realidade brasileira em comparação com o mesmo ano, ou seja, 2019, revelam que o *Instagram* assumiu a preferência dos usuários, embora seja uma plataforma do conglomerado do *Facebook*. Entretanto, as pesquisas apontam também uma dinâmica de movimento entre a colocação dessas redes sociais, dependendo dos indicadores e variáveis analisados, como por exemplo, a finalidade do uso a que se destina e o *marketing* envolvido na divulgação das informações. Abaixo, a figura 4 sinaliza o percentual de preferência dos usuários.

Figura 4 – Preferência dos usuários a nível mundial sobre as redes sociais.



Fonte: Social Media Trends/Rock Content - 2018/19.

Para exemplificar a dinâmica da evolução das redes sociais e a popularidade dessas plataformas, pesquisas de 2008, apontavam que o *Orkut*, na época, possuía um percentual de 51,16% do número total de usuários brasileiros identificados, alcançando acima de 20 milhões de visitantes únicos somente no Brasil. Além disso, o *MySpace*⁹, até o início do referido ano, era o *site* de rede social predominante em popularidade nos Estados Unidos, sendo posteriormente superado em número de visitantes pelo *Facebook* (Recuero, 2012).

Trazendo para os dias atuais os números e o alcance das relações estabelecidas no ambiente virtual no Brasil e no mundo, impressionam. Com base nos dados divulgados pelo site da Canal *Tech* em 2020, a internet atingiu 4.66 bilhões de usuários ativos e a pandemia de Covid-19 colaborou significativamente para esse aumento, atingindo 490 milhões de usuários ativos em 2021. A plataforma do *Facebook* 2,18 bilhões de usuários, e, no Brasil, o número de perfis cadastrados na rede equivale a 74% da população maior de 13 anos (Canal Tech, 2020).

⁹ MySpace é uma rede social americana que oferece uma rede interativa de amigos, perfis pessoais, blogs, grupos, fotos, músicas e vídeos enviados por usuários. Foi criada em 2003. Inclui um sistema interno de e-mail, fóruns e grupos. É um marco da Internet dos anos 2000. Atualmente, irrelevante.

O Brasil alcançou em 2020, 122 milhões de internautas. Atualmente esse percentual atinge 84% da população, perfazendo 156¹⁰ milhões de pessoas. A plataforma do *YouTube* faz parte do conglomerado da *Google* com 2 bilhões de usuários mensais. O *twitter* em 2020 apresenta o quantitativo de 353 milhões de pessoas conectadas Canal Tech, 2020).

Essa realidade indica o crescimento das redes sociais. No entanto, é necessário analisar os impactos dessas plataformas em diferentes aspectos da sociedade, como privacidade, segurança dos dados e a tradição dos meios de comunicação tradicionais. Também considerar como as redes sociais contribuem para a formação de identidades *online* e construção de relações interpessoais. Assim, facilitam e otimizam a comunicação, permitindo que as pessoas se conectem rapidamente, independentemente da localização geográfica. Através dessas conexões virtuais, ideias, valores e comportamentos são disseminados, e relacionamentos são estabelecidos. Compreender e explorar o poder das redes sociais é essencial para aproveitar as oportunidades que o cenário digital proporciona.

1.2 - O impacto das redes sociais projetadas na sociedade

Esse item apresenta uma reflexão a partir das novas configurações da comunicação e informação promovidas por redes digitais, como a Internet. A sociedade agrega uma variedade de culturas, hábitos, crenças, opiniões, comportamentos, ideologias e valores. A interação entre os indivíduos se estabelece por meio dessa multiplicidade e as mídias digitais potencializam esse processo interacional, contudo, através de outros mecanismos surgido nos territórios das infovias da internet. Percebe-se uma exposição, a um só tempo, do contato com o novo por meio do outro, em muitos casos, desconhecido, representado pela velocidade com que os conteúdos informacionais são modificados e renovados (Martino, 2015; Frazão, 2018; Hans, 2018; Kaufman e Santaella, 2020).

Os autores acrescentam que novos recursos despontam a todo o momento, visando facilitar e incrementar o uso da grande rede, alterando, influenciando e modificando as relações entre os usuários. Com vistas a buscar uma compreensão de como se consolida o impacto das mídias projetadas na sociedade convêm uma

¹⁰ Dados do portal G1. [GloboNotícias.com. /tecnologia/noticia/2023/11/16.](https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/)

descrição das principais redes sociais utilizadas pelas pessoas em todo o mundo, as quais vem evoluindo ao longo do tempo, a saber: *Orkut, Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Telegram, Youtube, Snapchat e Tik Tok* (Martino, 2015; Frazão, 2018; Hans, 2018; Kaufman e Santaella, 2020).

Desenvolvido pelo engenheiro de computação turco Orkut Büyükkökten, o Orkut, reconhecido como uma rede social pioneira na internet, considerado um *software* social inovador, permitindo que os usuários criem e editem informações de forma intuitiva, pode ser definida como uma social *network* vinculada à Google. Surgiu em 22 de janeiro de 2004 como uma plataforma para promover a interação entre pessoas, estabelecer relacionamentos e criar comunidades em torno de interesses comuns (Hans, 2018; Kaufman e Santaella, 2020; Volpato, 2022).

Segundo Volpato (2022), os usuários podem compartilhar interesses, fotos, vídeos e até mesmo criar comunidades temáticas, visitar perfis e comunidades de seus interesses e assim adicioná-las ou não à sua rede social. A quantidade de 'amigos e comunidades', se torna o imperativo para o usuário ficar em destaque dentro da plataforma. Essa prerrogativa pode influenciar na conduta e utilização das plataformas. Alerta semelhante se encontra nos relatos de Santos e Santos (2014) e Belloni (2018).

Dentro desse contexto a denominação de comunidade *online* se tornou popular em virtude da necessidade das pessoas de se comunicar, expressar opiniões e ser visto/lido por outras pessoas. Entretanto, os usuários não têm quase ou nenhum contato com muitos dos chamados 'amigos' adicionados. São considerados simplesmente números para que outros usuários possam ver e acreditar que aquela pessoa tem um bom relacionamento e visibilidade ainda que no mundo virtual. Os aspectos descritivos dessa plataforma digital consideram a imagem como algo preponderante, pois respondidas as questões do perfil, o usuário fornece uma foto pessoal, ganhando credibilidade aos olhos dos demais usuários, conferindo uma autenticidade que vai além da 'fake' nomenclatura para designar perfis falsos utilizados com diversos propósitos (Rais, 2019; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023).

A partir desse ponto, para realmente se inserir nesse mundo virtual, o usuário precisa participar de comunidades a fim de interagir com outros membros e também acrescentar informações à sua identidade virtual. Assim é possível visualizar em um perfil as comunidades das quais o usuário faz parte, ou seja, compartilha da mesma

visão ou ideal que o nome da comunidade expressa. Isso ajuda a construir a identidade do usuário na rede. No entanto, nem sempre o usuário integra uma comunidade por ter afinidades reais. De acordo com Recuero (2012, p.107), “essa visibilidade torna-se um valor, uma vez que permite que o nó construído na rede social esteja visível e, inclusive, possa amplificar os valores obtidos por meio das conexões”.

No entanto, a referida autora alerta que se pode fazê-lo apenas para construir uma pseudoidentidade, a fim de que outros pensem que pertence à comunidade, quando a realidade se contradiz. Por exemplo, um adolescente que, visando impressionar uma garota por quem está interessado, entra em uma comunidade de uma banda que ela gosta, mas que ele, na verdade, detesta ou mal conhece. Para Recuero (2012, p.108) “a visibilidade é um valor em si mesma, resultado da presença do ator na rede social”. A forma como um usuário se apresenta e constrói sua identidade *online* influencia a percepção dos outros atores da rede, que por sua vez constroem suas próprias impressões.

No contexto da construção da identidade virtual, o *Orkut* se configura como um relevante processo no qual os usuários são responsáveis por criar um perfil que reflita suas características tanto no *online* quanto no mundo real. Através do ingresso em comunidades e da publicação de fotos, esses indivíduos expõem percepções de si mesmos, desencadeando a formação de identidades na rede. Nessa perspectiva, Recuero (2017, p.9) argumenta que “os *hubs* desempenham um papel crucial ao conectar membros de grupos isolados, permitindo uma menor separação entre eles”. Ressalta-se que a adição de novos ‘amigos’ e a participação em comunidades não apresentam custos monetários. Além disso, facilmente se pode realizar a exclusão de contatos, tornando o processo simples.

Diante do exposto, evidencia-se que as configurações das plataformas digitais em geral, e do *Orkut*, alvo dessa abordagem, apontam para uma realidade complexa, por exercer uma liberdade de forma não-reflexiva. Para Hans (2018) a exposição excessiva no desejo de mostrar-se, pode ocasionar uma mudança de estrutura no equilíbrio de sua dinâmica informacional e resultar em uma ruptura.

Outros estudiosos como Frazão (2018), Costa (2021) e Volpato (2022) alertam que o contexto social no qual se encontram inseridos os usuários das plataformas digitais, por consequência, alteram a dinâmica interacional a partir das vivências expostas nas redes midiáticas. A ampliação do acesso a novas formas

comunicativas redefiniu os comportamentos e a cultura, gerando outros valores e aprendizagens coletivas. Categorias como tempo, espaço, distância e proximidade se transmutaram a partir da TDIC's em cada período da história recente.

Importa destacar que a ampliação das possibilidades de se comunicar, interagir, expressar-se através das ferramentas virtuais como o *Orkut*, *Facebook*, *WhatsApp*, e outras, se fundamenta na linguagem, pois são milhares de usuários que se tornam atores sociais nas redes, influenciando e sendo influenciados por diversas tecnologias de informação intermediada por uma linguagem midiática. De acordo com Mèlo (2023), o movimento que se estabelece a partir da interação nas redes sociais faz com que em fração de segundos e em milhões de megabits, as pessoas estejam todos conectados, em direção a um novo mundo que deixa o *status* de sociedade do século XXI passando a assumir a representação de sociedade conectada.

Observa-se, entretanto, que a trajetória do *Orkut* sofreu revezes a partir de 2011 com queda no número de usuários, mesmo após investir em mudanças e inovações tecnológicas. O surgimento de outras plataformas digitais e o crescimento do *Facebook* e *Twitter*. Em 2014 a *google* anunciou a descontinuação da rede social, fato concretizado em 2017, porém, em 2022 veiculou-se um possível retorno do *Orkut* (Valor Econômico, G1, 2022)

Na sequência da abordagem têm-se o *Facebook* definido como uma plataforma de mídia social *online* que recebeu seu nome em referência aos livros de nomeação distribuídos aos estudantes para ajudá-los a se conhecerem no início do ano acadêmico em algumas universidades dos Estados Unidos. Fundado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg e seus colegas da Universidade de Harvard, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes¹¹, inicialmente o acesso ao *site* era restrito aos estudantes de Harvard. Ao longo do tempo, foi gradualmente aberto para alunos de outras universidades da região de Boston, das prestigiadas universidades Ivy League e da Universidade de Stanford. Assim, com o tempo, a plataforma se tornou disponível para estudantes de várias outras universidades, depois para estudantes do ensino médio e, finalmente, para

¹¹ Alunos da Universidade de Harvard, criadores do Facebook - uma rede social que desde o início tem o objetivo de configurar um espaço no qual as pessoas possam encontrar umas às outras, dividindo opiniões e fotografias.

qualquer pessoa acima de 13 anos (Frazão, 2018; Montardo, 2019; Costa, 2021; Volpato, 2022).

O intuito dos fundadores dessa plataforma consistia em oportunizar uma experiência prazerosa aos usuários, embora a obtenção de lucratividade estivesse presente. Em apenas um mês desde o lançamento, a rede ultrapassava dez mil usuários, incluindo funcionários e ex-alunos que também podiam se cadastrar. Em seguida, o projeto foi estendido para outras universidades. Segundo Silva, D., (2016) a criação do Facebook revolucionou os comportamentos e práticas sociais e o seu caráter interativo alcançou outros ambientes, inclusive o espaço escolar.

Em 26 de setembro de 2006, o *Facebook* abriu os seus registros para o mundo todo, permitindo que qualquer pessoa se tornasse parte da rede social. A partir dessa data, começou a se expandir rapidamente oportunizando às empresas criarem aplicativos e jogos para se conectarem com os usuários. Adicionalmente, foi lançado um sistema de anúncios publicitários *online*, possibilitando que marcas divulgassem seus produtos e que os usuários pudessem recomendá-las para os seus contatos (Silva, D., 2016).

O recurso 'curtir' oferecido pela plataforma permite aos usuários expressarem seu agrado em relação a postagens e páginas no site. Quando alguém clica neste botão em uma página, notícia ou postagem, essa informação é automaticamente divulgada para todos os seus contatos na rede. Esse recurso exerce um grande impacto na divulgação e popularidade das postagens e páginas na plataforma. Desde marcas famosas, como grifes de roupas, marcas de carros e bebidas, até as simples padarias do bairro, todos disputam a obtenção de 'curtidas'. Essa busca se traduz por uma forma de aumentar a visibilidade e o engajamento com o público-alvo (Silva, D., 2016).

O *Facebook* passou por várias mudanças de configuração desde sua fundação. Além disso, o site permite o compartilhamento de todo tipo de informação e conhecimento, uma vez que o usuário possui autonomia para escolher o que deseja mostrar e com quem deseja se conectar. Dessa forma, o sucesso de um perfil ou página no *Facebook* depende de como são gerenciados, divulgados e explorados por seus administradores. No entanto, apesar dessas inúmeras opções de personalização, a privacidade não é garantida e, diversas notícias têm mostrado falhas nos mecanismos de proteção de privacidade da plataforma (Frazão, 2018; Montardo, 2019; Costa, 2021; Volpato, 2022).

Em 4 de outubro de 2012, uma notícia internacional, amplamente compartilhada na internet revelou que: o *Facebook* havia atingido a marca de um bilhão de usuários ativos, e, segundo seu fundador, esses usuários eram responsáveis por impressionantes números de interações: 1,13 trilhão de 'curtir', 219 bilhões de fotos compartilhadas e 17 bilhões de check-ins registrados. Esta conquista emblemática indica o enorme alcance e popularidade dessa plataforma de mídia social tornando o *Facebook* uma potência global, cujo impacto na sociedade é inegável (Canaltech, 2020; Mèlo, 2023; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023).

Desde então, o crescimento no quantitativo de usuários vem consolidando a plataforma no mundo. Entretanto, se torna premente lembrar que a evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de equipamentos e produtos, pois também altera comportamentos e os influencia (Canaltech, 2020; Mèlo, 2023; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023).

Dando continuidade à descrição das principais ferramentas e plataformas digitais da atualidade têm-se no *Twitter*, a definição de se tratar de uma ferramenta de micromensagens¹² lançada em outubro de 2006, obteve um rápido crescimento em todo o mundo¹³, incluindo o Brasil. Originalmente, os usuários são convidados a responder à pergunta "o que você está fazendo?" em até 140 caracteres. Através dessa plataforma, é possível construir uma página pessoal, escolher quais usuários "seguir" e ser "seguido" por outros.

Essas conexões são expressas por meio de links nas páginas dos usuários. Cada usuário publica suas mensagens, também conhecidas como "*tweets*", para seus seguidores, que as acompanham em uma janela dedicada. De acordo com o Canaltech (2020), um importante site de produção de conteúdo de tecnologia, o *Twitter* está disponível em cerca de 35 idiomas e possui 316 milhões de usuários ativos mensalmente. No Brasil, o *Twitter* ganhou popularidade em 2008, mas somente um ano depois foi lançada a versão em português da plataforma. Em 2012, a empresa inaugurou seu primeiro escritório físico em território brasileiro e, atualmente, possui sedes em São Paulo e Rio de Janeiro. O uso do *Twitter* para conversação é facilitado pelo direcionamento de mensagens usando o sinal "@"

¹² Embora a ferramenta seja comumente referida como "microblog", optou-se por se referir a ela como um "micro mensageiro" por se considerar que as apropriações conferidas ao *Twitter* fizeram com que ele se afastasse da ideia de um blog.

De acordo com o Hubspot, a ferramenta alcançou 5 milhões de usuários ao final do ano de 2008. Disponível em: <http://blog.hubspot.com/blog/tabid/6307/bid/4439/State-of-theTwittersphere-Q4-2008-Report.aspx>. Acesso em: 20/5/2009.¹³

antes do nickname do destinatário. Essas mensagens são exibidas numa aba chamada "@Replies" na página do usuário (Canaltech, 2020; Mèlo, 2023; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023).

Portanto, o Twitter permite que os usuários criem um perfil público, interajam com outras pessoas por meio de mensagens e mostrem sua rede de contatos. Essas conexões são expressas por meio de links, que são permanentemente visíveis para todos os usuários, mesmo aqueles com contas privadas¹⁴. Os perfis dos usuários também podem ser personalizados, permitindo que eles alterem a imagem de fundo, as cores e preencham dados, tornando o espaço de representação do "eu" semelhante a páginas pessoais (Canaltech, 2020; Mèlo, 2023; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023).

Com o tempo, a plataforma ganhou corpo e outras funções, ofertando espaço para publicar fotos, transmitir vídeos ao vivo e, recentemente, enviar áudio. A rede social se transformou em um canal para que pessoas obtenham informações sobre as últimas notícias e possam expressar suas opiniões sobre assuntos diversos e eventos em tempo real. De acordo com o site Canaltech (2020), a plataforma também conta com os *Trending Topics*¹⁵, que são um espaço que permite que o usuário descubra quais são os temas mais comentados do dia.

A área se tornou tão importante que passou a ser usada como um termômetro político. Na atualidade, segundo o *websiterating.com* em relação a usuários o *Twitter* se encontra na 12ª posição no ranking de plataformas de mídia social em termos de popularidade. Um dado interessante revela que em 2024, dos 1,3 bilhão de contas do Twitter apenas 237.8 milhões são usuários ativos na empresa adquirida por Elon Musk (Canal Tech, 2020).

Diante do exposto, ressalta-se que o *Twitter* oportuniza a formação de rede de contatos sem necessariamente proceder a interações recíprocas. Essas conexões, podem oferecer ao usuário acesso a determinados valores sociais, como informações específicas, e, são consideradas sociais porque o usuário se vê informado sobre o acréscimo da conexão e pode impedi-la, se desejar. Desse modo, as consequências das conexões não recíprocas fazem com que os usuários tendem a ter um grande número de contatos, mas interagem apenas com alguns deles (Hans, 2018; Volpato, 2022; Kaufman e Santaella, 2020).

¹⁴ Contas nas quais é preciso ser aprovado para ser seguidor de um ator e receber seus tweets.

¹⁵ Assuntos mais falados no momento.

Estudiosos como Mèlo (2023), chama a atenção que o *Twitter* consiste em duas redes: uma composta por relações de contato estabelecidas (quem segue quem) e outra rede oculta formada pelas relações entre os usuários que realmente interagem entre si. Portanto, a rede oculta, que representa os indivíduos que se envolvem em interações reais, se configura na rede que realmente importa, pois encapsula a essência da rede social.

Reconhecendo a necessidade de compreensão a respeito do funcionamento e papel das redes sociais para o presente estudo, convêm discorrer sobre outras plataformas que possuem influência no comportamento dos indivíduos, portanto, alvo de uma análise descritiva, a saber; *Instagram, WhatsApp, Telegram, Youtube, Snapchat e Tik Tok*.

Para Ramos e Martins (2018), a plataforma de mídia social denominada *Instagram* revolucionou o compartilhamento de fotos e vídeos. Lançado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, o aplicativo rapidamente ganhou popularidade com seu recurso exclusivo de aplicação de filtros digitais, permitindo que os usuários transformassem suas fotos com facilidade e estilo. Inicialmente disponível apenas para usuários de *iPhones e iPads*, contudo, se expandiu para dispositivos Android em 2012, o que contribuiu significativamente para seu rápido crescimento. Segundo sites especializados como Canaltech, desde seu lançamento, o *Instagram* vem constantemente evoluindo e expandindo suas funcionalidades. Uma explicação pertinente se encontra descrito abaixo,

Na linguagem técnica de informática, entende-se por plataforma a tecnologia de base do sistema operativo de um computador. Os apps — uma redução para a expressão aplicativos móveis — são softwares desenvolvidos para serem instalados em dispositivos móveis, para rodarem nas plataformas de cada sistema operacional. Um modo simplificado e técnico — assim se configura o Instagram (Ramos; Martins, 2018, p.119).

Em junho de 2013, a plataforma começou a permitir a postagem de vídeos, com um limite inicial de 15 segundos. Essa novidade de adição foi extremamente bem recebida pelos usuários, que puderam compartilhar momentos em movimento de maneira dinâmica. A partir de 2016, o tempo máximo para vídeos aumentou para 60 segundos, proporcionando aos usuários flexibilidade para contar histórias e expressar sua criatividade. Em agosto de 2015, uma atualização importante foi

implementada no *Instagram*, permitindo que fotos e vídeos fossem enviados em qualquer proporção.

A mudança significou a não preocupação, por parte dos usuários, com o formato ou recorte de suas imagens, ampliando as possibilidades criativas dentro da plataforma. Observa-se que a busca por inovações contínuas agregando outras funcionalidades reflete imediatamente no aumento de usuários. A aquisição do *Instagram* pelo *Facebook* em 2012 permitiu que o *Instagram* aproveitasse a vasta base de usuários do *Facebook*, abrindo as portas para um público ainda maior e impulsionando seu crescimento (Ramos e Martins, 2018; Montardo, 2019).

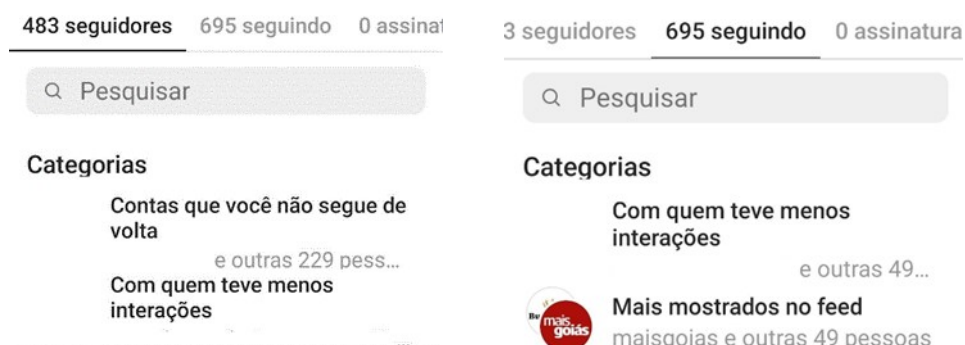
Atualmente, o *Instagram*¹⁶ se classifica como uma das redes sociais mais populares do mundo, com cerca de 1 bilhão de usuários ativos. Sua interface intuitiva, recursos visuais atraentes e a capacidade de se conectar a outras plataformas de mídia social tornando-o um ambiente ideal para compartilhamento de conteúdo, interação social e até mesmo para o desenvolvimento de marcas e negócios, o coloca entre os preferidos de acesso pelo usuário em geral.

No entanto, faz-se necessário entender o *Instagram* além de apenas uma proposta de interação social. É necessário concebê-lo como uma plataforma mediadora, com o potencial de transformar e interferir no curso das ações. Essa visão ampliada permite “reconhecer a importância do *Instagram* não apenas como um facilitador, mas também como um agente ativo na dinamização das interações sociais” (Gillespie, 2010 *apud* MONTARDO, 2019, p. 171).

Nesse cenário são consideradas as diversas possibilidades de interação e conexão entre os usuários. No entanto, ao ser concebido como uma plataforma, percebe-se que prioriza e privilegia certas interações em detrimento de outras, levando em consideração os gostos e preferências do usuário. Isso ocorre porque as plataformas são “sistemas automatizados que projetam e manipulam conexões” (Van Dijck, 2013 *apud* MONTARDO, 2019, p. 171). Interessante constatar que as publicações, contudo, fornecem um direcionamento prévio com ‘aparência’ de liberdade de escolha ao usuário, porém, o mesmo se encontra induzido e limitado a uma bolha de supostas preferências de conteúdos, e outras publicações.

¹⁶ No Brasil, em 2022 eram 110 milhões de usuários.

Figura 5 – Frequência de interações nas listas "seguidores" e "seguindo".



Fonte: Captura de tela do Instagram.

Evidencia-se, consoante aos relatos de Ramos e Martins (2023) a presença da sutileza de ação no sentido de que a plataforma analisa os conteúdos, *hashtags*¹⁷ e perfis que os usuários buscam, assim como os *posts*¹⁸ curtidos, comentados e compartilhados, além dos perfis que seguem. Essa aparente liberdade de múltiplas interações, na realidade, configura uma estratégia algorítmica para formatar e direcionar as interações dos usuários.

Sinalizando de maneira prática esta representação têm-se o chamado Big Data, no qual os filtros invisíveis estão em boa parte dos serviços utilizados para realizar uma busca na internet. Baseado em históricos e preferências, “Google, Facebook, Amazon e outras gigantes da rede apresentam conteúdos totalmente filtrados por algoritmos de parâmetros a fim de poupar seus usuários de um esforço desnecessário” (Rodrigues, 2017, p.11).

Na sequência o *WhatsApp* se constitui um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*, amplamente utilizado como uma ferramenta de comunicação eficiente e conveniente em todo o mundo. Fundada em 2009 por Brian Acton e Jan Koum, a empresa americana, conquistou rapidamente uma enorme base de usuários globalmente. Um dos principais recursos do *WhatsApp* contempla a capacidade de enviar mensagens de texto, imagens, vídeos e documentos em PDF, permitindo que os usuários se comuniquem de maneiras diversas e expressivas. Além disso, o aplicativo oferece a

¹⁷ No Instagram, as *hashtags* direcionam o usuário para as publicações mais recentes ou mais relevantes (o usuário pode escolher) sobre uma determinada palavra-chave ou tópico de interesse.

¹⁸ Abreviação de postagem, publicação, esses filtros funcionam como verdadeiras bolhas que, de certo modo, nos aprisionam em nossas próprias preferências.

opção de fazer ligações gratuitas por meio de uma conexão com a internet, eliminando a necessidade de pagar por custos de chamadas tradicionais (Canaltech, 2020).

Segundo dados da Statista, 147 milhões de pessoas usam o WhatsApp no Brasil, o que corresponde a 99% dos brasileiros *on-line*. Depois da Índia, o Brasil ocupa o segundo lugar no mundo em número de contas ativas do app: 165 milhões no país. Tornou-se o aplicativo mais usado e baixado nas lojas *Google Play* e *Apple Store* e acessado do Brasil, correspondendo a números de pesquisa como da *Opinion Box* mostrou que 96% dos usuários acessam o *WhatsApp* todos os dias. De acordo com a Revista Forbes de 2020, o aplicativo alcançou 2 bilhões de usuários em 2020, respondendo como a segunda plataforma de mídia social a atingir esse número (Souza K., 2019; Statista, 2021).

No Brasil, o *WhatsApp* conquistou uma enorme popularidade, sendo um dos aplicativos mais utilizados para a troca de mensagens instantâneas. Essa ampla adoção pode ser atribuída à facilidade de uso, versatilidade e custo reduzido do aplicativo, fortalecendo ainda mais sua posição no mercado. No contexto acadêmico, o aplicativo digital também tem sido adotado como uma ferramenta educacional inovadora, oferecendo oportunidades de aprendizado colaborativo e troca de conhecimentos. Professores e estudantes podem aproveitar os recursos de mensagens em grupo para discutir tópicos relevantes, compartilhar recursos digitais e colaborar em projetos. Entretanto, os autores alertam para o excessivo e inadequado uso das redes ocasionando transtornos à saúde mental dos estudantes, em especial, à juventude (Silva, D., 2017; Souza K., 2019).

Reconhecendo a amplitude, o alcance, e, apesar dos benefícios, o *WhatsApp* também apresenta desafios no que diz respeito à privacidade e à disseminação de informações falsas. Devido à criptografia de ponta a ponta, as mensagens enviadas são consideradas seguras, mas essa mesma criptografia também pode ser explorada por indivíduos mal-intencionados para disseminar desinformação e propagar teorias da conspiração (Souza K., 2019; Lopes, M., 2023).

A plataforma oferece uma variedade de recursos para seus usuários, evidenciando a importância cultural e social, e, desempenhando um papel significativo na conectividade moderna. Contudo, outras plataformas surgem no mesmo cenário, revelando a concorrência como no caso do aplicativo *Telegram*. Refere-se a uma ferramenta de comunicação global. Oferece um serviço de

mensagens instantâneas baseado na nuvem com uma variedade de recursos, como chamadas de vídeo, mensagens e compartilhamento de mídia. Com a opção de criptografia de ponta a ponta, o aplicativo garante maior segurança na troca de informações. Lançado em 2013 na Rússia pelos irmãos Nikolai e Pavel Durov, rapidamente se tornou um dos principais concorrentes do *WhatsApp*. Atualmente, a rede social conta com 500 milhões de usuários ativos em todo o mundo (site *WhatsApp.com*; site *Telegram.com*).

No Brasil, o aplicativo ganhou popularidade em 2015, durante um período em que o *WhatsApp* sofreu bloqueio judicial. Nessa ocasião, o *Telegram*¹⁹ se mostrou uma alternativa viável para a comunicação entre os usuários brasileiros. No entanto, é necessário um acompanhamento contínuo dos desafios associados ao uso do aplicativo para garantir um ambiente digital seguro e confiável (*WhatsApp.com*; *Telegram.com*).

Na sequência de exposição sobre as principais plataformas de redes sociais menciona-se o *Youtube*²⁰. Trata-se de uma plataforma líder de compartilhamento de vídeos. Fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do PayPal, logo alcançou popularidade mundial. Em 2006, a empresa foi adquirida pela Google. O impacto do *YouTube* na sociedade não pode ser subestimado. De acordo com um relatório do Canaltech em 2020, a plataforma ostentava acima de 1 bilhão de usuários, equivalente a quase um terço da população global conectada à internet, presente em 88 países e disponível em 76 idiomas diferentes. Atualmente esse número atingiu 2 bilhões de usuários mensais no mundo, presente em mais de 100 países. No Brasil, dados de 2023²¹ revelam que a plataforma alcançou 142 milhões de usuários ativos

No entanto, a influência do *YouTube* transcende as estatísticas impressionantes atuando na democratização do compartilhamento de conteúdo, permitindo que pessoas comuns se tornem criadores de conteúdo e alcancem uma audiência global. Por meio dessa plataforma talentos emergentes têm a oportunidade de se expressar, compartilhar informações valiosas e se conectar com pessoas compartilhando interesses similares. Segundo Martino (2015), Rodrigues (2017) e Montardo (2019), essa liberdade de expressão e conexão tem levado a

¹⁹ *Telegram*: 500 milhões de usuários no mundo. Em 2021 possuía 42 milhões de brasileiros ativos.

²⁰ *Youtube*: 2º site mais acessado do mundo. No Brasil, 142 milhões de usuários ativos em 2023.

²¹ (<https://portalpoline.com.br>).

uma diversidade de vozes e perspectivas enriquecedoras que moldam o mundo digital, porém, também apresenta desafios de comunicação e interação.

Apesar das inegáveis vantagens trazidas pelo *YouTube*, importa reconhecer os desafios que surgem com uma plataforma tão vasta e influente. A disseminação de informações falsas e o discurso de ódio são questões significativas que se precisa enfrentar constantemente. Além disso, a monetização e a proteção dos direitos autorais têm sido temas controversos, com muitos criadores de conteúdo lutando para serem recompensados justamente por seu trabalho. Em suma, a plataforma se configura em uma força poderosa no mundo digital, e sua influência se tornou inquestionável (Martino, 2015; Rodrigues, 2017, Montardo, 2019).

Fechando a abordagem sobre as principais plataformas que interessam a esse estudo têm-se o *Snapchat*²² e o *Tik Tok*. O primeiro consiste em um aplicativo de mensagens baseado em imagens que permite aos usuários tirar fotos, gravar vídeos, adicionar textos e desenhos e escolher o tempo que a imagem ficará visível para seus amigos. O *Snapchat*, criado e desenvolvido por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, possui recursos de realidade aumentada se tornando atrativo para o mercado e *marketing* digital²³.

Com a recente atualização, os usuários podem iniciar conversas por texto ou vídeo, mesmo sem ativar a câmera. A principal característica do *Snapchat*²⁴ reside na temporariedade das imagens. Cada "*snap*" pode ser visualizado por um período de 1 a 10 segundos, de acordo com a escolha do remetente. Após ser aberta, a imagem ou vídeo é excluído tanto do dispositivo quanto dos servidores. Em 2022, o *Snapchat* contava em 2022 com aproximadamente 350 milhões de usuários ativos por dia. No Brasil, em 2023, conforme dados divulgados pelo site²⁵ eram 7,65 milhões de usuários.

Em referência ao *Tik Tok*²⁶, plataforma chinesa de mídia social lançada em 2016, permite aos usuários criar e compartilhar vídeos curtos. Com formato único, rapidamente se tornou uma plataforma líder na Ásia, Estados Unidos e em várias outras partes do mundo. Atualmente se tornou a 6ª maior plataforma de mídias sociais, e, em 2023, o aplicativo alcançou 1,5 bilhão de usuários, demonstrando sua

²² *Snapchat*: No Brasil, em 2023 corresponde a 3,5% da população total do país.

²³ Segundo o site: [www.https://techreport.com](https://techreport.com).

²⁴ <https://www.snapchat.com//pt-br/>

²⁵ [www.https://techreport.com](https://techreport.com).

²⁶ *Tik Tok*: 1,5 Bilhão de usuários ativos diários no mundo.

crescente popularidade. De acordo com um ranking feito a partir de dados da *DataReportal* e publicado pela revista *exame*²⁷ *online* o Brasil tem 82,2 milhões de usuários acima de 18 anos, embora o aplicativo permita a idade mínima de 13 anos para a criação de uma conta, portanto, o número de crianças e adolescentes nesse aplicativo atinge 48% na idade até 17 anos.

Entretanto, o *TikTok* também enfrentou controvérsias e ações judiciais em alguns países devido às preocupações de privacidade e segurança de dados. Alguns alegam que o aplicativo envia dados de usuários para servidores na China, levantando questões sobre a proteção e uso indevido dessas informações. Esse aspecto gerou debates e preocupações em relação à proteção da privacidade dos usuários. Assim, de acordo com o relatório digital de 2020 da Global Digital Overview, o *TikTok* foi uma das principais histórias de mídia social em 2019. Outro dado a ser considerado refere-se que, dos 800 milhões de usuários ativos mensais do aplicativo, mais de 60% desses usuários são da China (Canaltech, 2020).

Diante do exposto, as redes sociais descritas acima são frequentemente classificadas como populares e amplamente utilizadas tanto no Brasil quanto no mundo. Contudo, existem vários tipos de redes sociais, cada uma com públicos específicos e objetivos diferentes. A principal característica dessas plataformas consiste em subsidiar a interação social *online* entre os usuários, a fim de mantê-los engajados e presentes em seus espaços virtuais (Silva, D., 2016; Zancan; Tono, 2018 e, Volpato, 2022).

Deste modo, todas as redes sociais são consideradas mídias sociais, mas nem todas as mídias sociais são necessariamente redes sociais. Portanto, o que diferencia uma rede social de uma mídia social, é a capacidade de "interação" entre os usuários. Essas plataformas digitais, ou seja, redes sociais, têm trabalhado constantemente para aprimorar os mecanismos de interação ao longo do tempo, porém, as implicações advindas do uso inadequado ou excesso de exposição se configuram um desafio mundial a ser abordado e refletido nos ambientes sociais e na escola (Rodrigues, 2017; Zancan; Tono, 2018; Mèlo, 2023).

1.2.1 Toxicidades: reflexões conceituais

²⁷ [www.https://exame.com](https://exame.com).

A abordagem desse subitem visa discutir os impactos do uso excessivo das tecnologias digitais, principalmente por adolescentes, buscando analisar e refletir por meio de autores como Zancan; Tono (2018), Costa (2021), Mèlo (2023), Volpato (2022), dentre outros, sobre os benefícios ou malefícios para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo do uso das redes sociais. A expansão do uso da tecnologia tem interferido nos diversos aspectos da vida cotidiana das pessoas, em especial, os adolescentes. Por conseguinte, o uso sem a devida supervisão pode desencadear o uso excessivo ocasionando diversos riscos e alterações que comprometerão a saúde física e mental dessa faixa etária.

Partindo do entendimento de que, segundo Vieira Jr; Prelúdio (2020), a toxicidade representa a capacidade de algo se tornar nocivo ao indivíduo por meio da interação, a exposição constante às mídias sociais pode provocar efeito nocivo aos usuários, afetando diversas áreas da vida. Em sentido figurativo, toxicidade descreve interações, comportamentos ou mesmo situações com um impacto prejudicial nas emoções, no bem-estar mental, e outras. As afirmações são similares às de Souza, T., 2023, pois considera que nesse caso, refere-se a padrões de comportamento tóxico, atitudes ou palavras que gerem danos emocionais, psicológicos ou sociais ao ser humano.

1.2.2 A exposição a conteúdos inadequados nas mídias digitais: repercussão na saúde mental e emocional

Com a crescente entrada da tecnologia digital no cotidiano, novos problemas sociais e comportamentais surgem, incluindo o manuseio e acesso fácil às tecnologias, as quais pode acarretar uma dependência digital. Na esfera social, os adolescentes se mostram susceptíveis às transformações das tecnologias digitais, abrindo espaço para o desenvolvimento de um vício ou de atitudes inadequadas, como por exemplo, isolamento social, que compromete a capacidade de socialização dos adolescentes, gerando uma dificuldade em distinguir a realidade do mundo virtual (Silva, D., 2016; Souza T., 2023).

Desde o ambiente familiar, outrora, local de convivência e união das pessoas ao redor da mesa, no diálogo e nas conversas, mesmo frente à tv, as novas tecnologias digitais alteraram essa realidade. Para Dalmazó e Valente (2018) e

Lopes, N. (2018) foram inseridas no contexto familiar alterando a forma de agir, evidenciando que o diálogo e a participação na conversação mudaram de modo preocupante. Ocorre a modificação dos comportamentos interacionais à medida que inibem a interação física, gerando comodismo.

A adoção dessa postura por parte dos jovens pode causar problemas sociais, como separação do convívio social, solidão e depressão. De acordo com Silva, D. (2016), muitos adolescentes, para preencher o vazio deixado pelo isolamento social, apegam-se às redes sociais, porque lhes dão a impressão de que nunca estão sós e infelizes, via amigos virtuais e compartilhamentos de informações. Autores como Mèlo (2023) e Montardo (2019) compartilham das afirmações proferidas anteriormente, e acrescentam o perigo da dependência para a saúde mental de crianças, adolescentes e jovens.

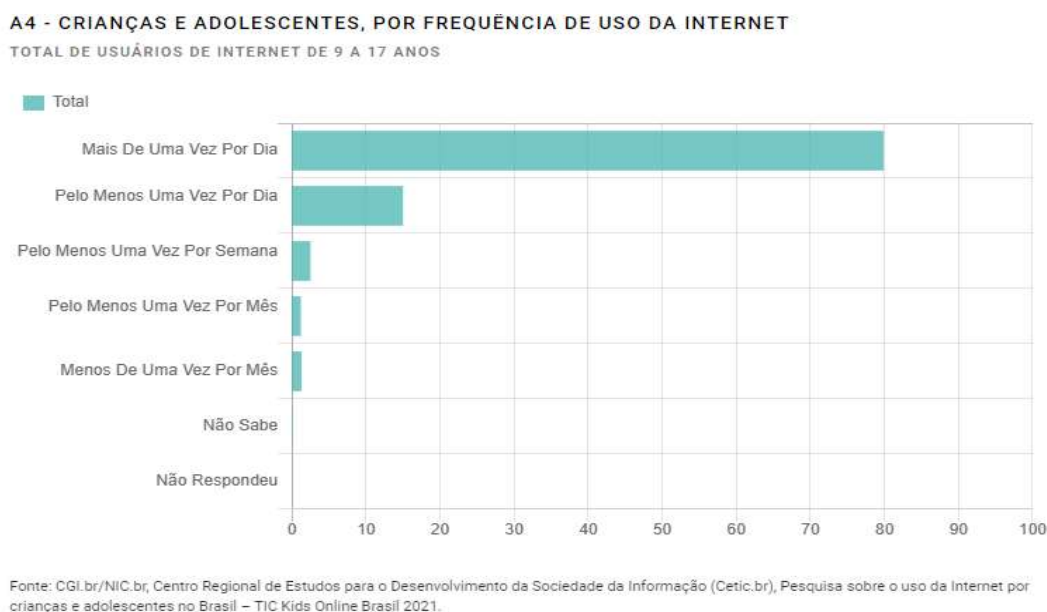
Segundo Eisenstein (2023), não há dados inocentes nas plataformas digitais; os interesses se sobrepõem. Os dados atualizados da pesquisa TIC KIDS ONLINE - Brasil de 2021, realizada pelo Comitê Gestor da Internet, nas 5 regiões do Brasil e com amostragem das 5 classes socioeconômicas, para crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos e suas famílias revelou que “93% têm acesso à Internet [...] 78% possuem telefone celular, e 81% vivem em domicílios com acesso a WiFi”. A referida pesquisadora apontou outros dados relevantes a esse estudo, a saber;

O uso das redes sociais para comunicação é relatado por 78% dos entrevistados, que enviam mensagens instantâneas em redes sociais, enquanto 71% realizam pesquisas ou trabalhos escolares. Ainda, 38% postam textos, imagens ou vídeos de autoria própria na Internet, e 30% pesquisam informações sobre saúde. Além disso, 88% possuem perfis em redes sociais, sendo o *WhatsApp*, o *Instagram*, o *TikTok*, o *Facebook* e vídeos no *YouTube*, *TikTok* e *Kwai*, os mais utilizados (Eisenstein, 2023, p.8).

Outro dado significativo descrito na literatura por Santos e Santos (2014, p.316) a respeito de como ocorrem as interações no mundo digital esclarece que a partir do momento em que o sujeito “escolhe e/ou seleciona quem pode ser seu ‘amigo’ em uma rede social digital, se está demarcando um território, (re)construindo a subjetividade/identidade”. Essa percepção interessa de modo particular à educação, pois as redes sociais como espaço de acontecimentos e relações, podem ser consideradas como um dos elementos condicionantes da existência humana moderna e influenciadora dos estudantes na realidade escolar.

Nesse aspecto, as relações virtuais são permeadas por um poder simbólico, invisível de quem os exerce contando com a aceitação dos envolvidos na interação. As implicações do uso de ideias, ideologias, convicções e disseminação de informações se transformam em um desafio à sociedade e à escola. De acordo com Santos e Santos (2014, p.319) os adolescentes e jovens são “protagonista de uma nova geração altamente imbuída em redes sociais digitais, tornando-se informada, “mais escritora” e “mais leitora” de conteúdos veiculados nessas ferramentas comunicacionais do atual período”. Os estudiosos chamam atenção para a influência das redes sociais digitais no processo de ensino-aprendizagem diante do dinamismo e alterações propostas pelo mundo contemporâneo. A escola, o lecionar e o aprender precisam se adequar às mudanças a partir de novas possibilidades no território do conhecimento. Ao docente cabe saber lidar com as ferramentas digitais por meio da formação continuada e direcionada, tornando-o apto a vencer os desafios dessa inserção que transforma o estudante em usuário.

Figura 6- Dados do acesso às mídias digitais



Fonte: https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=13&unidade=Crian%C3%A7as%20e%20Adolescentes.

Reconhecendo a interferência, influência e presença das redes sociais nas instituições de ensino surge a importância de se atentar para a qualidade e o tipo de informação acessada. Ao mesmo tempo em que as tecnologias de comunicação contribuem para dinamizar o fazer pedagógico e transformar o ensinar agregando valor ao modo de se adquirir o conhecimento, também representa uma preocupação

diante dessa cultura do descartável vigente na sociedade atual. Para Fernandes e Fernandes (2023, p.4) a caracterização da cultura do digital em rede expõe “complexidades semióticas que constituem novos ambientes comunicacionais e comunidades virtuais que possibilitam a interação e a interatividade humana em ambiências como organismos vivos, em constante crescimento e transformação”. Assim sendo, a escola participa desse cenário tecnológico e informacional interligado a comportamentos, atitudes, práticas e vivências no ambiente social interligado ao escolar.

A exposição a todo tipo de informação se configura, no Brasil, a um reflexo da quantidade de crianças e adolescentes com acesso à internet no país. Segundo dados da Agência Brasil em 2019 já eram 24,3 milhões dessa faixa etária conectados, sendo que, oito em cada dez crianças e adolescentes do país assistem a vídeos, programas, filmes ou séries na internet. Dentro dessa perspectiva de contato e acesso surge a preocupação com o excesso e também com a inadequação de conteúdos visualizados por essa população ainda em formação cognitiva, intelectual, física e emocional, conforme o alerta que se segue:

Apesar dos benefícios, disse que o uso da internet por crianças e adolescentes também envolve riscos, como o contato com estranhos, embora não necessariamente, segundo ela, isso possa incorrer em um problema. Também pode haver a exposição a conteúdos sensíveis e a própria conduta da criança e do adolescente poder ser considerada ofensiva para seus próprios pares (Agência Brasil, *online*, 2019).

Diante do reconhecimento de quase totalidade de crianças e adolescentes possuem algum tipo de conexão virtual em suas realidades, outro dado revelado pela Agência²⁸ Brasil, “o uso de internet dentro das escolas atinge em torno de 40% das crianças e adolescentes do país. Isso mostra que, apesar do uso já atingir 86% das crianças e adolescentes, [...]”. Nessa mesma percepção, Fernandes e Fernandes (2023, p.44), acrescentam que as mídias digitais e a internet estão imbricadas no cotidiano, rompendo o modelo tradicional de interação, e, “a escola não se encontra antenada com o ritmo das mídias digitais úteis em favor da construção do conhecimento.

Combater os conteúdos inadequados veiculados na internet também representa ampliar o espaço de acesso a conteúdo significativos de aprendizagem

²⁸ [www.https://ebc.com.br](https://ebc.com.br). (2019).

nas escolas. Nesse sentido, o letramento digital, enquanto condição de manuseio das tecnologias digitais se torna uma necessidade. A partir do correto uso “novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento” se descortinam diante do processo de ensino-aprendizagem e repercute nas práticas sociais (Fernandes; Fernandes, 2023, p.46).

Por outro lado, o impacto do uso desmedido das tecnologias, principalmente, por crianças e adolescentes, afeta a saúde mental, emocional e a interação social desencadeando comportamentos inadequados e nocivos à saúde do indivíduo. Trata-se de um grave problema a ser monitorado tanto por famílias como pela escola e sociedade, pois são nesses ambientes que as relações se expressam. Logo, o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC's impõe desafios aos docentes e aos estudantes no espaço escolar haja visto que coibir não se traduz como o melhor procedimento. Faz-se premente incentivar uma cultura de paz nas escolas (Monteiro, Lima-Berton e Asinelli-Luz, 2020).

Observa-se que essa problemática, em especial, envolvendo crianças e adolescentes vem assumindo proporções preocupantes, contudo, existem algumas ações e projetos no sentido de ensinar a população em geral a se desintoxicar do excesso uso da tecnologia midiática. De acordo com Souza, K. (2019, p.11) “o Instituto DELETE - Detox Digital, orienta a população ao uso consciente das tecnologias digitais, e oferece suporte no tratamento. e o Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas-GEAT”. Esse último empenha-se em auxiliar pais e educadores a estarem preparados para lidar com os desafios de educarem crianças e adolescentes na era tecnológica.

Nesse contexto, o uso indevido e abusivo das tecnologias digitais pode provocar conflitos em diferentes âmbitos da vida do indivíduo. Para Souza, K. (2019) além de gerar dependência, danos psicológicos, comportamentos agressivos ou depressivos, alterações de humor e necessidade de se manter constantemente conectado, o uso excessivo da internet interfere diretamente na juventude. Surgem os sinais e sintomas que conduzem às evidências de risco à saúde mental, emocional e física. Contudo, algumas situações da vida moderna contribuíram negativamente para a adesão e acesso irrestrito às mídias sociais, como por exemplo, o período pandêmico que assolou o mundo e obrigou ao isolamento social, ocasionando repercussões que serão abordadas a partir desse momento.

1.3 Fique em casa: o uso obrigatório das tecnologias e mídias digitais em um cenário pandêmico

O tópico apresenta o impacto no cotidiano da população no período de restrição e isolamento social advindo da pandemia da Covid-19. Fato que impôs às tecnologias digitais um protagonismo permeado por excessos e dificuldade de controle do uso das mídias, as quais se tornaram uma forma de comunicação e interação, ainda que virtual, durante a pandemia.

Para estabelecer a junção entre os acontecimentos convém destacar que o ano de 2020 registrou na História mundial o surgimento inesperado e devastador da pandemia de Covid-19, doença causada por um novo coronavírus, o SARS-CoV-2. De acordo com informações do Ministério da Saúde (2020), os coronavírus são uma ampla família de vírus que são encontrados em diversas espécies de animais, como camelos, gado, gatos e morcegos. O contágio se alastrou de modo acelerado obrigando os órgãos de saúde a adotar medidas drásticas visando a preservação da saúde populacional e a contenção do avanço viral. Devido a este contexto, foi decretado quarentena como medida de segurança de saúde.

A declaração da pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde - OMS intensificou as medidas de higiene, o uso de máscara, o distanciamento físico e o isolamento social. Embora medidas como a higienização das mãos e o uso de máscara já fossem utilizadas anteriormente para evitar o contágio de doenças. A prática do isolamento social foi realizada pela primeira vez em escala global. Com base nas pesquisas da Agência Brasil (2021), “a pandemia de covid-19, intensificou o uso de tecnologias digitais no Brasil, passando de 71% dos domicílios com acesso à internet em 2019 para 83% em 2021”.

No Brasil, os primeiros casos de Covid-19 surgiram após o carnaval do ano de 2020. Poucas semanas depois, a OMS declarou a pandemia. Em resposta, várias cidades brasileiras adotaram medidas de quarentena obrigatória para o comércio e serviços não essenciais. Diferentes campanhas de conscientização surgiram as quais exploravam a importância da lavagem das mãos, da etiqueta respiratória, dentre outras. Uma das campanhas destacadas incluía a frase “Fique em casa”. Essa frase foi amplamente divulgada nas propagandas televisivas e nas redes sociais, tendo em vista a estratégia das autoridades civis e sanitárias quanto ao isolamento social como medida de desacelerar a transmissão viral. Dessa forma,

prevaleceu a orientação de que as pessoas doentes se mantivessem isoladas e as pessoas do grupo de risco evitassem a exposição, assim como todos os cidadãos em geral, deveriam evitar sair de casa, limitando seu deslocamento apenas para situações essenciais. Segundo Lopes, M. (2023, p.6) “Com a Pandemia do Coronavírus em 2020, as pessoas foram obrigadas a permanecerem em casa, mudando a vida drasticamente, e foi neste momento que as redes sociais ganharam maior visibilidade.

Nota-se a repercussão e os impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias (Lopes, M. 2023). Porém, quanto às plataformas digitais observou-se dois fenômenos, a saber; por um lado, as mídias sociais digitais desempenharam um papel significativo durante a Covid-19, permitindo a disseminação de informações atualizadas, a conexão entre as pessoas e a manutenção de atividades sociais à distância. Por outro lado, constatou-se que o uso excessivo dessas plataformas também tem sido associado ao surgimento de problemas de saúde mental, sedentarismo e outros transtornos, conforme mencionado anteriormente.

Tornou-se evidente que o uso de redes sociais, como o Facebook e o Instagram permanece em constante crescimento, entretanto, essas plataformas deixam rastros de comunicação entre os usuários, como comentários de natureza positiva ou negativa, enquanto promovem a interação e apropriação. Esse viés se torna preocupante. De acordo com o relatório do site *insper.edu.br*²⁹ divulgado em 2022, 63% da população mundial utiliza tecnologias digitais, o que evidencia a importância dessas ferramentas para compreender a realidade desse grupo de pessoas. É sabido que durante o início da pandemia, o isolamento social levou a todos dependerem exclusivamente do ambiente virtual e suas telas para manter contato com amigos, familiares e colegas de trabalho. Conseqüentemente, essa situação nos fez perceber que, pela primeira vez, não utilizamos as mídias sociais, internet e plataformas digitais por escolha, mas sim por necessidade de evitar o isolamento e a sensação de estar desconectado do mundo.

Diante do exposto de uma difícil realidade imposta aos indivíduos, cumpre o alerta proposto por Guzzo (2020) os rituais são essenciais na existência humana e não cabem em dispositivos. Vivências e situações inerentes ao ciclo de vida como: a

²⁹uma instituição de ensino superior localizada em São Paulo, Brasil; considerada uma instituição de relevância de ensino do país, oferecendo cursos acadêmicos.

morte, o funeral, o parto, o adoecimento, a festa, o teatro, o jogo dependem de encontros e de presença. Nesse aspecto, experimentamos na prática que, embora seja possível realizar diversas atividades, as plataformas digitais não substituem algumas das interações mantidas nos espaços físicos, seja com o mundo ao nosso redor, seja com outras pessoas.

No cenário pandêmico, à medida que a interação presencial se tornou dificultada, as plataformas digitais se tornaram um meio vital de comunicação, ferramentas essenciais para manter relações pessoais e profissionais durante um tempo desafiador. A facilidade de uso e acesso permitiu que pessoas de todas as faixas etárias se comunicassem com seus entes queridos, colegas de trabalho e amigos, independentemente das distâncias físicas. Além disso, outras plataformas, como o *Zoom* e o *Google Meet*, também tiveram um papel fundamental em conectar pessoas em todo o mundo. A necessidade de reuniões de trabalho, aulas *online* e eventos virtuais impulsionou o uso dessas ferramentas de videoconferência. Contudo, para Guzzo (2020) essas plataformas digitais permitiram amenizar a lacuna física e manter um senso de conexão e comunicação em meio à crise global, porém, não se configuram substitutas das relações sociais.

No entanto, para além do excessivo tempo gasto em redes digitais e plataformas virtuais também se constitui uma questão desafiadora a chamada 'desinformação', ou veiculação de notícias inverídicas no universo digital. Com a população conectada e o volume acelerado de informações, nem sempre confiáveis, sendo veiculadas a cada instante nos dispositivos digitais, agrava-se a importância de se questionar e verificar tais informações e conteúdo.

1.3.1 Os riscos das narrativas de manipulação da informação

Este subitem apresenta uma referência aos perigos das narrativas veiculadas com intenções de fomentar a desinformação ou a indução de informações manipuladas em conformidade com interesses, os quais deturpam a realidade dos fatos. Na perspectiva de comportamentos condicionados pelo evento adverso chamado pandemia admite-se a inclusão de outros elementos na dinâmica relacional pós pandemia e que precisam ser observados. Para Lopes, M. (2023, p.10), as relações sociais sempre existiram, contudo, "as tecnologias de

comunicação digital, apoiadas em sistemas computacionais [...] poderosos e sofisticados, oferecem novas maneiras para as ligações entre as pessoas, por meio de novos dispositivos [...], novas formas de interação sem restrições de tempo ou lugar”. O referido autor destaca que as trocas de informações passaram a acontecer em outros formatos além do texto e o alcance se expandiu provocando benefícios e malefícios, dependendo da utilização.

Nota-se em relação ao sistema da mídia que esta desempenha um papel relevante como ator discursivo que propõe definições da realidade, pois no campo midiático ocorrem disputas entre diferentes participantes, sendo que alguns têm maior poder econômico e simbólico do que outros. As reflexões sobre os perigos das narrativas e manipulação de informações condensam diferentes interesses e têm na publicidade uma forte aliada tanto de massificação como de convencimento e alcance. A esse respeito, Lopes, M. (2023, p.14) argumenta: “a navegação on-line percorrerá caminhos diferentes entre games, busca de informação, interações com familiares/amigos/conhecidos, contratação de serviços, compra de mercadorias, entretenimento, aprendizagem escolar, hobbies, etc.”.

Os discursos nem sempre apresenta harmonia, possibilitando identificar tendências de reiteração da ordem social estabelecida, seja em termos institucionais ou em relação a conflitos de classe, raça ou gênero. Um exemplo que ilustra essa dinâmica é o discurso publicitário; esse tipo de discurso, devido ao seu caráter pago, está intimamente ligado a cada empresa anunciante, sendo mediado pela comunidade discursiva do mercado de criação e produção publicitária. Assim, é fundamental compreendermos a influência do sistema midiático na construção da realidade, considerando suas características e o contexto em que atua (Lopes, M. 2023).

Ilustra essa realidade o contexto publicitário cuja finalidade expressa dos anúncios publicitários é vender o produto ou serviço anunciado, porém, a forma como essa venda é realizada está cada vez menos baseada em comandos imperativos e mais em uma dramatização de uma situação idealizada de consumo. Nessa idealização, são empregadas representações sociais do que é considerado ideal, como normas tácitas relativas à conduta, gênero, raça, classe social, entre outros aspectos. Dessa forma, essa normatização da felicidade desempenha uma função ideológica ao fortalecer determinados arranjos sociais e, conseqüentemente, excluir ou rejeitar outras direções que sejam alternativas e/ou contra hegemônicas.

Desse modo os anúncios publicitários precisam usar representações claras e pouco ambíguas devido ao tempo e espaço limitados disponíveis.

Percebe-se que o uso acrítico das redes sociais pode conduzir à manipulação de consumo e à massificação dos gostos. A alienação provocada pela excessiva atenção às divulgações e narrativas da internet contribuem para o consumismo, comportamento operante na maioria dos indivíduos, e, atrelado à publicidade e facilidade do mundo virtual. Propaga-se realidades ilusórias, cenários idealizados que suscitam na pessoa o desejo de enquadrar-se a esse modelo irreal de vida. Diversos estudos comprovam que o uso exagerado e alienado à realidade pode trazer inúmeros prejuízos não apenas emocionais como físicos, conforme a pesquisa realizada pela Royal Society for Public Health, no Reino Unido em parceria com o Movimento de Saúde Jovem, e divulgado pelo portal de notícias *online* *ecodebate* (2020) constatou que o *Instagram* é uma das redes sociais nocivas, afetando o sono, a autoimagem e a percepção de acontecimentos. *Facebook* e *Snapchat* também foram citadas como propulsoras de impactos negativos à saúde física e mental em decorrência do alto tempo gasto nessas plataformas.

Importa considerar o poder da mídia na formação de opiniões através da construção de narrativas manipuladoras. Determinados países são assolados por problemas de ordem social, política, econômica, além de barreiras culturais e ideológicas, os quais, se tornam alvo ou reféns de veiculação de informações inverídicas ou de cunho autoritário visando manter a hegemonia política e dominação frente à ignorância dos fatos por parte da população. Ilustra essa condição, o Irã, país islâmico de maioria xiita no qual há restrições severas ao consumo de bebidas alcoólicas. As restrições governamentais e religiosas, características de teocracias totalitárias, têm um impacto significativo na comunicação política, científica e cultural, levando a distorções sistemáticas. De acordo com Lopes, N. (2018) existe uma câmara de redes em eco no país operando em conjunto com contas de mídia social em plataformas como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e grupos de bate-papo de *Telegram* para coordenar narrativas que são empurradas de pequenas plataformas para conteúdos de mídia *mainstream*, ou seja, corrente principal, em um período de tempo relativamente curto.

Outro exemplo ilustrativo surgido no ambiente virtual do Irã e que erradia desconfiança, incertezas e manipulação da informação se encaixa na estória publicada em um tabloide sobre um professor britânico que afirmava ser capaz de

curar a COVID-19 com uma combinação de uísque e mel. Conseqüentemente essa notícia se espalhou nas contas iranianas de mídias sociais, refletindo a fragilidade da população diante da veracidade das notícias e da impossibilidade de se confiar nas informações oficiais do país. Desse modo, a propagação, impulsionada por elementos culturais e paralelos simbólicos levam pânico e desinformação (Lopes, N., 2018).

Nesse contexto, considera-se o poder da mídia em ser útil ao discurso ideológico por meio da naturalização de significados, simplificando uma complexa variedade de interpretações em poucas verdades convenientes. Essa simplificação transforma indeterminações, ambigüidades e diversos leques de opções surgem favorecendo os interesses dominantes. Sob o domínio de conceitos absolutos em um contexto de saturação de dados, uma estrutura de comunicação também acaba distorcida, dando origem a preconceitos e alimentando a ignorância por intermédio de informações falsas seja sobre a pandemia de COVID-19, seja outros temas. Para Lopes, N. (2018), a veiculação maciça de afirmações imprecisas representa um perigo evidente e imediato não apenas para o indivíduo, mas também para a sociedade como um todo e o bem-estar coletivo. Muitas narrativas incutem o medo, a insegurança e a ameaça ou ainda, fomentam discursos de ódio nas redes sociais, principalmente, direcionadas a grupos minoritários ou em situação de vulnerabilidade, resultando em atos discriminatórios e violência não somente virtuais.

Na atualidade, com o surgimento da banda larga e a evolução para a Web 2.0, houve uma transformação significativa nos processos de interação entre os meios de comunicação e seus consumidores. Se no passado, os receptores eram consumidores passivos dos veículos de comunicação impressa ou televisiva, porém, agora, se deslocaram para o centro dos processos midiáticos ao adotar e disseminar novos posicionamentos fundamentados por regimes adeptos de transmissão de inverdades. Segundo Lopes (2023), nesse cenário redefinido por novos produtores e receptores de mensagens em mútua interação, as narrativas se adaptam às mudanças nas áreas de verdades e são influenciadas por diferentes interesses. Essas narrativas variam desde o discurso oficial até as falácias persecutórias, hipóteses paracientíficas ou proposições de intolerância, podendo ter conseqüências calamitosas.

Diante do exposto, nota-se que a contemporaneidade se faz atrelada à tecnologia e essa realidade deve ser enxergada e analisada a partir do contexto

social e cultural que dispõe sobre os comportamentos. A publicidade, em linhas gerais, carrega consigo um conteúdo ideológico e defende publicamente não só um interesse privado, mas também uma ideologia que perpetua a estrutura hierárquica da sociedade e o modo de produção capitalista representado por interesses dominantes diversos. As mídias digitais se constituem uma ferramenta que pode suscitar controle, influência, valendo-se do que chama de ‘tendências’ para incutir ideias, pensamentos, opiniões sobre como as pessoas devem se comportar no mundo onde a verdade nem sempre se encontra clarificada pelos fatos postados, veiculados e divulgados nas redes sociais.

1.4 A mídia e a influência na opinião pública: disseminação de *Fake News*

A celeridade das informações no mundo virtual constitui o foco desse tópico centrado no impacto da mídia na opinião pública, conforme tratado anteriormente, porém, a partir da disseminação de *Fake News*. O ciberespaço congrega várias interfaces, que combinadas com os progressos da digitalização, estendem e multiplicam as interações no campo midiático. A interconexão se estabelece como uma nova forma de comunicação através do ciberespaço. Os produtores de conteúdo se multiplicam nas redes, portanto, convêm uma distinção entre informação e conhecimento no acesso e compartilhamento do que se encontra disponível na internet. De acordo com Santos, Casa Grande e Velozo (2023, p.8), observa-se uma “relativização extrema sob a justificativa de serem pontos de vista, de confusão entre liberdade de expressão e licença para violentar/cometer crime, [...]”. Essa percepção a respeito da relevância em discutir a desinformação no ambiente virtual encontra respaldo nos relatos de Nascimento (2020, p.3) argumentando que “A disseminação de informações e notícias fraudulentas não se restringe a política, incidindo também sobre o conhecimento [...]. Quanto maior é número de likes, compartilhamentos e comentários, mais uma ideia se propaga”. Dessa forma, a propagação pode provocar diversas reações, comportamentos e entendimentos sobre uma única informação postada.

1.4.1 Era da pós-verdade: uma abordagem sobre desinformação e *fake news*

O termo *'fake news'* alcançou o auge nos meios de comunicação em 2017 por questões políticas, suscitando a chamada 'era da pós-verdade'³⁰, tornando-se extremamente corriqueiro e popular. Em consequência, sendo empregado de forma generalizada e também imprecisa pode emergir de qualquer fonte e sem nenhum critério, porém, contendo potencial de espalhar, manipular e influenciar outras pessoas (Alves; Maciel, 2020).

Atualmente, o termo *'fake news'* tornou-se sinônimo de desinformação, sendo amplamente utilizado pela mídia para se referir a rumores e informações falsas que circulam, principalmente nas redes sociais. Compreende-se que se caracterizam por um elemento de instrumentalização e organização da mentira por uma produção que afeta o espaço público (Santos, Dantas e Nascimento, 2020; Silva, et al., 2023).

Comumente, as notícias falsas são replicadas pelos usuários e, por vezes, estimuladas pelas redes sociais, através de algoritmos que aproximam esses indivíduos ao que Santos, Dantas e Nascimento (2020) denominam de uma bolha, onde nem sempre há pessoas, mas, robôs virtuais convertidos em perfis. O autor citado acrescenta que a finalidade consiste em promover, de forma irreal, a sensação aparentemente de existência de pessoas reais e responsáveis por atos.

Quanto à definição de *fake news*, a literatura engloba uma variedade de tipos de informações, incluindo sátiras, boatos e notícias fabricadas. Segundo Kaufman e Santaella (2020) os algoritmos de inteligência artificial assumem um papel determinante nas redes sociais, sendo essa afirmação convergente com Rodrigues (2017), pois alerta para o caráter invisível da inteligência artificial presente no ciberespaço.

Para Alves e Maciel (2020) mentiras e divulgação de boatos não se caracterizam fenômenos inéditos na história da civilização. Entretanto, os autores consideram três premissas essenciais para a elaboração do entendimento a respeito da desinformação no cenário de fake news, conforme relatam:

- i) a desinformação, as mentiras e os boatos na política sempre existiram; ii) as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) deram um novo contorno e uma nova escala ao fenômeno da desinformação, produzindo algo nunca antes visto na história da humanidade; e iii) não é possível reduzir todo o contexto de crise democrática global apenas à existência do fenômeno da desinformação (Alves; Maciel, 2020, p. 149).

³⁰ O Dicionário Oxford o definiu como: adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos a emoções ou crenças pessoais.

Dentro dessa percepção, entende-se que a característica central na definição de *fake news* perpassa pela intenção de enganar, não se limitando apenas a informações incorretas ou mal apuradas. Trata-se, na realidade, de uma informação falsa divulgada com o objetivo de atender interesses individuais ou de grupos. Outros estudiosos defendem essa visão, a saber: Priolli (2017), Rodrigues (2017), Santos, Dantas e Nascimento (2020) e, Santos; Casa Grande e Velozo (2023).

Nesse contexto, as inverdades disseminadas nas mídias digitais alcançam diferentes setores da vida em sociedade. Enquanto, veículo de informação, o jornalismo também repercute e sofre com as chamadas *fake news*. Segundo Bertolini (2016) as notícias falsas utilizam narrativas jornalísticas e componentes de notícias, participando de guerras de informação, confundindo por valer-se da credibilidade do jornalismo em geral.

Desse modo, as notícias falsas se apropriam do jornalismo, por meio da emulação de seus padrões de linguagem e legitimidade para a narrativa falsa que propagam, contando com sua função social. Com base nos relatos de Bertolini (2016), três elementos parecem essenciais para definir as notícias falsas: (1) o uso de narrativas jornalísticas e componentes de notícias; (2) a total ou parcial falsidade da narrativa; e (3) a intenção de enganar ou criar falsas percepções por meio da disseminação dessa informação nas mídias sociais. A circulação de notícias falsas, assim, contribui diretamente para a produção de desinformação, especialmente na internet, embora não seja o único ambiente usado para essa finalidade.

O conceito de mídia social compreende, necessariamente, a apropriação pelos atores dos sites de rede social para a difusão de informações. Dessa forma, desempenham um papel central na disseminação rápida de informações entre os usuários. Assim, as mídias sociais possibilitam uma difusão de informações em escala ampliada, atingindo um grande número de usuários de forma rápida e eficiente. Portanto a estrutura da rede é apenas um dos fatores que contribuem para o espalhamento das *fake news* (Priolli, 2017, Rodrigues, 2017, Santos, Dantas e Nascimento, 2020) e, Santos; Casa Grande; Velozo, 2023).

No compartilhamento de informações por atores nas mídias sociais, baseado em suas crenças e percepções, observa-se frequentemente o surgimento de redes de conversação polarizadas. Esse fenômeno se torna particularmente evidente em contextos polêmicos. Nesse sentido, a estrutura das *fake news*, apresentadas como

notícias supostamente verdadeiras, desempenha um papel crucial, pois cria narrativas que ecoam os preconceitos e visões de mundo dos atores sociais. Esse fenômeno psicológico é conhecido como base de confirmação (Priolli, 2017, Rodrigues, 2017, Santos, Dantas e Nascimento, 2020, e, Santos; Casa Grande e Velozo, 2023).

Evidencia-se, na era da pós-verdade, que as pessoas tendem a acreditar em informações que se alinham às suas percepções das narrativas sociais, enquanto descredita aquelas que as contradizem. Como resultado, a mídia social, devido à sua estrutura de disseminação de informações, pode potencialmente ampliar a propagação de fake news, especialmente as relacionadas a questões eleitorais. Isso, por sua vez, pode afetar as crenças políticas, criando uma esfera pública enviesada, partidária e generalizada para aqueles envolvidos (Priolli, 2017).

A sociedade contemporânea, fortemente influenciada pela pós-verdade e pelo uso da internet transforma o modo como nos relacionamos e como representamos nossa experiência de viver. Por meio de um simples clique, consegue-se acesso a informações que antes eram inacessíveis, vindas de bibliotecas ou até mesmo previsões do clima em diferentes partes do mundo. Esse fácil acesso às informações não apenas democratiza o conhecimento, mas também o torna célere. Assim, embora a inclusão digital ainda seja um desafio em muitos países do terceiro mundo, onde a pobreza dificulta o acesso à tecnologia, ou em nações que enfrentam regimes totalitários ou religiosos, como China, Coreia do Norte, Irã, Paquistão, Turquia ou Arábia Saudita, onde a censura governamental limita a circulação livre de documentos, se torna inegável que o acesso à informação nunca foi tão equânime, ou seja, constante, como nos dias atuais (Priolli, 2017).

A regulamentação da internet e sua gestão por entidades civis, em oposição a governos ou empresas privadas, consolida-se como um princípio fundamental na intenção de evitar a censura prévia. No entanto, navegar na *web* tornou-se uma tarefa complexa, pois a maioria das pessoas se depara com um mar de pseudonotícias e desinformação. A falta de direcionamento claro nos guia enquanto navegamos na internet, levando muitos indivíduos a ficarem mareados e afogados nesse mar de informações equivocadas. Assim, a inclusão do termo 'pós-verdade', reflete o aumento da importância de boatos e difamações em detrimento dos fatos, em linhas gerais. Ressalte-se ainda que, diferentemente da mídia tradicional, as novas plataformas nas quais as informações circulam na contemporaneidade não

estão ainda devidamente enquadradas e submetidas a mecanismos de responsabilização (Alves; Maciel, 2020).

Nesse sentido, a postura do indivíduo em relação ao recebimento de informações se vê determinada por sua subjetividade e não pelo próprio conteúdo factual. Essa concepção revela uma distância em relação à ideia de verdade como algo único e inalterável, tornando-a multifacetada e contrária à obtenção de respostas definitivas. Desse modo, nessa sociedade, o furdunço e o bochicho se tornam fontes determinantes na evolução dos eventos, a atenção dos telespectadores se volta para noticiários sensacionalistas e catástrofes, deixando de questionar os acontecimentos, contribuindo para a rápida proliferação das *fakes news* (Priolli, 2017).

Para Alves e Maciel (2020, p. 152) “Fake news representa informações de várias vertentes que são apresentadas como reais, mas são claramente falsas, fabricadas, ou exageradas ao ponto em que não mais correspondem à realidade” tornando-se correlatos as afirmações de Priolli (2017) para quem o conceito de *fake news* se refere a notícias falsas que possuem a aparência de veracidade. Essas falsas informações são mascaradas de maneira enganadora, utilizando-se de artifícios que as fazem parecer verdadeiras. Portanto, a pós-verdade e a manipulação da verdade são conceitos distintos. Enquanto a manipulação da verdade se caracteriza por uma apresentação enganosa que busca aparentar ser verdadeira, a pós-verdade, refere-se à indiferença diante das questões, e não necessariamente a uma adoração à mentira, embora outras linhas de pensamento afirmem que o termo resulta da mentira. Portanto a legitimação dos fatos em decorrência de fatores subjetivos inerentes a cada indivíduo é discutida no contexto da pós-verdade. Diante disso, Santaella (2019) alerta que a pós-verdade envolve a relativização da verdade, tratando a informação de forma banalizada em relação à objetividade dos dados e a prevalência do discurso emocional.

Reconhecendo a complexidade envolvendo a disseminação de notícias falsas por meios digitais que atingem milhões de usuários não se pode esquecer da divulgação de informações nos meios de comunicação de massa, como televisão e rádio, pois apresentam uma peculiaridade: uma transmissão anacrônica e atópica, que não se contextualiza no tempo e está desconexa do espaço. A desinformação, inclusive, destaca-se como o principal elemento nos noticiários veiculados por esses meios. Ao que tudo indica, as notícias são apresentadas de forma a dificultar a

identificação do seu contexto temporal e espacial pelos ouvintes e espectadores (Rais, 2019; Priolli, 2017, Alves; Maciel, 2020).

Os desdobramentos dessa veiculação de informações e as inverdades contidas nas situações revelam uma desconexão entre o teor informativo e a realidade vivenciada pelos receptores da mensagem midiática. A mídia, ao não situar as notícias em um tempo e lugar específicos, não permite que os indivíduos as compreendam adequadamente e as relacionem com os eventos atuais e os espaços onde estão inseridos (Priolli, 2017, Hans, 2018, Alves; Maciel, 2020).

Dessa forma, surge uma ilusão de acesso a informações sobre os acontecimentos mundiais de maneira rápida e fácil, sem precisar acompanhar diariamente os noticiários. Essa ilusão se torna latente a ponto das pessoas se sentirem suficientemente capazes de repetir as informações. Entretanto, apenas vemos as imagens e nos contentamos em saber o que está ocorrendo no mundo, limitando-nos aos breves comentários feitos pelos âncoras, sem compreender o real motivo por trás dos acontecimentos.

Um efeito cascata acontece como sugere o exemplo de que, a partir do sequestro da filha de um apresentador de televisão, seguido pelo sequestro desse mesmo apresentador e de um conhecido publicitário brasileiro, os meios de comunicação passaram a dedicar a maior parte de seu tempo para reportagens sobre crimes. A população, por sua vez, passou a se sentir ameaçada e amedrontada com essa enxurrada de notícias, embora os crimes já ocorressem há muito tempo. Surpreendentemente, nenhum dos noticiários estabeleceu qualquer relação entre a criminalidade e suas possíveis causas, como o problema do crime organizado, a corrupção do sistema judiciário e policial, o desemprego, a exclusão social e a injustiça econômica (Alves e Maciel, 2020).

As breves considerações elaboradas até o momento tiveram por objetivo situar melhor o problema e a compreensão das *fake news*, evitando uma visão reducionista, que tende a fazer delas a causa por excelência dos problemas atuais. Interessamos, a partir de agora, despertar a atenção do papel da educação e das mídias digitais no contexto educacional. O processo de ensino-aprendizagem tem se tornado um desafio nas instituições educacionais, entre outras razões, em virtude da introdução das TDIC's, as quais alteram a perspectiva de comunicação. Em muitas escolas ocorre uma confrontação nesse sentido, Santos, Casa Grande e Velozo (2023, p.112) afirmam "Fora da escola, os sujeitos interagem em redes não

hierárquicas, discutindo questões que emergem dos seus interesses e necessidades, dentro da escola, realizam tarefas obrigatórias e muitas vezes repetitivas e descontextualizadas”.

Importa considerar que o emprego das tecnologias digitais de informação e comunicação – TDIC’s no contexto educacional se encontra prevista na Base Nacional Comum Curricular – BNCC fornecendo suporte ao novo Ensino Médio tornando importante a análise das metodologias e buscar compreender essa realidade que acena para a possibilidade de flexibilidade curricular, dentre outros aspectos na educação (Motta; Frigotto, 2017; Cerruti; Baldo, 2020; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023).

Evidencia-se que os novos formatos de comunicação, provenientes do ciberespaço, vêm modificando as relações entre o método destinado e aplicado à aprendizagem e a vida social, determinando novas linguagens e signos, e ampliando uma nova cultura contemporânea. Sendo assim, aprofundar na compreensão do papel da educação na produção do saber através da utilização das mídias digitais no ambiente escolar se transforma em um desafio a ser contextualizado. As instituições educacionais necessitam propiciar práticas pedagógicas que abarquem os estudantes em atividades que ampliem sua criticidade (Souza, K., 2019).

CAPÍTULO 2 – O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA PRODUÇÃO DO SABER E PARA O USO DAS MÍDIAS

A proposição desse capítulo consiste em analisar o papel da educação na produção do saber através dos métodos que envolvem o mundo digital, oportunizando uma compreensão sobre o ciberespaço, visando entender, a partir dos novos letramentos o surgimento de uma educação renovadora que aprecie a autonomia dos estudantes.

Na realidade da sala de aula o potencial das TDIC's para a prática pedagógica se configura significativas possibilidades, uma vez que fazem parte da cultura na atualidade, portanto, se encontra inserida na vida familiar, comunitária, social e também educacional. Nesse cenário, a educação na sociedade contemporânea demanda dos docentes outros conhecimentos somados aos provenientes do período de sua formação inicial. O ciberespaço traz diversas modificações, fazendo com que se pense na promoção do contínuo aprendizado para acompanhar esse progresso. E, muitos são os desafios que emergem desse novo contexto.

2.1 Os novos desafios da educação

Consoante ao apresentado no primeiro capítulo, o mundo contemporâneo encontra-se permeado pelo fluxo constante de informações decorrente da aceleração tecnológica, a qual impõe à sociedade e também à escola uma adaptação contínua. No entanto, acrescenta-se a essa realidade a ocorrência de disputas hegemônicas³¹. O ambiente escolar, enquanto espaço de reflexão sobre a produção constante, volumosa e rápida das mídias na contemporaneidade pode possibilitar uma reflexão crítica desde que se enxergue o cotidiano como um dos múltiplos cotidianos, e, conseqüentemente, inseparável das relações muitas vezes antagônicas estabelecidas na vida social.

A abordagem reflexiva dos desafios do papel da escola enquanto transmissão do saber/conhecimento interligado às potencialidades advindas da utilização das

³¹ Reconhecemos a existência do debate sobre o período compreendido pela contemporaneidade a partir de múltiplas perspectivas, entretanto, não é nosso objetivo entrar nesta seara na presente dissertação.

novas tecnologias na prática docente assume a conotação de preocupação e atenção por parte de estudiosos como Motta e Frigotto, (2017) Souza, K. (2019), Santos, Casa Grande e Velozo, (2023), dentre outros.

Neste subitem, as possibilidades de uma educação vinculada às mídias digitais no cenário escolar, permeada por práticas pedagógicas que se preocupam com a reflexão crítica, se atualizam na realidade escolar. Além disso, discute-se a importância da instituição escolar, enquanto parte integrante da sociedade, em como integrar os meios de comunicação em suas práticas, visando minimizar os abismos que os novos processos de comunicação inseridos no cotidiano dos jovens devam ser tratados e estabelecidos na relação interacional entre os estudantes e as escolas (Motta e Frigotto, 2017; Souza, K. 2019).

Para Silva e Ferreira (2014, p.3), o papel da escola frente as demandas sociais principiam a partir da conscientização de que “a educação é um processo pelo qual uma sociedade molda os indivíduos que a constituem, assegurando sua repetição ou continuidade histórica, pois o processo de escolarização dura por toda a vida [...]”. Nesse entendimento, supõe-se o alerta de que a sociedade pode moldar seus indivíduos de acordo com o seu interesse particular, visando repassar a seus membros, suas significações, valores, saberes e interpretações do mundo.

Nesse cenário, cabe à escola formar cidadãos críticos, reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, tornando-se aptos a contribuir para a construção e/ou desconstrução de formas de controle e dominação, em favor de uma sociedade igualitária e justa. Contudo, o ordenamento tecnológico proposto pelo capitalismo na sociedade industrial se constitui um obstáculo devido à falsa ideia de liberdade veiculada como benéfica e a manipulação das necessidades dos indivíduos. Essa realidade que cultiva a ausência de criticidade também alcançou a escola (Silva e Ferreira, 2014; Sobrinho e Gadanha, 2022).

Outros elementos se entrelaçaram a esse contingente situacional. Segundo Pelissari (2023, p.4), entre 2016 e 2021 o Brasil promoveu a reforma da educação profissional e tecnológica alicerçada “no modelo capitalista neoliberal, produzindo um conjunto de reformas educacionais, sobretudo no âmbito do Ensino Médio e da Educação Tecnológica Profissional – EPT”. Ressalta-se que a implementação de uma política econômica neoliberal dentro do contexto de uma pandemia de dimensões globais, aprofundou as desigualdades históricas da formação social brasileira repercutindo na educação.

A Era tecnológica avançou no ambiente escolar. Um dos principais desafios se traduz nas afirmações de Moran (2012, p.07) ao considerar que “a escola é pouco atraente”. Conforme o referido autor, não basta colocar os alunos na escola, precisa ser ofertado, no ambiente de sala de aula, uma educação instigadora, integradora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino.

A escola, como espaço de ensino-aprendizagem, precisa ser recuperada em sua essência de "romper com a ilusão da homogeneidade" (Brasil, 2013, p. 25) e, assim, romper com a automatização do ethos midiático³² (Sodré, 2012a). Portanto, a reflexão crítica sobre as novas formas de costumes, condutas e cognições, surgidos a partir do estabelecimento das mídias com o alcance na atualidade, faz-se essencial para reorientar todos os envolvidos na educação em direção a um projeto educacional que valorize a coletividade e o desenvolvimento do ser humano em sua condição imanente.

Sendo assim, a reflexão crítica sobre a penetração das mídias no ambiente educativo alerta para o uso inadequado das redes digitais, e, sobretudo, para que as tecnologias não sejam úteis à perpetuação do sistema excludente que promove uma educação submissa ao capital. A ideia disseminada no senso comum de que as escolas precisam de tecnologias para melhorar o ensino sem a necessidade de reformas pedagógicas, mas, tão somente orientadas por políticas públicas que promovam interesses dominantes pautados no neoliberalismo esvazia a potencialidade das TDIC's enquanto ferramentas de autonomia e consciência crítica. Afirmações convergentes são encontradas nos relatos de Motta e Frigotto, (2017) Souza (2019), Cerruti e Baldo (2020), Santos, Casa Grande e Velozo, (2023).

Nota-se que os materiais divulgados enfatizam o uso da tecnologia e camuflam a reflexão sobre as disputas de poder. Os estudiosos como Motta e Frigotto (2017) Souza (2019), Cerruti e Baldo (2020) e Santos, Casa Grande e Velozo (2023), os quais apresentam ideias similares sobre a educação midiática, acreditam que o desafio está em aproximar o processo produtivo dos estudantes

³² O humano genérico é, segundo as correntes marxistas, aquela condição que atende aos valores essenciais do homem, categorizados como: o trabalho, a sociabilidade, a universalidade, a consciência e a liberdade. Portanto, ele é quem pertence à humanidade e só é possível realizá-lo através do processo histórico. Assim, o capitalismo e o Estado capitalista acabam por limitar esse desenvolvimento/busca por colocá-lo como indivíduo.

para que a sociedade possa ser pensada e discutida como um projeto de futuro nas relações sociais influenciadas pelas redes digitais de informação.

Segundo Heller (2016), a vida cotidiana, considerada como aquela em que os seres humanos ativos buscam as possibilidades para o desenvolvimento do ‘homem genérico’, se consolida através do coletivo. Sendo assim, impregnada por discursos e práticas hegemônicas, pode levar ao processo de alienação se a reflexão sobre a rotina não for constante. Nesse contexto, surge a perspectiva de uma Educação Crítica para as Mídias e uma escola reflexiva e atuante.

Desde a perspectiva da educação freiriana de que a educação emancipadora e capaz de combater a hegemonia midiática requer a troca de saberes provenientes de diferentes realidades do cotidiano, Heller (2016, p.17), atesta que o cotidiano abrange toda a vida do indivíduo, e não é possível separar quem ele é do que ele faz. “De forma dialética, o homem do cotidiano é ativo e receptivo, porém, devido à falta de tempo e oportunidade, não consegue se dedicar inteiramente a nenhum desses aspectos, resultando na impossibilidade de aprimorá-los”.

Nesse aspecto, diminuir a distância entre o que os estudantes têm acesso fora da escola nas interações relacionais pautadas pelo uso das redes sociais digitais também se impõe como um enorme desafio. Para Zacharias (2016), a escola deve se preparar e atentar a essa condição, conforme descreve abaixo:

[...] A questão [, portanto,] não é introduzir na escola as várias mídias, as linguagens e os textos que emergem do digital. É preciso, acima de tudo, criar condições para formas de leituras e para concepções de ensino e aprendizagem que considerem o aprendiz como protagonista, a fim de diminuir a distância entre as leituras e as práticas que se desenvolvem fora da escola e aquelas que são privilegiadas por ela (Zacharias, 2016, p. 26).

De acordo com Belloni (2018), as mídias são dispositivos técnicos de comunicação e produção de significados, desempenhando funções de controle social em diferentes esferas da vida social. Possuem um papel fundamental na formação dos indivíduos, promovendo novas formas de perceber a realidade, aprender e disseminar informações. Segundo Albuquerque e Brito (2018, p.452) “[...] qualquer mídia que utilize, como meio, um computador ou equipamento digital para criar, explorar, finalizar ou dar continuidade a um projeto que tem como suporte à internet [...]”, se configura um recorte claro que permite identificar as características específicas desse meio de comunicação. O desafio da comunidade acadêmica

consiste em se manter atualizada em relação às rápidas transformações tecnológicas, diante da disseminação do conhecimento e constante inovações, muitas das quais, os alunos têm acesso fora da escola.

Por outro lado, os documentos oficiais que orientam a educação no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), devem ser adaptados para atender às demandas das escolas do século XXI. É necessário que essas orientações enfatizem “a importância da escrita e busquem maneiras inovadoras de auxiliar os alunos no desenvolvimento das habilidades necessárias para se tornarem leitores e produtores de diferentes gêneros textuais”. Nesse sentido, os conteúdos proporcionados pelos meios digitais se tornam imprescindíveis para que ocorra uma inserção sociodigital (Coscarilli, 2016, p. 14).

A emergência de novas metodologias e espaços de formação nas escolas, bem como os efeitos da cultura digital e de suas tecnologias, as quais ultrapassam a sala de aula apresenta desafios e possibilidades. A esse respeito, Santos, Dantas e Nascimento (2020, p.128) discorrem “podem contribuir para novas formas de produção social, sobretudo em comunidades estigmatizadas”. A escola também pode utilizar desses recursos para a construção de novas práticas pedagógicas e ressignificação das antigas”. Entretanto, todos os envolvidos na educação devem ter a visão crítica dos acontecimentos para saber como atuar combatendo a alienação.

2.2 A alienação na sociedade de consumo: uma análise de Marcuse

O alcance do termo alienação será explorado na obra de Herbert Marcuse, renomado pensador da Escola de Frankfurt, o qual direcionou sua crítica à sociedade de consumo como uma forma de alienação social na sociedade moderna. Suas obras sinalizam que o consumismo exacerbado e desenfreado consiste em uma estratégia do sistema capitalista para manter os indivíduos alienados e aprisionados a uma busca incessante por bens materiais e prazeres superficiais. A alienação se manifesta pela ausência da reflexão crítica.

Para Marcuse, a análise das características do trabalho descreve uma alienação e desvalorização da vida humana, que conduz a uma distorção de fatos da existência humana relegando-o a sujeito econômico. Segundo Marcuse (2015

apud Sobrinho e Gadanha, 2022, p.65) “propaga-se a ideia de que o indivíduo é dono de sua vida [...]. O consumismo incentivava o afastamento das questões políticas e sociais relevantes, [...]”. Nesse aspecto, desviava a atenção dos indivíduos para uma cultura de massas padronizada e superficial.

De acordo com Souza, R. (2017) corroborando com as afirmações de Marcuse (2015) a alienação pode ser definida como sendo uma determinada relação do trabalhador com o objeto de seu trabalho, é, pois, nesta relação que se funda o fato da alienação e coisificação da essência humana.

Na perspectiva marcusiana, a sociedade industrial impõe uma pressão constante por sucesso mercantilista e a liberdade apresenta-se como uma desvantagem, pois a competição leva a uma carga de trabalho penosa, transformando o indivíduo em escravo do mercado, e resultando na ilusão de liberdade em nome do sucesso. A ideologia dominante da sociedade tecnológica se vale dos meios de comunicação e dos processos tecnológicos de mecanização do trabalho para incutir na mente dos indivíduos necessidades irreais ou dispensáveis (Sobrinho e Gadanha, 2022).

A sociedade de consumo exerce um papel determinante na criação e manutenção da alienação social. Ao mesmo tempo em que ocorre a promoção de uma cultura que valoriza, incentiva e enaltece o consumo excessivo e o entretenimento superficial, se instala o comodismo que desestimula os questionamentos críticos. Nesse cenário, os indivíduos são constantemente bombardeados por propagandas e estímulos para consumir, desencadeando uma dependência do sistema econômico. Estudiosos como Marcuse (2013;2015), Souza, R. (2017) e Sobrinho e Gadanha (2022) concordam que essa situação impede a conscientização da manipulação exercida por estruturas de poder que alienam a sociedade. Desse modo, as necessidades incessantes de consumo e produção resultam em um ambiente de trabalho alienante.

Diante do exposto e fundamentado na crítica de Marcuse a respeito das consequências da alienação social torna-se imperativo que cada indivíduo se observe, examine seu estilo de vida, sua existência e o desempenho no trabalho, a fim de questionar a imposição que recai sobre si. A ciência não deve se configurar em um mecanismo de dominação, sendo confundida com a falsa consciência da razão. Para Marcuse (2015, p. 53) “o progresso não pode ser considerado neutro, uma vez que possui sua finalidade voltada para a melhoria da qualidade de vida

humana”. A transformação dessa realidade se torna possível através de mudanças na maneira de refletir sobre a sociedade na qual o indivíduo se encontra inserido.

Marcuse defendia uma transformação radical da sociedade, baseada na liberdade e igualdade, como forma de superar a alienação por meio de práticas justas. Essa visão crítica encontra convergência nos relatos de Souza, R. (2017) e Sobrinho e Gadanha, (2022) para os quais a superação da alienação pressupõe uma revolução social e a criação de uma nova forma de organização social. Entretanto, na contemporaneidade ainda se esbarra com muitos dos elementos criticados por Marcuse, principalmente com a evolução tecnológica e das tecnologias digitais que fomentam a disseminação acelerada de informações atingindo um número excessivo de indivíduos usuários das redes sociais e os apelos por consumo cada vez sendo alimentados no cotidiano.

2.2.1 A liberdade em regulação

O subitem aborda a racionalidade do desenvolvimento, a qual tem levado à mecanização da liberdade na Era tecnológica em nome de um progresso que serve à classe dominante em detrimento das classes menos favorecidas, resultando numa significativa desigualdade econômica. Expressa uma lógica de ordenamento de controle que visa regular a liberdade individual (Marcuse, 2015).

Na concepção marcusiana, durante o processo de industrialização e no desenvolvimento da sociedade industrial, houve uma alteração no tipo de cultura predominante, passando de uma cultura fundamentada na materialidade e intelectualidade para uma cultura que prioriza a produtividade e racionalidade. Essa nova configuração de sociedade consolidou questões de domínio, autoritarismo e privação da liberdade ou direitos individuais. No entanto, nota-se que a busca pela satisfação pessoal se sobrepõe e faz com que o sujeito subjetivado seja servil às suas próprias necessidades. Para Marcuse (2015, p. 82) “A absorção administrativa da cultura pela civilização é o resultado da direção ao progresso científico e técnico, da submissão crescente do homem e da natureza aos poderes que organizam essa submissão [...]. O autor acrescenta que os interesses dominantes se sobrepõem na utilização da elevação do nível de vida como forma de perpetuar sua organização da luta pela existência.

Desse modo, a liberdade de consumo não pode ser confundida com a liberdade de opção, uma vez que a proposta da sociedade industrial e tecnológica resulta em um controle sobre os indivíduos, ou seja, na alienação dos mesmos. Isso ocorre porque as necessidades são impostas como forma de regulação, criando necessidades supérfluas. Essa relação sugere que há uma discrepância entre a percepção lógica do indivíduo e sua realidade imediata, destacando a influência dos fatores sociais e econômicos na formação dos desejos (Marcuse, 2015).

A livre escolha entre uma ampla variedade de bens e serviços não significa liberdade se esses bens e serviços sustentam controles sociais sob uma vida de labuta e medo – isto é, se sustentam a alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece a autonomia; [...] (Marcuse, 2015, p.46).

Na visão marcusiana, a qual encontra convergência em Souza R. (2017) e Sobrinho e Gadanha (2022) na era tecnológica existe uma evidente subordinação do homem em relação às máquinas, sendo considerado apenas um instrumento servindo ao poder tecnológico. Para os autores citados, a máquina ocupa o papel central, enquanto o homem se torna relegado à condição de mero elemento. Nesse aspecto, a instrumentalização do ser humano impulsiona sua aceitação passiva diante da subjetividade dominante, que engloba indústrias, instituições, máquinas e dispositivos. Desse modo essas entidades impõem regras e padrões que moldam e transformam o indivíduo em uma peça de engrenagem, regulando-lhe a liberdade e a autonomia de livre escolha.

De acordo com as ideias de Marcuse (2013;2015), os instrumentos de regulação que dita as regras e padrões comportamentais e sociais suscita o poder tecnológico, o qual tende à concentração do poder econômico, representado por vastas unidades de produção e enormes empresas associadas produzindo grandes quantidades e variedade de mercadorias. O controle se concretiza por impérios industriais a partir da detenção de materiais, equipamentos e processos, desde a extração de matérias-primas até a distribuição dos produtos finais. O êxito da eficiência tecnológica, geralmente surge atrelado ao lucro obtido.

Nesse contexto, entende-se que a vida contemporânea, influenciada pela presença constante dos instrumentos tecnológicos, determinam a ordem social e restringem a liberdade dos indivíduos. Há um viés ideológico que contribui para que os instintos, desejos e pensamentos humanos sejam canalizados para nutrir o

aparato tecnológico. Desse modo, o contato direto com a tecnologia resulta na perda da autonomia, uma vez que o homem se torna instrumento e passa a acatar regras, sendo considerado bem sucedido ao se adaptar a esse aparato. Para Souza, R. (2017), corroborando com as afirmações de Marcuse, alerta que a conversão da ciência e da técnica, na sociedade unidimensional, funciona de modo a influenciar e comandar o sujeito, reduzindo-o a um mero componente operacional.

Observa-se uma padronização dos indivíduos, moldando suas personalidades de acordo com modelos preestabelecidos. “A imposição de padrões de comportamento mecânico e eficiência competitiva se intensifica à medida que o competidor individual se torna menos independente” (Marcuse, 2015, p.82). Essa condição impede a capacidade de transformação e evolução do indivíduo, pois o limita a uma percepção de objeto.

Diante do exposto, reforça-se a importância de abordar a influência das novas linguagens na sociedade e seus desdobramentos. A linguagem midiática adentrou no ambiente escolar, porém, se encontra disseminada nas relações sociais fora da escola. Não raro, a influência de comportamentos dos estudantes resulta de determinados ‘aprendizados’ adquiridos no convívio social, familiar, em grupos de amigos, e, reproduzidos na sala de aula.

2.2.2 As novas linguagens: a relação entre os meios de comunicação, o raciocínio tecnológico e a educação

O tópico referente às novas linguagens que emergiram na sociedade do século XXI apresenta uma análise das transformações mediadas pela conectividade das redes estabelecida na Era tecnológica. Uma diversidade de conteúdo invade o cotidiano dos indivíduos, sugerindo uma comunicação rápida, porém, superficial, e, muitas vezes, prejudicial à legítima comunicação. Segundo Santos, Casa Grande e Velozo (2023, p.103) “Quando pensamos na comunicação, um conceito emerge com protagonismo: a linguagem”. Os estudiosos argumentam que a linguagem se configura em uma forma de pertença social e de construção de identidade.

Contudo, para Oliveira (2019, p.98) “a comunicação humana é um dos frutos de um processo histórico e cultural pautado em relações de poder [...], caráter subalternizador e de forte hierarquização”. Nesse viés de pensamento, torna-se

visível a compreensão de que, através das mudanças históricas da sociedade, cuja própria estrutura baseia-se em formas de dominação, hierarquia e poder, se desenvolveram mecanismos de comunicação com o intuito de reproduzir, manter e naturalizar a dominação. Estrutura que sustenta e atravessa as relações que os sujeitos estabelecem entre si. Nesse contexto, percebe-se a influência do meio como determinante do comportamento e postura presente nas relações.

Sobre a importância da linguagem na comunicação entre os indivíduos, Adams e Souza (2016, p.174) afirmam que “Os acordos de convivência são construções no e pelo diálogo”. Sendo assim, são constitutivos e úteis para a aprendizagem coletiva e para o convívio em grupos. Salienta-se que, o processo da comunicação humana com finalidades educacionais transcende o uso de equipamentos e se consolida pela necessidade expressa de interlocução, mediado por trocas comunicativas dialogais, as quais incluem, vozes, movimentos e sinais corporais, visando à aprendizagem do outro ser.

A partir da explanação a respeito da comunicação mediada pela linguagem convém refletir sobre o surgimento de novas formas de linguagem na era da racionalidade e da tecnologia que avança sem precedentes. Inovações que afetam a comunicação no ambiente escolar e social. Na obra ‘O homem unidimensional: a ideologia da sociedade industrial’, Marcuse (2015) argumenta que a utilização do dialeto como uma forma de dominação possui a capacidade de produzir e alimentar a alienação e a submissão.

Desse modo, a racionalidade tecnológica incute a busca por uma felicidade utópica que esteja interligada à conformidade das aspirações dominantes. Um dos mecanismos úteis a essa subjugação da liberdade individual se encontra na comunicação midiática e demais meios de comunicação. Em diferentes situações e contextos, são transformados em agentes condutores, reprodutores e influenciadores do sujeito. Nesse sentido, propõe-se “a alienação, induzindo-o a agir e pensar de maneira operacionalizada [...] com a aplicação da lógica da manipulação” (Marcuse, 2015, p.111).

No entanto, entende-se que a evolução dos suportes midiáticos ampliou o desejo interior de toda pessoa de se comunicar e de aprender. Contudo, essa amplitude também se revela um desafio, em particular para a educação. A ação educativa pressupõe a participação plena e a intercomunicação frequente entre professores e estudantes no processo ensino-aprendizagem. Para Adams e Souza

(2019, p.175) “Sob a pressuposição da linguagem, da condição humana e da historicidade, a educação tem como horizonte o objetivo de que os educandos se tornem cidadãos capazes [...]”.

Entretanto, importa considerar que, se por um lado as tecnologias digitais e midiáticas recriam novos sentidos no âmbito da linguagem, também incorporam elementos da condição humana e marcam época historicamente na vivência humana atual. Porém, não se configuram o fundamento e a estrutura da ação pedagógica. O alerta se expressa nos relatos de Adams e Souza (2019, p.175), conforme transcrição:

Não são fundamento porque não se constituem em uma linguagem, apesar de construírem conceitos novos e interpretações novas [...] não constituem uma nova natureza humana, apesar de criarem modos novos e distintos de ser. Não são a estrutura porque não se constituem por si sós em um mundo humano, apesar de estarem presentes em quase todas as relações que se estabelecem (Adams; Souza, 2019, p.175).

Diante do exposto, a compreensão sobre as novas modalidades de interação se faz necessário. Os estudiosos relatam que as mídias digitais são as formas usadas para referenciar os meios de comunicação contemporâneos. A comunicação se estabelece por meio de equipamentos eletrônicos conectados em rede. Desse modo, referem-se, simultaneamente, à conexão e ao seu suporte material. Observa-se que existem formas diferentes de se conectar em rede e se entrecruzam diversamente segundo a junção entre o tipo de acesso e o equipamento utilizado (Martino, 2015; Mèlo, 2023).

Na Era tecnológica, evidencia-se a superficialidade e rapidez da veiculação de dados e informações permeados por determinados saberes, os quais interferem nas relações sociais. As implicações inerentes a esse processo ocasionam distorções na compreensão, interpretação e transmissão de conteúdo, independente da natureza da informação ou notícia. Assim sendo, cumpre estabelecer a distinção etimológica do termo tecnologia, antes de prosseguir na abordagem, pois, segundo Almeida (2020, p.186), referindo-se à definição proposta pelo Portal da Educação, dispõe que “o termo “tecnologia” advém da junção de duas palavras de origem grega: *tekhne*, que significa ‘técnica, arte, ofício’, e *logos*, que se refere ao conjunto dos saberes”. Na contemporaneidade, a facilitação da comunicação mediada por redes

digitais pressupõe o encurtamento das distâncias e a possibilidade da onipresença, ou seja, a ilusão de que se está presente em todos os lugares pela conectividade.

No contexto educacional, sabe-se que o trabalho pedagógico se desenvolve por meio de diferentes tipos de linguagens, como a oral, escrita, plástica, musical e, inclusive, a virtual, entre outras. Por conseguinte, as TDCI's representam diversas conotações, significados e aplicações dentro das práticas pedagógicas e na mediação da aprendizagem. Além disso, os profissionais da educação precisam refletir se as atividades propostas com as tecnologias digitais possibilitam ao aluno experiências, de fato, significativas (Martino, 2015; Almeida, 2020; Adams e Souza, 2020; Mèlo, 2023).

Uma relevante explanação pertinente à formação continuada e prévia capacitação dos professores para atuar em sala de aula com recursos tecnológicos, se faz premente. Conforme o site: tecnologia.culturamix.com existe uma distinção entre os termos. “A sigla TIC³³ é referente a um meio de tecnologia focada na informação e comunicação [...] responsável pela junção de diversos tipos de mídias [...] que se diferenciam por diversos tipos de tecnologia digital”. Exemplos desse tipo de tecnologia são os telefones fixos, os vídeos cassete, dentre outros.

Em relação às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação-TDIC's, “os aparelhos como Smartphones e todos os outros que convertem seus sinais de modo digital sofrem influência da TDCI” (<https://tecnologia.culturamix.com>).

Realizada a distinção, percebe-se que as TDIC se configuram importantes aliados do professor no espaço escolar. Esse fato demanda uma formação continuada de aspecto teórico-instrumental em consonância com o caráter educativo das tecnologias digitais. No entanto, em razão das variadas facetas no manuseio e acesso às novas tecnologias digitais, a atenção se volta às possibilidades e contribuições para o processo ensino-aprendizagem, evitando a alienação e a manipulação por meio das relações midiáticas (Adams e Souza, 2020; Mèlo, 2023).

Para Souza, R. (2017, p.127) as necessidades incessantes de consumo e produção geram um ambiente de trabalho alienante, mas, essa situação pode se estender para outros ambientes sociais. Contraditoriamente, a própria mídia, ao criar demandas inúteis, também se autocensura. E, no espaço escolar, não raro, os

³³ TIC - tipo de tecnologia relacionada com as interferências e realização de medidas para que processos como veiculação de informações por meio de jornais e também na comunicação, como em redes sociais, rádios e televisões possam aprimorados, levando a seus clientes melhorias que irão fazer com que essa tecnológica se desenvolva de forma crescente.

estudantes são influenciados por formatos de conexão digital que nada auxiliam no desenvolvimento cognitivo de aprendizagem, apesar da assiduidade e conhecimento digital. Por exemplo: jogos online ou vídeos no YouTube, os quais dedicam tempo em vez de se dedicarem aos estudos ou participarem de atividades educativas. Embora essas atividades possam ser divertidas e envolventes, geralmente deixam de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e acadêmico dos alunos.

Decorre de questões similares a preocupação com a educação e as implicações das novas linguagens midiáticas. A perpetuação da dominação do sistema vigente na Educação Básica no Brasil passa pelo amplo emprego do ensino tradicional. Essa abordagem enfatiza a repetição, a memorização e a reprodução de conhecimentos, transmitidos pelo professor de forma neutra, sem questionar implicações sociais. Na Era das TDIC's, o olhar reflexivo, questionador e atento do docente pode contribuir para a formação de estudantes emancipados e com visão crítica, inclusive sobre os conteúdos veiculados e massificados por intermédio das mídias sociais (Souza, R. 2017; Adams e Souza, 2020; Mèlo, 2023).

Nesse sentido, o ensino tradicional, ao reproduzir exercícios desvinculados do contexto social e histórico, acaba por perpetuar as desigualdades sociais e não contribui para um compromisso transformador da Educação. Estudiosos como Sibilia (2012), Souza K. (2019) e Almeida (2020), reforçam o alerta de que ao considerar a ciência e a tecnologia como neutras e separadas das discussões políticas e sociais, os alunos não compreendem o seu real papel e utilização na sociedade. Portanto, torna-se necessário estabelecer uma abordagem que integre de forma articulada o conhecimento com o contexto de produção, a fim de superar essas limitações do ensino tradicional interligado aos novos recursos midiáticos.

Adicionalmente, a promoção de diversas reestruturações na formação docente se constitui uma necessidade com vistas a capacitá-los para problematizar e revelar o caráter transformador da Educação. Destaca-se a importância da integração dos componentes curriculares que possuem conteúdos específicos da área de formação, os quais devem ser embasados em fundamentos epistemológicos. Nesse aspecto, a capacitação e formação docente continuada em relação também às mídias digitais assume uma dimensão significativa, pois o processo ensino-aprendizagem na atualidade deve interagir e ser mediado pela tecnologia (Sobrinho e Gadanha, 2022; Mèlo, 2023).

Nesse contexto, a abordagem possibilita um aprendizado da ciência com uma visão menos distorcida da sua atividade científica e tecnológica. Ademais, capacita os docentes a compreenderem de maneira crítica a concepção das TDIC's de modo a facilitar a introdução e a utilização conjuntamente aos materiais didáticos, como livros e apostilas, explorando a mediação digital que tanto interessa aos estudantes. Nesse argumento, Prado (2015, p.28 *apud* MÈLO, 2023, p.2) discorre que “mídias digitais são entendidas como um conjunto de objetos tecnológicos cujos usos “medeiam as relações sociais por meio da conectividade”. Assim sendo, importa enfatizar que a evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de equipamentos e produtos, pois altera comportamentos e interessa ao desenvolvimento humano e formativo do indivíduo no ambiente escolar.

Compete à escola integrar as tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino-aprendizagem, pois presentes e influentes em todas as esferas da vida social. A educação possui elementos para atuar no sentido de coibir o uso indevido das mediações tecnológicas, interferir, utilizando multimídia e hipermídia³⁴ em sala de aula. Adotando essa postura se torna possível aulas dinâmicas, diferentes e personalizadas, distanciando-se do padrão em que o professor lança o conteúdo e os alunos absorvem. Para Mélo (2023), agindo assim, o docente promoverá o engajamento dos alunos tornando-os participantes e protagonistas do processo de aprendizagem.

Reconhecendo a relevância do uso dos recursos midiáticos no contexto educacional através da utilização da internet como ferramenta que possibilita uma didática envolvente e criativa, contendo elementos que contribuem para captar a atenção dos alunos auxiliando na aprendizagem, também pode atuar em outros aspectos interacionais, em particular, na informação e combate às fake news e outras formas que deterioram as relações em sociedade se valendo da Era tecnológica e da sociedade industrial para disseminar estratégias de controle.

2.3. A falsa liberdade da sociedade industrial: dominação na Era tecnológica e estratégias de controle

³⁴ Hipermídia/ hipertexto: são um meio que permite que um conceito seja apresentado mediante som, imagem e vídeo, associados aos recursos que o texto confere.

O tópico apresenta uma reflexão a respeito do caráter irreal do discurso sobre liberdade no contexto da sociedade industrial. Para a fundamentação do conteúdo será abordado a visão de Hebert Marcuse, enfocando dominação e controle diante das tecnologias inovadoras e suas implicações no mundo moderno. Outros autores contribuirão nessa abordagem, complementando a visão defendida por Marcuse, a saber: Souza, R. (2017), Sobrinho e Gadanha (2022), dentre outros.

A indústria contemporânea pressupõe um sistema que visa satisfazer as necessidades dos sujeitos, porém, com base em uma estrutura que restringe a liberdade individual. Através da imposição de condições econômicas e políticas, a indústria estabelece um sistema totalitário que busca produção e controle do mercado e dos indivíduos. Nesse cenário, o êxito se alcança através da exploração, organização e mobilização eficiente do sistema produtivo. Entretanto, muitos elementos se interrelacionam quando se analisa os impactos socioeconômicos e os reflexos na vida dos indivíduos e da sociedade. Para Sobrinho e Gadanha (2022, p.60) através de um discurso racional e livre, “a sociedade industrial e tecnológica impõe as formas de controle dos indivíduos, tendo como consequência imediata, a formação de um sistema social unidimensional em que o pensamento crítico não tem lugar”.

Nota-se que, a mecanização presente nos aparatos tecnológicos tem uma influência profunda na sociedade atual. Segundo Souza R. (2017), a tecnologia se tornou o principal meio de coesão e controle social, fornecendo aos indivíduos resultados rápidos, submetendo-os a uma exploração disfarçada pela comodidade tecnológica. A indústria busca, de forma estratégica, satisfazer as necessidades tanto reais quanto supérfluas dos indivíduos.

Para Souza, R. (2017, p.122) conclui esse pensamento ao expor que na sociedade industrial, “o objetivo desse sistema é renunciar qualquer forma de liberdade real, resultando em uma liberdade impossibilitada”. Assim sendo, a falsa ideia de liberdade na sociedade industrial, consoante à teoria marcusiana, torna-se um dispositivo de dominação e controle enfatizando a tendência à consumação da racionalidade tecnológica. No entanto, paradoxalmente, existem esforços intensivos para limitar essa tendência dentro das instituições estabelecidas, revelando assim uma contradição interna na civilização atual.

Nesse aspecto, as considerações de Marcuse (2013;2015), encontram visão similar e convergente às afirmações de Souza, R. (2017) e Sobrinho e Gadanha

(2022) identificando que a falsa ideia de liberdade na sociedade industrial se configura um dispositivo de controle e dominação. Através do controle das necessidades e desejos individuais, a sociedade industrial avançada perpetua seu poder, restringindo as opções de escolha e moldando a sociedade de acordo com seus interesses.

Para Marcuse (2015 p.54), “uma contradição interna está presente nas áreas mais avançadas da sociedade industrial, caracterizadas por uma tendência em direção à racionalidade tecnológica”. Contudo, evidencia-se também, o surgimento de esforços intensivos para conter essa tendência dentro das instituições estabelecidas.

Nesta perspectiva, prevalece na sociedade industrial avançada uma ‘não liberdade’, visto que se confunde com a satisfação de interesses gerenciais do sistema político e econômico, as quais atuam como formas de controle estabelecidas. De acordo com Souza, R. (2017, p.62) “À medida que a gerência dessa sociedade é capaz de suprir carências individuais ela, ‘pode’ exigir a aceitação de seus princípios e instituições, como meio de reduzir a oposição e as possibilidades de mudanças políticas no seu *status quo*”.

Diante do exposto, pressupõe-se que a ‘liberdade’ se encontra intrínseca à mecanização presente nos aparatos tecnológicos, os quais desempenham um papel central na coesão e controle social. Assim, com resultados rápidos e conveniência, a tecnologia imperceptivelmente explora os indivíduos, que, confortáveis com sua realidade, mal percebem tal exploração. No entanto, os estudiosos alertam que a tecnologia pode, de fato, ser libertadora, desde que o sujeito transcenda do aspecto quantitativo para o qualitativo, tornando-se o agente transformador de si mesmo (Marcuse, 2013;2015; Saffioti, 2015; Souza, R. 2017; Sobrinho e Gadanha, 2022).

Entende-se que a mecanização presente nos aparatos tecnológicos tem uma influência profunda na sociedade atual. Em diferentes áreas, inclusive na educacional se percebe que as inovações tecnológicas, em especial, por meio das redes digitais, adentrou o espaço escolar, tornando imprescindível um olhar crítico para as TDIC's e sua utilização no processos ensino-aprendizagem. Para Marcuse (2013;2015), a tecnologia se tornou o principal meio de coesão e controle social, fornecendo aos indivíduos resultados rápidos e cômodos. Através dessa facilidade, coexiste a exploração e ausência de consciência crítica. A sociedade industrial impulsiona a busca de interesses e maneiras de satisfazer necessidades,

estabelecendo requisitos ou pré-requisitos para a realização das demais necessidades humanas, numa busca incessante e consumismo descontrolado. A argumentação marcusiana se apresenta convergente à Souza, R. (2017), conforme descrição a seguir:

O alívio progressivo do trabalho árduo e do estado deplorável, são critérios válidos universalmente porque os controles sociais estão ligados diretamente a essas questões e exigem a necessidade “irresistível” da produção e consumo na civilização industrial, levando-nos ao processo que Marcuse denomina de imbecilização, ficando a cargo de ser respondida pelos próprios indivíduos se essas necessidades são obrigatoriamente verdadeiras ou falsas. (Souza, R., 2017, p.122).

Percebe-se, em consonância com as afirmações de Marcuse (2013;2015), Souza, R. (2017) e Sobrinho e Gadanha (2022) que a sociedade atua num sistema de manipulação das necessidades buscando incutir a mentalidade de irresistíveis em relação a consumo e produção. Nesse sentido, cria uma ‘indispensabilidade’ de trabalho. Porém, os estudiosos alertam para a manutenção de liberdades enganosas como a livre concorrência, a livre escolha e a livre imprensa. Associada a essa realidade, as inovações tecnológicas incentivam necessidades inúteis contribuindo para a forma de dominação da sociedade industrial. A sociedade industrial, que coloca a tecnologia e a ciência como suas propriedades, está organizada de forma a dominar o homem e a natureza, utilizando recursos e manipulando consciências.

Para Souza, R. (2017, p.122) na sociedade industrial, mesmo aqueles que são economicamente livres e bem sucedidos podem não ter liberdade verdadeira; pois “o objetivo desse sistema é renunciar qualquer forma de liberdade real, resultando em uma liberdade impossibilitada”. Os argumentos do autor referem-se aos processos tecnológicos de automação e padronização, os quais possibilitam a emancipação das forças individuais em um domínio desconhecido de liberdade, além das necessidades enganosas impostas pelo sistema industrial.

Corroborando com essa linha de pensamento, Sobrinho e Gadanha (2022, p.62) afirmam que “Apesar de ser definida como ‘racional e livre’, a ideia de liberdade na sociedade industrial do capitalismo avançado, se reduz a mera satisfação de necessidades materiais e individuais permitidas, cuja consequência é a “privação do pensamento crítico, da autonomia [...]”. Para os referidos autores, contraditoriamente, a própria mídia, ao criar demandas inúteis, também se autocensura. Nesta perspectiva, a aparente liberdade de escolha proporcionada pela

sociedade industrial não promove a liberdade e o progresso, pois se fundamenta em imposições desnecessárias boicotam e cerceiam a autonomia individual, por meio de mecanismos eficazes de controle social que reforçam a submissão ao sistema e seu poder repressivo.

Dessa forma, essas necessidades falsas são instituídas por um grupo que busca controlar os sujeitos através do trabalho exaustivo. Por consequência, o sujeito unidimensional se abstém da felicidade e do lazer, pois há a necessidade de satisfazer o trabalho, uma situação impositiva diretamente relacionada aos artifícios de controles industriais e sociais (Marcuse, 2013; 2015; Silva e Carneiro, 2022). A partir do método dialético marcusiano, a contenção do pensamento crítico e a supressão dos direitos e das liberdades individuais, mediante a satisfação e os condicionamentos das necessidades humanas se constituem uma preocupação bastante atual. As formas de controle produzem um sistema social unidimensional e acrítico. Complementando as afirmações acima, nota-se que “Diante de um crescente padrão de vida, a não-conformidade com o sistema parece ser socialmente inútil, ainda mais, se isso acarretar desvantagens econômicas e políticas concretas e ameaçar o bom funcionamento do todo” (Marcuse, 2015, p.42). Assim a falsa ideia de liberdade na sociedade industrial transforma-se em um dispositivo de dominação e controle através da implementação de estratégias para controlar as necessidades que requerem liberdade, restringindo assim a verdadeira liberdade dos indivíduos. Esse fenômeno torna-se particularmente evidente nas áreas em que há uma tendência em direção à consumação da racionalidade tecnológica. Na teoria marcusiana, a livre iniciativa nunca foi uma vantagem desde o início, sugerindo assim que a liberdade pode ser considerada uma desvantagem. O autor argumenta que a atual sociedade industrial impõe o medo como uma constante na vida de grande parte da população, interligado às exigências do mercantilismo.

A competitividade impressa nas relações neoliberais e de consumo inviabiliza as liberdades individuais. Considera que a concorrência gera uma carga de trabalho penosa, onde o indivíduo se torna escravo do mercado, aumentando constantemente sua jornada de trabalho para aquisição de bens e consumo. Nessa busca incessante, as pessoas têm a falsa sensação de liberdade em nome do sucesso. Segundo Souza, R. (2017, p.122), “o sujeito economicamente livre e bem sucedido na sociedade industrial pode aparentemente ter tudo, exceto sua

liberdade”. O autor argumenta que, nessa dinâmica social, o objetivo consiste em eliminar qualquer forma real de liberdade, tornando-a impossível sendo alimentada por processos tecnológicos de automação que liberam as forças individuais em direção a uma falsa liberdade conivente com as perspectivas industriais.

Em sua obra, Marcuse (2015, p.44) também aborda as formas desatualizadas de existência, ressaltando a importância de distinguir entre necessidades verdadeiras e falsas. O autor destaca que “as necessidades falsas são impostas aos indivíduos por interesses sociais particulares, com o objetivo de reprimi-los e perpetuar a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça”. Assim sendo, essas necessidades são instituídas por um determinado grupo que deseja controlar os sujeitos por meio do trabalho exaustivo. Considerando os investimentos da publicidade alocados em diferentes plataformas digitais, com o intuito de conduzir ao consumismo incessante, percebe-se a alienação marcusiana presente nesse cenário. Na busca por interrelação entre a teoria de Marcuse e o consumo, em especial, dos jovens através das plataformas digitais, encontra-se que, no Brasil, segundo o relatório da *We Are Social e Meltwater*³⁵ (2024) “Os brasileiros ocupam o segundo lugar em tempo online diário, com os internautas do país gastando em média 9 horas e 13 minutos por dia usando a internet.” O relatório destaca ainda que os jovens se dedicam às redes sociais como forma de passatempo, jogos, plataformas de música, bate-papos e mensagens. Os conteúdos de entretenimento como a plataforma do Tik Tok vêm ganhando adeptos no mundo todo. Sem dúvida, as informações elencadas conduzem à reflexão sobre a interferência, influência ou repercussão na vida de crianças e adolescentes em idade escolar e sua relação com o desempenho escolar, o consumismo e a visão social, tanto de si como dos outros.

Chama a atenção nesse contexto e aliado à visão de Marcuse que, as práticas midiáticas operam imersas no *status quo* discursivo como representações do mundo em que a dominação refletida na condição social dos indivíduos, no padrão de vida e na satisfação de desejos sugestivos influenciam os jovens em suas atividades e relações. Na atualidade, o ‘ter’ se coloca superior ao ‘ser’ impulsionado pela publicidade digital que suscita o consumismo desenfreado. Dessa forma, as questões de identidade e cultura na mídia reverberam o amplo movimento de individualizar os indivíduos através das mercadorias e modismos ofertados.

³⁵ Relatório Digital Global, referência em pesquisas no mundo.

O sujeito unidimensional acaba abdicando da possibilidade de alcançar a felicidade e o lazer, uma vez que sua prioridade consiste em atender às demandas do trabalho. A questão do desejo de possuir conduz à insatisfação imposta pelo consumismo. A submissão a uma rotina de trabalho alienante, visando o consumo desenfreado e a satisfação de necessidades supérfluas estão constantemente presentes. Essa lógica perversa impede que o sujeito se realize plenamente, privando-o do tempo e da liberdade necessários para desfrutar a autonomia (Marcuse, 2013;2015).

Não se pode ignorar os efeitos subjetivos da internet, pois a mídia estabelece referências que influenciam comportamentos do dia a dia. O uso das mídias digitais como forma de obter sensações ou induzir respostas que visam aceitação ou aprovação faz parte da realidade. E, esse terreno apresenta riscos, inclusive para os adolescentes quando expostos aos valores da cultura global, pois podem perder o interesse em manter sua cultura original, ou não se integrarem à nova cultura, desencadeando confusão de identidade.

A compreensão de que a cultura apresenta um cenário tecnológico e informacional em que o digital em rede permeia os espaços, as práticas, as atitudes e os costumes, a autonomia do pensamento crítico do sujeito proposto por Marcuse e outros estudiosos, esbarra na problemática atual das fake news, assunto a ser contextualizado a partir desse momento, considerando o ambiente escolar como local não isento e, por isso, alvo de estudo.

CAPÍTULO 3 – UM ESTUDO DAS *FAKE NEWS* NA ATUALIDADE

A abordagem retratada neste capítulo se refere à contextualização de fatos retirados da mídia, os quais se identificam como exemplos de *fake news* nos tempos atuais. Entretanto, antecedendo às ilustrações propriamente, convém contextualizar o significado e abrangência do termo *fake news* e a interligação com a sociedade contemporânea. Serão apresentados neste capítulo uma reflexão sobre o poder de repetição de determinadas notícias na forma como as pessoas percebem a realidade, bem como, as implicações e prejuízos das *fake news* no contexto educacional.

De acordo com Allcott e Gentzkow (2017, p.4 *apud* DELMAZO; VALENTE, 2018, p.157), a definição conceitual de *fake news* abrange “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores”. Os autores alertam que esses conteúdos encontram terreno fértil nas redes sociais e se configuram um desafio à veiculação da informação verídica.

As notícias falsas disseminadas em *sites* incluem elementos não apenas como forma ou conteúdo da mensagem, mas, sobretudo, se utilizam de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a circulação *online*, dificultando a avaliação quanto à natureza da informação. Serão úteis a esse tópico autores como: Monari e Bertolli Filho (2019), Vieira Jr; Pelúcio, 2020; Santos, Casa Grande e Velozo (2023), Silva *et al*, (2023), Fernandes e Fernandes (2023), destacando a abordagem atualizada do assunto, ou seja, nos últimos 5 anos. Diante do exposto, a compreensão de como se estabelecem essas relações, o alcance e, principalmente, as implicações inerentes à veiculação de notícias falsas se constituem objeto de estudo a partir desse ponto, considerando tanto a realidade nacional como o cenário educacional.

3.1 A força das *fake news*: o poder de repetição na construção da realidade

Os aparatos tecnológicos exploram de maneira sutil os indivíduos, utilizando novas linguagens; bem como os meios de comunicação desempenham um papel central na coesão e controle da informação, tendo a capacidade de moldar a

percepção e opiniões do público, influenciando seus pensamentos. Para Monari e Bertolli Filho (2019, p.164) “O acesso da população às tecnologias da informação proporcionou uma nova reconfiguração social, em uma sociedade que está em constante transformação, seja nos setores econômico, político, cultural ou social”.

Nos últimos anos, tem havido uma crescente discussão e especulação sobre as *fakes news*. Fenômeno que ultrapassa os limites do mundo digital e se torna parte das interações comunicativas cotidianas em várias esferas sociais. Ao abordar o impacto das tecnologias na construção da inteligência coletiva, com base na identificação de contradições, Lévy (1999, *apud* SANTOS, CASA GRANDE e VELOZO, 2023, p.104), argumenta que “pode exercer a função de veneno e remédio da cibercultura”.

Numa perspectiva histórica de revolução da comunicação, fruto da era digital, o compartilhamento das chamadas notícias falsas e memes fazem parte da cibercultura. Entretanto, a propagação e progressão desmedida pode acarretar severos problemas sociais à indivíduos e instituições. Assim sendo, na atualidade, as informações falsas tornam-se propagadas, principalmente através das redes sociais, permitindo um compartilhamento instantâneo e massivo de conteúdo informativo. Não se refere a algo novo ou desconhecido, mas, utilizado de modo tendencioso e disseminado com maior efetividade devido à rapidez e alcance proporcionados pelas redes sociais (Monari e Bertolli Filho, 2019).

Com relação ao caráter antigo associado a divulgação de notícias falsas com interesses escusos na tentativa de manipular o real entendimento dos fatos, Monari e Bertolli Filho (2019) destaca a história mundial relatando que “a ascensão do nazismo na Alemanha desenvolveu-se impulsionada pela eficiente máquina de propagação de mentiras liderada por Joseph³⁶ Goebbels”. Essa estrutura difamatória, especialmente voltada contra os judeus, desenrolou-se habilmente articulada e se tornou um dos principais instrumentos de manipulação da opinião pública. O então propagador ideológico, conhecido como o maestro da propaganda nazista e manipulador da mídia na era moderna, resumiu seu método de forma sucinta: “uma mentira contada uma vez continua sendo uma mentira, mas uma mentira contada mil vezes se torna verdade”. Essa fatídica frase amplia a importância da reflexão sobre a função a que se destina uma mentira ou notícia falsa.

³⁶ Ministro da propaganda da Alemanha nazista; defensor da ideologia de Hitler, liderou toda a publicidade do regime nazista. Suicidou-se em 1945 com a derrota do nazismo.

Importa considerar que os fatos encerram e propagam diversos elementos constitutivos da natureza humana, dentre os quais se encontram os afetos e desafetos, crenças e descrenças, muitas vezes provocados por discursos ofensivos ou inverídicos, repleto de deturpações para influenciar e disseminar conteúdos ideológicos. Em muitos casos, nas redes sociais, a opinião pessoal assume o lugar de ‘verdade’ (Vieira Jr; Pelúcio, 2020). Nesse contexto, Priolli (2017) assim como Santaella (2019) referem-se à denominação de era da pós-verdade.

Nesse cenário de disseminação irresponsável, as notícias falsas não ganharam espaço somente no âmbito político, mas também em outras áreas, tais como a saúde, conforme destaca Monari; Bertolli Filho (2019, p.165) “Com o advento das redes sociais digitais, esse tipo de material passa a ser produzido e compartilhado pelos usuários, atingindo novos públicos em diferentes segmentos sociais”.

Na história mundial recente a instauração e agravamento da pandemia, aflorou os sentimentos de medo e insegurança, fortemente atrelado à desinformação e desconhecimento sobre o assunto/doença. Aliado à vulnerabilidade psicológica, a veiculação e a ânsia de entender os fatos levaram boa parte da população a acreditar em informações sem embasamento científico, buscando conforto emocional. Segundo Monari e Bertolli Filho (2019, p.165):

O compartilhamento massivo feito pelos usuários, que divulgam o conteúdo na sua rede de amigos que, por sua vez, também repassam para seus próprios contatos. Esse mecanismo é repetido inúmeras vezes, o que ocasiona em uma difusão em que o próprio produtor acaba não tendo dimensão do seu alcance (Monari e Bertolli Filho, 2019, p.165).

A disseminação de *fake news* durante a pandemia de Covid-19 tornou-se uma preocupação constante. Um exemplo verificado pela Agência Lupa procedeu a checagem da afirmação falsa de que as vacinas transformariam as pessoas em ‘antenas’ de sinal 5G (<https://lupa.uol.com.br>). Nesse contexto, torna-se notório que *fake news* continuam a se proliferar na Era da Informação, sendo potencializadas pelas tecnologias digitais que ampliam as interações linguísticas ao redor delas.

Para Lopes, M. (2023), diante disso, surgem diversas considerações e hipóteses sobre os motivos que levam ao compartilhamento frequente e exponencial de notícias falsas sobre eventos improváveis ou pouco plausíveis.

Reconhecendo que nessas circunstâncias, os indivíduos se encontram propensos a aceitar a pós-verdade, na qual os fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais, a pandemia impulsionou a propagação de informações falsas sob o domínio da pós-verdade, devido à influência das emoções na tomada de decisões e aceitação de fatos. Nesse sentido, são frequentemente utilizadas, a fim de conferir legitimidade a informações que são de interesse de determinados grupos. As afirmações acima proferidas são similares às proposições de Santos, Casa Grande e Velozo (2023), Silva *et al*, (2023) e Fernandes e Fernandes (2023). Embora direcionem as reflexões para o cenário educacional abordam *fake news* que se situam no espaço escolar ou se valem da educação como mecanismo de reprodução ideológica, dentre outras aplicações.

No caso do Brasil, o 'Sensacionalista' torna-se um exemplo desse tipo de conteúdo. Apesar de seu nome e descrição como 'o jornal isento de verdade', pode confundir alguns leitores, especialmente por estar associado ao jornal O Globo, que faz parte de um conglomerado de conteúdo jornalístico. Um agravante para a verificação de fato ou fake, reside em que os portais de notícias falsas têm um tempo de atividade curto, dificultando a consulta posterior do conteúdo em fontes primárias, como observado por pesquisadores. Isso leva à utilização de outras ferramentas, como as redes sociais, para propagar essas notícias falsas (Genesini, 2018; Monari; Bertolli Filho, 2019; Vieira Jr; Pelúcio, 2020).

Entretanto, nas redes sociais, as postagens e conteúdo compartilhados prevalecem sobre a fonte original, mesmo que o website que as originou desapareça, favorecendo a disseminação de notícias falsas, pois a visualização dessas notícias em dispositivos móveis ou no feed de notícias do computador pode dificultar a verificação da veracidade do conteúdo apresentado (Santos, Casa Grande e Velozo, 2023; Silva *et al*, 2023; Fernandes e Fernandes, 2023).

Posto que o conteúdo desapareça ou esteja envolto em tantos outros, pode-se perceber a importância da associação entre a notícia veiculada e o portal de notícias, o que confere ares de credibilidade. Torna-se evidente que a associação entre o conteúdo desinformativo e a notícia pode gerar consequências trágicas, como no caso da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, assassinada por linchamento em 2014, após a divulgação de um boato pela página Guarujá Alerta no Facebook. No boato veiculado com a exposição do retrato falado da suspeita como

sequestradora de crianças na prática de ritual de magia negra, gerou indignação, confusão, revolta e reações agressivas de populares, culminando na morte da vítima.

Nota-se que a incitação virtual provoca e atinge muitas pessoas ao mesmo tempo agravando as implicações de uma notícia falsa. Constatamos que, nos últimos anos as publicações têm procurado alertar sobre os mecanismos nocivos da chamada pós-verdade como os estudiosos Rais (2019), Alves e Maciel (2020) e Costa (2021), entretanto, a rapidez com que as notícias circulam tornam esse processo desafiador, pois, não se acompanha o ritmo acelerado da propagação de *fake news*.

Figura 7- Exemplo de Fake News

MATÉRIAS / FAKE NEWS

VÍTIMA DE FAKE NEWS: O LINCHAMENTO DE FABIANE MARIA DE JESUS

Após página de redes sociais publicar uma informação falsa, Fabiane foi perseguida, linchada, torturada e brutalmente assassinada por populares

 POR FABIO PREVIDELLI
 FPREVIDELLI_COLAB@CARAS.COM.BR
 PUBLICADO EM 06/04/2020, ÀS 18H04 -
 ATUALIZADO EM 27/12/2023, ÀS 12H03

Fonte: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco-es/painel-de-che-cagem-de-fake-news/onde-che-car/>

Observa-se que combater a circulação de informações falsas³⁷ e, conseqüentemente, a desinformação, tanto no meio científico quanto no dia a dia, esbarra em um cenário que precisa priorizar a educação e a informação verificada, comprovada, atestada em sua veracidade. Mas, também, faz parte de um contexto maior em que o cenário político também está incluído. Para Souza K. (2017), a educação midiática possui relevância, pois somos bombardeados todos os dias, o

³⁷ <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/neste-1o-de-abril-relembre-nove-fake-news-que-marcaram-o-cenario-politico-do-brasil>

dia inteiro, por informação. Essa visão se encontra compartilhada nos relatos de Santaella (2019) e Vieira Jr e Pelúcio (2022).

3.2- Fake news: implicações e prejuízos para o debate educacional

No contexto educacional brasileiro, um episódio marcante da história intitulado, o caso da escola Base, revela a intensidade do caos causado por uma mentira explícita na mídia. Em 1994, um evento foi divulgado pela imprensa em todo o país numa reportagem de capa do jornal 'Notícias Populares', de forma polêmica, precipitadamente, acusando um casal, proprietários de uma escola particular no bairro da Aclimação, de estupro de crianças. Conseqüentemente, ocorreu a depredação da escola e os acusados tiveram que mudar-se de cidade, pois foram ameaçados de morte. O laudo do IML Instituto Médico Legal, comprovou que nunca houve abuso: as crianças tiveram apenas desarranjo intestinal. Desse modo, sem qualquer chance de defesa, ambos tiveram suas vidas arruinadas e a escola fechada no mesmo ano.

Figura 8 - Fake News na Educação



Fonte: Capa do "Notícias Populares" de 31 de março de 1994. notícia falsa sobre a Escola Base-Foto: reprodução.

Reforçando que as *fakes news* não se configuram um fenômeno atual, entende-se que as mídias digitais alavancaram a divulgação, ampliando os meios de acesso e propagação das notícias, independentemente de serem verdadeiras. Existem *websites* que se dedicam a criar notícias enganosas, muitos dos quais

encontram-se nomeados de forma a se assemelhar a organizações e portais legítimos. Além disso, alguns desses, divulgam conteúdo satírico que pode levar os leitores a acreditar erroneamente que se refere a algo factual (Monari; Bertolli Filho, 2019; Vieira Jr; Pelúcio, 2020).

À vista da preocupação de sites de notícias considerados sérios e éticos, possuírem associação a outros cujo conteúdo veicula *fake news*, ainda que em formato de linguagem midiática humorística, como os chamados '*memes*', tais sites contribuem para o impacto negativo da disseminação de informações falsas por parte daqueles que compartilham esse tipo de conteúdo. Diante dessa postura torna-se necessário ponderarmos em relação a outros conteúdos desinformativos veiculados nas redes sociais, inclusive *memes*, como definido por Vieira Júnior e Pelúcio (2020, p. 90).

O meme foi anteriormente adotado como um conceito vindo da sociobiologia, antes de cair nas graças das redes sociais e posteriormente ser definido como todo viral que se propaga pela rede web. Enfim, tudo aquilo que se espalha (se repete) pela internet em frases, fotos, vídeos, entre outros, adotando linguagens verbo-visuais (Vieira Júnior; Pelúcio, 2020, p.90).

Desse modo, o *meme* torna-se amplamente difundido em várias redes sociais apresentado em diferentes formatos, como textos ilustrados, vídeos e imagens e, se torna relacionado a informações falsas, também pode ser considerado como uma forma de *fake news*. Um exemplo disso pode ser observado na imagem abaixo.

Figura 9- Fake News, política e educação



Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/09/resposta-critica-de-frota-ao-banheiro-unissex-da-esquerda-viraliza-nas-redes.html>

Na imagem apresentada, o início de uma postagem na rede social *Twitter* torna-se uma análise em refutação ao compartilhamento de um *meme* pelo deputado federal Alexandre Frota, sugerindo como seria a utilização de um banheiro unissex. A postagem alcançou a rotulação como *fake news*, o que permite inferir que o *meme*, enquanto conteúdo desinformativo, também pode ser denominado notícia falsa.

A consideração equivocada de que *fake news* se resume apenas a um *meme* compartilhado, evidencia-se uma tentativa de minimizar as consequências provenientes da disseminação dessas informações falsas. No entanto, *fake news*³⁸ refere-se a uma terminologia atual utilizada para classificar conteúdos desinformativos veiculados nas redes sociais. Portanto, o processo de verificação atribui a esses conteúdos o *status* de falsidade, conforme dito anteriormente (Monari; Bertolli Filho, 2019; Cerruti; Baldo, 2020).

A relação entre *fake news* e a educação torna-se extremamente preocupante, especialmente no que diz respeito à disseminação de desinformação. Desse modo, notícias fraudulentas se encontram produzidas com o intuito de manipular as pessoas, se tornando particularmente perigoso, sobretudo, porque encontram-se elaboradas com recursos eficazes e amplificadas através da tecnologia automatizada (Monari; Bertolli Filho, 2019; Cerruti e Baldo, 2020; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023; Silva *et al*, 2023; Fernandes e Fernandes, 2023).

Para os estudiosos, seja no âmbito educacional, jornalístico ou político, a mentira e a manipulação não devem se tornar os elementos principais do discurso, pois isso prejudica a capacidade do espaço público de revelar novas perspectivas do mundo (Monteiro, Lima-Berton e Asinelli-Luz, 2020). A educação também enfrenta ameaças, não apenas em relação à verdade dos fatos, mas também em relação à transmissão das experiências e narrativas do mundo comum às próximas gerações. Assim, diante de análise, identificamos três temáticas recorrentes de *fake news* a respeito da educação no Brasil: gênero, material escolar e doutrinação. Esses temas tornam-se frequentemente abordados em conteúdos desinformativos veiculados nas redes sociais. Abaixo a imagem ilustra essa questão.

³⁸ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/07/5107851-eduardo-bolsonaro-diz-que-professor-doutrinador-e-pior-que-trafficante.html>

Figura 10- Kit gay exibido por Bolsonaro no JN (2018).



Fonte: <https://revistaforum.com.br/politica/2018/8/28/kit-gay-livro-mostrado-por-bolsonaro-no-jornal-nacional-nunca-foi-distribuido-em-escolas-33791.html>

As notícias falsas relacionadas ao gênero frequentemente se referem à expressão ‘ideologia de gênero’ para abordar assuntos que não estão realmente relacionados às discussões sobre gênero. Para Maracci; Machado (2022), essa temática se origina do discurso religioso e foi inserida no debate sobre educação como uma questão moral defendida por políticos de direita e setores conservadores da sociedade brasileira. A associação entre ‘ideologia de gênero’ e a presença de banheiros compartilhados em escolas, por exemplo, foi criada com o intuito de promover um discurso sobre educação, atribuído aos desejos da esquerda brasileira.

A partir das análises realizadas nos conteúdos constata-se que tanto o compartilhador quanto o leitor de *fake news* apresentam imagens relacionadas à ideia de aparelhamento da área da educação pela esquerda. Parte desse aparelhamento ocorre por meio do material escolar. Dessa forma, torna-se evidente nas análises que o objetivo do ‘kit gay’ consistiu em destruir a instituição familiar, permitindo assim que as futuras gerações sejam controladas pelo Estado (Sibilia, 2018; Maracci; Machado, 2022; Eisenstein, 2023). A esquerda concentra seus esforços na área da educação para minar a estrutura familiar, visto que, nas escolas,

as crianças são separadas de seus pais e 'entregues' à responsabilidade do Estado, que as 'ideologiza' ao perverter os valores dos pais e apresentar os seus próprios. Os professores, considerados 'doutrinadores'³⁹ pela esquerda, atuam como representantes do Estado e propagadores da ideologia esquerdista (Maracci; Machado, 2022).

Figura 11 - Exemplo de rotulação na educação



Desta forma, a partir das análises realizadas nos conteúdos pode-se observar que os conceitos de formações imaginárias revelam que tanto o compartilhador como o leitor de *fake news* possuem imagens preconcebidas sobre a educação, focadas no aparelhamento da área pela esquerda. No contexto das eleições de 2018, diversas temáticas como ideologia de gênero, 'kit gay'⁴⁰ e "doutrinação" foram associadas à área da educação e ao candidato Haddad. Frase atribuída ao então candidato Fernando Haddad sobre decisão do Estado sobre crianças e verificada como *fake news*.

³⁹ <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2023/05/06/professora-e-demitida-apos-deputado-critica-la-por-usar-camiseta-com-frase-de-artista-plastico-renomado-seja-marginal-seja-heroi.ghtml>.

⁴⁰ <https://www.dw.com/pt-br/livro-popularizado-pela-fake-news-do-kit-gay-faz-20-anos/a-58047603>

Figura 12 - Exemplo de Fake News na educação



Fonte: <https://ibpad.com.br/politica/fake-news-e-eleicoes-de-2018/>

Assim, essas associações, presentes nas *fake news* analisadas, contribuíram para a criação de um discurso sobre educação que dificultava a possibilidade de o candidato promover mudanças positivas nessa área, caso fosse eleito. Conseqüentemente, essas narrativas construíram a imagem de um candidato que não teria condições de implementar melhorias na educação, perpetuando assim a ideia de que não seria uma escolha viável (Maracci; Machado, 2022).

Portanto, a educação tornou-se reiteradamente mencionada nas *fake news* de 2018 como uma ferramenta utilizada pela esquerda para destruir a sociedade de forma sutil e moralmente questionável. Acredita-se que a área precisa passar por uma moralização, com a adoção de novas diretrizes que evitem a abordagem de temas que possam ameaçar a instituição familiar. Além disso, torna-se defendido o

controle do material escolar distribuído aos alunos e das aulas ministradas pelos profissionais da educação, a fim de evitar que ideologias pessoais sejam transmitidas para outras pessoas. À vista disso, faz-se necessário ressaltar que essas considerações têm sido feitas no contexto das *fake news* de 2018, e não necessariamente refletem a realidade atual da educação (Cerruti e Baldo, 2020; Maracci; Machado, 2022; Silva, P, 2023; Mèlo, 2023).

A disseminação e o poder das *fake news* se tornaram incontrolláveis, resultando em uma ampla propagação de discursos intencionalmente produzidos para enganar e distorcer os fatos. Dessa forma, a desorientação causada pela mentira disseminada e o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) também são temas abordados na Base Nacional Comum Curricular-BNCC (Brasil, 2018).

Em que pese o potencial participativo e colaborativo das TDIC, a abundância de informações e produções requer, ainda, que os estudantes desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas (*fake news*), de pós-verdades, do *cyberbullying* e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias (Brasil, 2018).

Constata-se que a propagação de *fake news*, seja em qualquer segmento da sociedade, se consolida como um obstáculo significativo para o desenvolvimento social, científico e uma educação crítica. Dessa forma, professores em todos os níveis de ensino enfrentam o desafio de lidar com esse fenômeno contemporâneo. Acerca do combate às notícias falsas, a educação assume importante papel, ajudando a desenvolver atitudes críticas diante da disseminação de informações falsas, especialmente em situações de risco à saúde, como a pandemia da Covid-19, que desvaloriza o conhecimento científico, e, sobretudo, auxiliando os estudantes a pensarem sobre a realidade e veracidade dos fatos, antes de divulgar (Monari; Bertolli Filho, 2019; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023; Silva, P, 2023; Fernandes e Fernandes, 2023). Desse modo, a concepção freiriana torna-se a principal referência para essa educação crítica, reconhecendo o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem e o professor como um pesquisador. Portanto, através do movimento de pesquisa, indagação, desconstrução e reconstrução, torna-se plausíveis que o professor, em conjunto com os alunos, apresente uma leitura do mundo que promova conscientização e, conseqüentemente, estimule a

ação transformadora da realidade (Freire, 2017, p.21), “insiste em convencer-nos de que nada podemos fazer contra a realidade social”.

Nesse contexto, as notícias falsas compartilham mecanismos de propagação semelhantes. Segundo Fontana Filho (2018, p. 41), se espalham principalmente de forma oral entre camadas da população com menos instrução e informação. Além disso, costumam seguir roteiros conspiratórios e delirantes. Ademais, no atual cenário de ampliação do uso da internet, não se pode dissociar o fenômeno das *fake news* das tecnologias digitais e das redes sociais.

No viés educacional, crianças e jovens, em pleno desenvolvimento cognitivo, revelam-se vulneráveis aos efeitos nocivos das notícias falsas e dos processos de desinformação gerados. Devido a essa preocupação, a UNESCO se manifestou sobre os distúrbios causados pela má utilização das tecnologias e das redes sociais. Assim sendo, reitera-se a importância da educação, especialmente nas redes públicas de ensino que, encontram-se frequentadas, em grande maioria, pelas camadas populares da sociedade. Para Fernandes e Fernandes (2023, p.47) no contexto contemporâneo de pós-verdade, “em que as *Fake News* ofuscam os fatos, a verdade e a mentira ficam opacas; sendo assim, o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes na educação básica é de extrema importância [...]”.

Enfatiza-se que a educação desempenha um papel fundamental nesse processo abarcando dois aspectos distintos. O primeiro refere-se à natureza instrumental da educação, ou seja, ao domínio das tecnologias digitais da informação e comunicação, bem como à utilização das plataformas e redes sociais como recursos. Essa interação se torna benéfica no espaço escolar e na construção dos valores, bem como, transmissão de cultura aliada à verdade dos fatos. Os pais e professores, preocupados com a realidade das *fake news*, e o excessivo tempo dos jovens em plataformas de entretenimento como o Tik Tok, são impelidos a dominar as tecnologias como forma de incentivar o papel crítico do receptor de conteúdos (Fernandes e Fernandes, 2023).

Com a crescente utilização desses recursos no processo de ensino e aprendizagem, e a aceleração causada pela pandemia do novo coronavírus, tornou-se imprescindível que a escola oriente os estudantes sobre o uso adequado das tecnologias, de forma a possibilitar um melhor aproveitamento dos mesmos para a sua aprendizagem. De acordo com Silva e Carneiro (2022) se torna visível a

necessidade premente das instituições de ensino em fomentar ações e diretrizes claras sobre o uso das tecnologias, a fim de auxiliar os alunos na otimização do ensino- aprendizagem. As afirmações acima mencionadas são similares ao pensamento expresso por Motta e Frigotto (2017) e Kaufman e Santaella (2020).

O segundo aspecto, elencado por Silva *et al* (2023, p.129) como consequência do primeiro, diz respeito ao processo educativo para “à formação a partir do desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas que resultem em análises críticas das informações disseminadas”. Assim, surgem oportunidades e possibilidades de se desenvolver uma postura atenta e comprometida contra a desinformação e seus efeitos negativos.

Complementando, Fernandes e Fernandes (2023, p.44) reforça que “o fluxo contínuo de informações e comunicações no ciberespaço conectam pessoas e máquinas em relações multidirecionais, nesse território virtual”. Esse duplo aspecto abrange a importância de uma educação digital crítica defendida por outros pesquisadores como Mélo (2023), Lopes, N. (2018), Lopes, M, (23) e Almeida (2020, p.188). Esse último faz um alerta sugerindo que “Um ensino inovador deve fundamentar-se no conhecimento prévio do aluno, dando-lhe espaço e voz ativa, para que assim ele visualize o caminho que percorrerá pelas malhas digitais, por meio da interatividade, até seu objetivo final”.

Dessa forma, no momento em que a mentira se enraíza na sociedade, a educação assume o papel de resgatar os fragmentos das histórias do mundo comum, o que se configura como um ato de resistência. Para Fernandes e Fernandes (2023, p.45) o âmbito da pós-verdade tende a instituir consequências desafiadoras para a educação, chamando à reflexão “sobre como ensinar os estudantes na/da educação básica a distinguir verdade e mentira nas informações que circulam no digital em rede”. As afirmações acima referidas encontram respaldo nos relatos de Adams e Souza (2016), Almeida (2020) e Silva *et al*, (2023).

Além disso, a educação tem como propósito apresentar às futuras gerações um legado cultural caracterizado pela diversidade. Portanto, enfrentar a mentira organizada que busca controlar a realidade e o passado se torna uma tarefa que a educação deve assumir, consoante à educação orientada para a cidadania, defendida por Freire (2017). Pressupõe uma educação que estabeleça conexão com a cultura, com o conhecimento e com a sociedade, despertando no estudante consciência sobre a realidade, sobre os problemas sociais. As argumentações

referidas encontram-se convergentes com as colocações de Fernandes; Fernandes (2023) e Mèlo (2023).

Diante do exposto, entende-se que a mentira organizada se constitui em uma ameaça não apenas à verdade, mas também à democracia, à educação e a toda a sociedade contemporânea. De acordo com a percepção de Fernandes e Fernandes (2023, p.47) “O pensamento reflexivo implica tomar iniciativa, ampliar saberes, eliminar dúvidas e resolver problemas, competências que viabilizam o letramento informacional”. Para os estudiosos citados, as pessoas, os estudantes letrados informacionalmente apresentam condições de avaliar e organizar as informações que lhes são relevantes. E, esta realidade se encontra inserida no processo de aprendizagem que ocorre no decurso da vida.

Nota-se que as discussões a respeito da escola na contemporaneidade têm se dirigido às novas linguagens de ensino e aprendizagem mediados pela utilização de dispositivos móveis e do acesso às plataformas digitais, propondo repensar a emergência, a implantação e a inserção de novas metodologias e espaços de formação na prática pedagógica. Atualmente, o uso dos artefatos culturais digitais e a cibercultura possibilita enxergar múltiplos locais de aprendizagem e de formação para os sujeitos. A inovação se sobrepõe e cabe à escola perceber ações. Descobrir como pode contribuir no diálogo com os projetos que os estudantes/usuários desenvolvem no interior das famílias, comunidades, periferias, e outros setores sociais (Santos, Dantas e Nascimento, 2020).

Interessa à escola, por intermédio de professores capacitados no domínio das TDIC's estabelecer um projeto pedagógico dinâmico, ajustado e facilitador da formação de pessoas com a habilidade de ler politicamente a mídia e de continuar dialogando e interferindo, de modo crítico e ativo, em seu entorno, no ambiente escolar ou para além dele. Para Santos, Dantas e Nascimento (2020, p.128) “A escola também pode utilizar desses recursos para a construção de novas práticas pedagógicas e ressignificação das antigas”. Há enorme potencialidade nos modos como os indivíduos se relacionam com as tecnologias e os sistemas informacionais, tanto no que se refere aos seus aspectos positivos, quanto no que diz respeito aos elementos negativos como *fake news*.

A escola, como mediadora de uma pedagogia cultural, legitima práticas sociais, embora não atuando sozinha. A sala de aula propicia negociações e mediações entre o que está fora e dentro de seu espaço; entre o que pode entrar e

sair de circulação, mesmo que não tenha controle absoluto sobre isso. Sendo positivo inclusive essa condição, pois o controle, enquanto dominação absoluta inibe a criatividade do indivíduo, oportunizando ressaltar a visão marcusiana de que a alienação supõe a dominação que por sua vez, inibe a liberdade.

Se por um lado, a criação de narrativas manipuladas por aqueles que detêm o poder tenta impor uma visão unilateral e controlada da realidade, conforme discorrem Marcuse (2013; 2015), Souza R. (2017), Oliveira (2017), Sobrinho e Gadanha (2022), dentre outros que fundamentaram o presente estudo, alertando para a desconsideração da existência de perspectivas alternativas e da pluralidade de vozes.

Por outro lado, a educação pode assumir um papel ativo na resistência a esse processo de manipulação por intermédio do letramento informacional e uso adequado das mídias digitais de informação e comunicação, amplamente defendida por autores como Belloni (2018), Monteiro, Lima-Berton e Asinelli-Luz (2020), Almeida (2020) Mèlo (2023), e outros que enxergam o amplo e diversificado leque de linguagens presente no espaço escolar e que pode colaborar com a abordagem de novos conhecimentos, facilitando a comunicação humana, a interação entre os indivíduos e a manifestação de sentimentos e saberes, sem distorções ou deturpações.

O combate à desinformação, em especial, entre os jovens estudantes se traduz na preocupação de pais e professores, pois sabem que o aluno entra no 'google', por exemplo, e encontra milhares de respostas para suas indagações, contudo, ninguém lhe diz sobre a veracidade das informações que surgem na tela. Portanto, criar, cultivar o hábito da reflexão entre os alunos poderá despertar nos estudantes a habilidade de diferenciar os conteúdos acessados. Torna-se premente que professores e pais abracem essa causa (Almeida, 2020; Mèlo, 2023).

A educação pode pensar no viés da interdisciplinaridade no enfrentamento das Fake News num esforço conjunto. Aguçar o senso críticos dos alunos antecede à formação docente direcionada ao letramento midiático. Todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, compreendendo ser um problema global, mas com especificidades em cada país, cidade, escola e sala de aula (Mèlo, 2023).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo, evidenciou-se reais possibilidades de alienação e toxicidades por meio das mídias digitais na sociedade contemporânea. O acesso dinâmico e rápido a todo tipo de conteúdo no ambiente virtual, dissemina uma cultura digital que, embora oportunize conhecimentos variados num mesmo local, ou seja, em plataformas digitais, ultrapassando os meios convencionais de comunicação em massa, também oportuniza o uso inadequado, portanto, nocivo dessas plataformas, dependendo do interesse, intenções e ideologias. Verificou-se que, muitas comunidades virtuais se estabelecem baseadas em redes de contatos como *Facebook*, *WhatsApp*, *Youtube*, *LinkedIn*, *Instagram*, *Tik Tok*, e outras, pautadas por relações de amizade, comerciais, funcionais ou hierárquicas em uma organização.

Compreendeu-se que tornar as estruturas sociais públicas e influenciá-las pode acontecer por intermédio de ferramentas sociais disponíveis na internet, conforme nominadas anteriormente. As redes sociais funcionam como sistemas permitindo a construção de uma *persona* por meio da criação de um perfil ou página pessoal; a chamada identidade virtual se encontra inserida a um contexto que fomenta relações sob uma conotação de identidade diferente da realidade. As relações midiáticas *online* são caracterizadas por meio das representações dos atores sociais, cuja interação independe de localização geográfica ou de conhecimento prévio do indivíduo ou comunidade na qual se sente 'membro'.

Observou-se que as mídias digitais imprimem símbolos e filtros invisíveis que direcionam os usuários sob a aparente liberdade de escolha ou múltiplas opções. Por meio dessa variedade de conexões se estabelecem relações através das quais, os atores compartilham crenças, informações e desinformações, poder, conhecimento e ignorância, prestígio, *status*, inverdades e posições ideológicas. Esse aparato tecnológico pode conduzir à perda da autonomia e senso crítico do indivíduo, interferindo na estrutura social. A maioria dos estudiosos pesquisados alertaram que a expansão do uso da tecnologia digital, a constante busca por aprovação virtual e as inovações contínuas das plataformas, visando aumentar o

engajamento dos usuários para que permaneçam o maior tempo possível conectados, tem interferido nos diversos aspectos da vida cotidiana das pessoas, em especial, dos adolescentes.

Percebeu-se que novos problemas sociais e comportamentais resultam do manuseio e acesso fácil às TIC's, podendo acarretar mudanças comportamentais significativas, distorções de imagem e até dependência digital. Na esfera social, os adolescentes se mostram susceptíveis às inovações e opções ofertadas por plataformas digitais. A literatura revela que a juventude seduzida pelo imediatismo, se configura 'presa fácil' para o desenvolvimento de vícios, adoecimento e atitudes desajustadas, como o isolamento social, o *bullying*, a automutilação, dentre outras vivências prejudiciais. Tais fatos veiculados na imprensa, confrontam e apontam o excesso de tempo no ambiente virtual, causando toxicidade e comprometendo a capacidade de socialização dos adolescentes. Além disso, muitos indivíduos apresentam dificuldade em distinguir a realidade de sua vida com o que 'consome' no mundo virtual.

Notou-se a ocorrência de uma sobreposição de interesses dentro do ambiente virtual, a qual influencia e interfere na estrutura comportamental e social, consoante à conduta dos indivíduos, pois são as próprias pessoas que moldam e são moldadas pelas redes sociais. Instituições como família e escola também sofrem as implicações do avanço das tecnologias, em especial, das redes sociais midiáticas. Essas últimas influenciam a conduta e postura dos indivíduos nesses ambientes, alterando a forma de agir, enfraquecendo o diálogo e a participação na conversação. Ocorreu uma modificação interacional que resultou em inibição da interação física, dificuldade de analisar as situações de convivência familiar e social, afetando sobremaneira, as relações humanas.

Reconheceu-se que a abertura de espaços, a versatilidade e funcionalidade das diferentes plataformas digitais favorece, em certa medida, a interação. No entanto, a facilidade de 'ter tudo na palma da mão', precisa aliar-se a uma postura atenta, avaliadora, questionadora, crítica em referência aos discursos disseminados, às opiniões e debates conflituosos e à legitimidade do conteúdo postado, divulgado ou acessado. O pensamento ideológico também se encontra atuante na Era da informação, comunicação e tecnologia.

Constatou-se, à luz das proposições de Herbert Marcuse sobre as formas de controle produzirem um sistema social unidimensional e acrítico, um enorme desafio

para a sociedade contemporânea entrelaçada à realidade virtual. A contribuição de Marcuse forneceu elementos robustos para responder ao objetivo geral desse estudo com referência à alienação e toxicidades e as implicações no espaço escolar. À luz da obra marcusiana, percebeu-se que a falsa liberdade surgida na sociedade industrial impõe medo, dominação e controle sobre os indivíduos, e a tecnologia muitas vezes, torna-se explorada inconscientemente devido à busca por conforto. A crítica à sociedade unidimensional com a suposta neutralidade científica e tecnológica, descortinou a necessidade de uma emancipação humana autêntica e verdadeira. O estudo suscitou ainda, questionamentos a respeito dos sistemas de poder e dominação presentes na sociedade contemporânea, que limitam a liberdade e a individualidade.

A linha do tempo das redes sociais e do uso das plataformas digitais, demonstrou as implicações dessas tecnologias como ferramentas de comunicação e interação social amplamente utilizadas na sociedade. Tornou-se possível identificar que as TDIC's têm modificado profundamente a relação com o tempo, uma vez que as redes midiáticas possibilitam uma comunicação instantânea e em tempo real. Isso implica em uma constante conexão, na qual as pessoas se colocam disponíveis para interagir, o que pode gerar tanto benefícios como desafios, como por exemplo, a dificuldade em estabelecer limites e preservar a privacidade.

Evidenciou-se, fundamentado na teoria de Marcuse que as redes sociais exercem um papel na propagação de notícias falsas e na alienação da sociedade atual. A exposição constante das vivências nas redes midiáticas cria um ambiente propício para a construção de identidades *online*, onde os usuários podem selecionar e filtrar as informações que desejam compartilhar. Considerou-se a influência desse tipo de dinâmica interacional, pois modifica e interfere no contexto social dos indivíduos. Constatou-se a criação de narrativas construindo identidades virtuais, contudo, em sua maioria representa apenas 'um recorte' da realidade, ou seja, somente o que interessa ao usuário transmitir. O uso inadequado das redes sociais e outras plataformas digitais disseminam informações falsas e geram efeitos negativos nas relações interpessoais, sociais e no ambiente escolar. Se no passado, os receptores eram consumidores passivos dos veículos de comunicação impressa ou televisiva, nos dias atuais, se deslocaram para o centro dos processos midiáticos. Identificou-se, três temáticas recorrentes de *fake news* a respeito da educação no Brasil: gênero, material escolar e doutrinação.

Tornou-se possível detectar que a inovação tecnológica em diferentes formatos atua, influencia e interfere no processo de ensino-aprendizagem e no meio acadêmico de modo geral. No século XXI, a educação se percebe num contexto em que as novas linguagens emergem transformando as relações da sociedade mediadas pela conectividade. Notou-se que o mundo contemporâneo, repleto de informações viabilizadas pela aceleração tecnológica, impõe à escola uma adaptação contínua. Descortinou-se nesse estudo, a necessidade da reflexão crítica sobre a penetração das mídias no ambiente educativo. Fomentou-se o alerta para o uso excessivo das redes digitais, e, sobretudo, o alerta para que as tecnologias não sejam úteis à perpetuação do sistema excludente que promove uma educação submissa ao capital. Constatou-se que as escolas precisam de tecnologias para melhorar o ensino, mas também precisam implementar reformas pedagógicas não pautadas e orientadas somente por políticas públicas que, embora necessárias, não devem promover interesses dominantes pautados no neoliberalismo que esvazia a potencialidade das TDIC's enquanto ferramentas de autonomia e consciência crítica. Cabe à escola formar cidadãos reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, tornando-os aptos a contribuir para a construção de uma sociedade igualitária e a desconstrução de formas de controle e dominação.

Atentou-se que a propagação das plataformas digitais impulsionou o acesso a informações, independente da natureza, e, os estudantes, em sua maioria foram seduzidos por essa tecnologia inovadora. A escola sentiu essa mudança e a responsabilidade de ajustar o ambiente de sala de aula. As TDIC's abrem essa possibilidade de se adentrar no universo tecnológico através da proposição de uma educação instigadora, integradora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino. O trabalho pedagógico abrange diferentes tipos de linguagens: oral, escrita, plástica, musical e, inclusive, a virtual. Por conseguinte, o docente precisa inserir no cotidiano da sala de aula, as atividades com as tecnologias digitais, oferecendo ao aluno experiências significativas em diferentes aplicações dentro das práticas pedagógicas e na mediação da aprendizagem.

Identificou-se a importância dos recursos midiáticos no contexto educacional através da utilização da internet como ferramenta didática envolvente e criativa, contendo elementos que contribuem para captar a atenção dos alunos auxiliando na aprendizagem. Distinguiu-se, o potencial do professor se valer da tecnologia

atuando em outros aspectos interacionais, em particular, na informação e combate às *fake news* no espaço escolar. Compreendeu-se o papel fundamental da escola na formação de estudantes, na orientação sobre a importância da verificação de informações, da diversidade de fontes e da análise crítica das mensagens veiculadas nas mídias. Existe influência das redes sociais na formação da subjetividade dos indivíduos. A exposição a diferentes informações e opiniões nas redes de conexões pode impactar a maneira como os usuários se veem, percebem o mundo, seus valores e crenças.

Notou-se que escola possui a missão de incentivar o desenvolvimento de habilidades de discernimento e reflexão, para que os estudantes possam lidar de forma crítica e consciente com o conteúdo encontrado nas mídias digitais. Atribuiu-se valor ao papel do conhecimento científico como uma forma de investigação sistemática e disciplinada, em contraposição à propagação atual de informações fragmentadas e passageiras. Evidenciou-se que a falta desse conhecimento sistematizado resulta na recusa da ciência e no aumento da disseminação de notícias falsas.

Constatou-se a existência de *fake news* ao longo da história. Nações imbuídas de ideologias de dominação, controle e guiadas pelo autoritarismo em sistemas de governo ditatoriais valeram-se da veiculação de notícias falsas e se tornaram uma máquina de propagação de mentiras, manipulando a opinião pública. A repetição sistemática de mentiras para transformá-las em verdades aceitas pela sociedade foram úteis naquela época. Evidenciou-se que notícias repetidas exercem um efeito significativo na percepção da realidade pelos indivíduos. No contexto educacional, *fake news* causam prejuízos substanciais, comprometendo a formação crítica dos estudantes, uma vez que podem ser influenciados por informações incorretas, parciais e enganosas. Pode, inclusive, conduzir a uma compreensão distorcida da realidade, prejudicando o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de discernimento.

Tornou-se reconhecido que as consequências dos excessos virtuais provenientes da exposição constante a imagens através das telas conectadas à internet sobrecarregam o sistema perceptivo. A propagação de informações falsas disseminadas nas redes sociais da chamada sociedade pós-verdade, reforça o equívoco da opinião pessoal se valorizar e sobrepor à verdade dos fatos. A falta de verificação e análise crítica das informações contribui para a propagação de

discursos de ódio e preconceito, prejudicando o ambiente de convivência. Identificou-se que a própria mídia revelou o perigo das *fake news* ao divulgar pessoas tiveram sua vida e privacidade expostas em postagens enganosas, conteúdos forjados, manipulados que resultaram em sofrimento, danos físicos, morais, emocionais, dentre outros. Verificou-se a gravidade do fenômeno *fake news* em diferentes setores da sociedade. A criação de narrativas manipuladas, impõe uma visão unilateral e controlada da realidade. Tornou-se evidenciado que a disseminação e o compartilhamento irresponsável, sem verificação da procedência e das fontes, bem como as notícias falsas, ganharam espaço no âmbito político, mas também em outras áreas, como na saúde. Por ocasião do período pandêmico, os efeitos da desinformação associada à divulgação em massa de notícias falsas, levou pânico e agravou a situação da pandemia.

Despertou-se, através desse estudo, o entendimento de que utilizando as tecnologias de forma ética e responsável e a escola devidamente preparada para integrar as mídias digitais às práticas pedagógicas, capacitando os professores e promovendo uma educação voltada para o uso adequado das mídias, essa conduta pode atenuar as consequências negativas provenientes da propagação de informações falsas e das toxicidades das mídias digitais. A transformação pode acontecer por intermédio dos profissionais da educação, somando esforços com a família e a sociedade, tendo as ferramentas tecnológicas, o conhecimento científico e acadêmico como aliados na aquisição e defesa da liberdade e assumindo, numa abordagem qualitativa, o protagonismo no próprio processo de mudança. Implicará, da parte do indivíduo, em uma mudança de postura, apropriando-se do conhecimento de forma reflexiva, criativa e participativa. A ciência e a tecnologia empregadas em favor da liberdade individual, pode colaborar para o combate das *fake news* e para a emancipação do indivíduo.

Espera-se que a presente dissertação, embora não preencha todas as lacunas sobre o assunto, possa contribuir para a produção acadêmica, ao lançar luz em questões relevantes e atuais numa reflexão dos problemas, mas, sobretudo, pensando em possíveis caminhos para enfrentar os desafios do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Pretende-se, que o estudo forneça uma contribuição para a sociedade ao abordar assuntos que afetam a vida cotidiana das pessoas. Ajudar na compreensão das consequências dos fenômenos e incentivar a criação de medidas que favoreçam

uma cultura de paz nas escolas por meio das plataformas digitais e combate das *fake news*, reduzindo os riscos e possibilitando um ambiente virtual seguro e saudável para todos os usuários das redes e nas escolas. Quando a escola dialoga com as tecnologias digitais constrói pontes, desfaz estereótipos e inverdades, abrindo caminhos entre os campos formais e informais da Educação.

5. REFERÊNCIAS

ADAMS, A.; SOUZA, A. E. Linguagem e educação: reflexões acerca das novas tecnologias da comunicação. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 169-179, jan./abr. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ld/a/7GvL939kXgV7NF38nFbDnnP/?format=pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

ALMEIDA, H. C. Influência das novas tecnologias na educação: linguagens, leitura e escrita. (Dissertação). Pós- Graduação em Linguística Aplicada na Educação. Palmas, TO. **Revista Sítio Novo**, v.4, n.1, p.185-198, jan/mar. 2020. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/316>. Acesso em: 21 de março de 2024.

AGÊNCIA LUPA. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional/2019/12/03/lupa-cpmi-fake-news>. Acesso em: 20 de março de 2024.

ALVES, M. A. S.; MACIEL, E. R. H. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Revista Internet & Sociedade**.v.1, n.1, p.144-171, jan. 2020.

BELLONI, M. L. **Raciocínio e sociedade midiática**. São Paulo: Paulus, 2018.

BERTOLINI, J. **O contrato social da imprensa: por um Leviatã do jornalismo**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v.4, n. 1, p.208, agosto, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v3i1.6673>. Acesso em 20 jul. 2023.

BEZERRA, M. A. A.; ARAÚJO, E. A. de. **Reflexões epistemológicas no contexto do Orkut: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade** Perspectivas em Ciência da Informação, v.16, n.2, p.3-17, abr./jun. 2012. Acesso em: 15 de março de 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site Acesso: 20 mai. 2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Ensino Médio)**. Brasília, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN (Ensino Fundamental)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CERUTTI, E.; BALDO, A. P. Da ambiência do aluno à prática docente: olhares sobre as tecnologias digitais em sala de aula. **Ecos Revista Científica**, v. 55, p.8349, 2020.

COSTA, T. S. **O impacto das redes sociais na saúde mental: um estudo sobre a relação entre o uso excessivo de redes sociais e o sofrimento psíquico em usuários**. São Luís, 2021; 53 f.

COSCARELLI, C.V. (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 192 p.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. A. *Fake news* nas redes sociais *online*: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, v.18, n.32, p.155-169, 2018. Universidade de Coimbra, Portugal. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/mj/v18n32/v18n32a12.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2024.

EISENSTEIN, E. Crianças, adolescente e a Era digital: benefícios e riscos. **Instituto Ivoti**. Graduação, Pós- Graduação e Extensão. v.11, n.1, p.7-14, jan- jun., 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374464229_Crianças_adolescentes_e_a_era_digital_benefícios_e_riscos. Acesso em: 15 de março de 2024.

FALEIROS, J. L. **Violência Midiática**: a necessidade de seu reconhecimento para a efetivação dos direitos das mulheres. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/24003>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

FERNANDES, I. C.; FERNANDES, T. Letramento informacional no combate às fake news na educação. **Revista Docência e Cibercultura**, v.7, n.2, jan-abr., p.41-51, 2023.

FRANCO, I. **Redes sociais e a EAD**. In Fredric, M. e Formiga, M. (Orgs.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson, 2012.

FRAZÃO, A. **Algoritmos e inteligência artificial**. Artigo publicado no portal Jota em 16 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/algoritmos-e-inteligencia-artificial-15052018>. Acesso em: 20 set 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GENESINI, S. A pós-verdade é uma notícia falsa. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p.45-58, janeiro/fevereiro/março 2018.

HANS, B. **No exame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

INSTAGRAM. Disponível em: <https://www.instagram.com/> Acesso em: 05 nov. 2023.

KAUFMAN, D.; SANTAELLA, L. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista FAMECOS**. v. 27 n. 1, 2020: Número Único. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/34074>. Acesso em: 20 set 2023.

LOPES, M. R. F. **O uso da internet e das mídias sociais digitais durante o período da pandemia de covid-19 no Brasil**. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, 2023.

LOPES, N. **Fake news pelo WhatsApp é fenômeno sem precedentes no mundo, diz OEA**. UOL, São Paulo, 25 de outubro de 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/25/fake-news-pelo-whatsapp-e-fenomeno-sem-precedentes-no-mundo-diz-oea.htm> Acesso em: 12 jan. 2024.

MARCUSE, H. O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Christiana Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO. 2013.

_____, H. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Christiana Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO. 2015.

MARTINO, L. **Teoria das mídias digitais**. Linguagens, ambientes e redes. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARACCI, J. G.; MACHADO, P. S. Kit gay: mapeando controvérsias nas redes de uma ofensiva antigênero. **Rev. psicol. polít.** v.22 n.53, São Paulo jan. abr. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2022000100004. Acesso em: 20 de março de 2024.

MÊLO, V. N. de O. Mídias na Educação: impactos, contribuições e desafios no processo de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, RJ, v. 23, nº 26, jul. 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/26/midias-na-educacao-impactos-contribuicoes-e-desafios-no-processo-deAprendizagem>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2024.

MOTTA, V. C. da; FRIGOTTO, G. Por que a urgência da reforma do Ensino Médio? Medida provisória nº746/2016 (Lei nº13.415/2017). **Educação & Sociedade**, v. 1, n. 1, p.355-372, 2017.

MONARI, A.C.P.; BERTOLLI FILHO, C. Saúde sem Fake News: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de Fake News do ministério da saúde. **Revista Mídia e Cotidiano**, v.13, n.1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/27618/16539>. Acesso em: 19 de março de 2024.

MONTARDO, S. Selfies no Instagram: implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa. **Galaxia**, São Paulo, *online*, ISSN 1982-2553, n.41, mai-ago., 2019, p. 169-182. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25542019237688> Acesso em: 10 de nov. de 2023.

MONTEIRO, M. P. G.; LIMA-BERTON, T.D. de., ASINELLI-LUZ, A. A importância da inserção da cultura da paz no currículo escolar. **Revista Contexto&Educação**. Ano 36, nº 114, p.301-315, maio/Ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2021.114.301-315>. Acesso em: 20 de março de 2024.

MORAN, J. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

OLIVEIRA, F. T. Apontamentos sobre a tecnologia em Herbert Marcuse. PRIMORDIUM - **Revista de Filosofia e Estudos Clássicos**, Uberlândia, v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/39059>. Acesso em: 22 mar. 2024.

PELISSARI, L. B. Reforma da educação profissional e tecnológica no Brasil como resultado do novo ensino médio. **Rev SciELO em perspectiva**. 2023. Disponível em: <https://pressreleases.scielo.org/blog/author/lucaspelissari/>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.

PORTAL EDUCAÇÃO. **O que é tecnologia?** Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/informatica/o-que-e-tecnologia/48269>. Acesso em: 10 fev. 2024.

PRIOLLI, G. **Carta Capital**. A era da pós-verdade. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/933/a-era-da-pos-verdade> Acesso em: 17 nov. 2023.

RAIS, D. Portal Mackenzie. **O que é "Fake News"**. 2017. Disponível em: <http://portal.mackenzie.br/fakenews/noticias/arquivo/artigo/o-que-e-fake-news/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

RAMOS, P. E. G. T.; MARTINS, A. de O. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Texto Digital, Florianópolis**, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul.dez. 2018.

RECUERO, R. C. **Redes Sociais na Internet: Considerações iniciais**, 2012. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-redes-sociais-na-internet.pdf. Acesso no dia 25 nov. 2023.

_____, R. **Corrida pela Identidade Virtual no Facebook**. 2017. Disponível em: http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/corrida_pela_identidade_virtual_no_facebook.html. Acesso em: 17 nov. 2023.

RODRIGUES, D. Competência em informação e filtro invisível: uma análise dos assistentes inteligentes e do potencial aplicação dos estudos de usuários no ciberespaço. In: Intercom – **Soc. Bras. de Estudos Interdisc. da Comunicação**. XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda – RJ – 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0837-1.pdf>. Acesso em: 17 de nov. de 2023.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SANTOS, J. D. A.; DANTAS, J. O.; NASCIMENTO, J. P. de A. Mídias digitais no cenário contemporâneo e o papel da escola. **Aurora, revista de arte, mídia e**

política, São Paulo. v.13, n.37, p.125-140, fev. mai. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/46237/pdf>. Acesso em: 13 de março de 2024.

SANTOS, A. F. dos; CASA GRANDE, A. L.; VELOZO, A. D. Educação em tempos de fake news, juventude e ensino médio na era pós-verdade: uma revisão integrativa. *Revista Ciberultura*, v.7, n.2, p.102-123, mar. 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373038763>. Acesso em 19 de março de 2024.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SILVA, E. P. R. da. **O discurso das Fake News sobre educação**. (Dissertação). Pós- Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia.2023. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/39213/5/SILVA_Eliton%20Rodrigues%20da.%2000%20discurso%20das%20fake%20news%20sobre%20educa%c3%a7%c3%a3o%20%28vers%c3%a3o%20final%20%29.pdf. Acesso em: 22 de março de 2024.

SILVA, G. R; CARNEIRO, M. C. A crítica da ciência e da tecnologia em Marcuse: Implicações para a educação em ciências. **Rev. Insignare Ciencia**. v.5, n.4, set-dez 2022. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/13046/8654>. Acesso em: 22 de março de 2024.

SILVA, L. G. M.; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeto e Docência**, 5, 6-23. 2014.

SILVA, R. R. D. da. Currículo, conhecimento e transmissão cultura: contribuições para uma teorização pedagógica contemporânea. **Rev. Cad. de Pesquisa**., v.46, n.159, p. 158-182, jan - mar. 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v46n159/1980-5314-cp-46-159-00158.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2024.

SILVA, O. O. N. da, *et al.* Dificuldades e possibilidades da educação crítica em tempos de fake news: uma revisão sistemática. **Revista Docência e Ciberultura**, v.7, n.2, jan-abr., p.124-140, 2023.

SOBRINHO, F. de A.; GADANHA, A. D. “As novas formas de controle”, consolidação do pensamento unidimensional na sociedade do capitalismo avançado conforme Hebert Marcuse. **Revista Dialectus**, v.11, n.26, jul-ago, p.59-73, 2022.

SODRÉ, M. Comunicação e voz cidadã. In: MOULLIAUD, M.; PORTO, S. D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

_____. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012a.

SOUZA, K. Impacto do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v.3, n.3, p. 204- 217, set. dez, 2019. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/156>. Acesso em: 20 março de 2024.

SOUZA, T. R. de. Análise sobre as novas formas de controle no Estudo da Ideologia da Sociedade Industrial de Herbert Marcuse. Paraná: **Diaphonía**, v. 3, n. 2, 2017, p. 116-130. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/18631> Acesso em: 25 fev. 2024.

STATISTA. Social media – Statistics & Facts. 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/1164/social-networks/#dossierSummary>. Facebook: die welt im überblick. **Schweiz: Social Media**, 2. Acesso em: 7 fev. 2024.

SNAPCHAT. Disponível em: <https://www.snapchat.com//pt-br/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

_____. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/snapchat/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

TELEGRAM. Disponível em: <https://tinyurl.com/yclrx6ld>. Acesso em: 05 nov. 2023.

TIKTOK. Disponível em: <https://www.tiktok.com/pt-BR>. Acesso em: 05 nov. 2023.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

_____. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/twitter/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

WHATSAPP. Disponível em: <https://tinyurl.com/yykypc2r>. Acesso em: 05 nov. 2023.

YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/?gl=BR&hl=PT>. Acesso em: 05 nov. 2023.

YOUTUBE: **novos tempos, novos ídolos**. Disponível em: <https://tinyurl.com/y8ssjq4j> Acesso em: 05 nov. 2023.

VALOR ECONÔMICO. Facebook 20 anos: 4 formas como rede social mudou o mundo. Reportagem portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/03/facebook-20-anos-4-formas-como-rede-social-mudou-o-mundo.ghtml>. Acesso em: 12 de fev. de 2024.

VIEIRA JÚNIOR, L. A. M.; PRELÚCIO, L. *Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma ideologia perigosa*. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13447/9350>. Acesso em: 23 de março de 2024.

VOLPATO, B. **Ranking**: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e materiais. Resultados Digitais. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 16 de março de 2023.

ZACHARIAS, V.R.C. **Letramento Digital**: Desafios e Possibilidades para o Ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 16-29.

ZANCAN, C. R. B.; TONO, C. C. P. Hábitos dos adolescentes quanto ao uso das mídias digitais **EDUCA–Revista Multidisciplinar em Educação**, v.5, n°11, p.98-119, mai/ago, 2018. e-ISSN: 2359-087111concentração. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/2647> Acesso em: 12 jun 2023.

WE ARE MELTWATER. Relatório global digital report. 2023. Disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2023-visao-geral-global-resumo-e-relatorio-completo>. Acesso em: 19 de março de 2024.